



«A bandeira do M.J.R. (Movimiento de Izquierda Revolucionária) foi hasteada, durante a noite, no edifício da Embaixada do Chile em Lisboa. Durou algumas horas este acto de libertação, na sequência de um comício realizado em Lisboa de apoio ao povo chileno. (Pag. 5)

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

CAMPO DE DESTERRO EM PLENA REVOLUÇÃO

PÁG. CENTRAIS

OCUPAÇÃO DE MADRUGADA

DEFICIENTES TÊM VOZ NA E.N.

A possibilidade de leitura de um comunicado dos deficientes das Forças Armadas em todos os serviços noticiosos, bem como o espaço de 10 ou 15 minutos entre dois noticiários representam as duas últimas conquistas dos mutilados da guerra colonial a que os trabalhadores da Emissora Nacional deram o seu aval, depois de cerca de duas dezenas de elementos da comissão de luta se terem dirigido, pelas 3 e 30 desta madrugada, àquela estação oficial.

Não se confirma, assim, a notícia posta a propalar de que os mutilados da guerra colonial tenham, de facto, ocupado a E.N. É o próprio comunicado dos trabalhadores daquela estação que no-lo assinala nestes termos: «Não permitir a ocupação da emissão». Atrás, como referimos, garantem uma «programação» entre dez minutos a um quarto de hora para leitura de documentos ou textos, ou, ainda, para que «os deficientes das Forças Armadas esclareçam ou expliquem ao público as razões da sua luta».

No mesmo texto, os trabalhadores da E.N. que afirmam terem sido algumas instalações ocupadas e não a emissão radiofónica, garantindo e «salvaguardando uma tomada de posição do plenário extraordinário dos trabalhadores a realizar a partir das 15 horas», o que não os coíbiu, conforme realça ainda o comunicado, de considerar «que a luta encetada pelos deficientes das

Forças Armadas é uma luta justa integrando-se na luta mais vasta de todos os trabalhadores.

Continua na pág. 4



REUNIÃO EM ÉVORA

MINISTRO PROMETE RURAIS AGUARDAM

Os graves problemas, derivados da falta de apoio financeiro, com que se debatem os trabalhadores rurais e os pequenos agricultores da zona Sul do País, foram ontem objecto de discussão, numa reunião efectuada em Évora entre representantes das associações de classe dos trabalhadores do campo e o ministro da Agricultura. Após cinco horas de trabalhos, a que os órgãos de Comunicação

C.S.R. REUNIDO HOJE

A 5.^a DIVISÃO DISCUTIDA EM BELÉM

O Conselho da Revolução, está reunido, desde as 15 e 30, no Palácio de Belém. Embora nada tenha sido divulgado, oficialmente, quanto à agenda de trabalhos, sabe-se que os conselheiros se vão debruçar sobre alguns problemas «quentes», como é o caso da 5.^a Divisão do E.M.G.F.A., suspensa e ocupada tempos atrás. O mais significativo desta reunião, contudo, pode vir a ser a análise do relatório do inquérito feito às declarações dos dirigentes do P.P.D., no célebre comício do Porto, em que foi pedida a extinção do M.F.A. e do C.S.R. e Emídio Guerreiro afirmou poder armar 50 000 homens.

Um outro ponto que, ao que julgamos saber, fará parte da agenda do C.R., será um projecto de reestruturação de vários organismos militares, tendo em vista aumentar a eficiência do Copcon. O Conselho da Revolução debruçar-se-á ainda sobre a sua reestruturação interna — divisão dos trabalhos e tarefas, com a constituição de comissões — e sobre a reestruturação da Assembleia do M.F.A. O problema dos deficientes das Forças Armadas, que parece não constar da agenda, deve, no entanto, ser abordado, como prometeu o cap. Mar-

ques Junior ao receber, há dias, uma delegação dos deficientes que se manifestaram em Belém. A actual situação político-militar, com todo o surto reivindicativo de soldados que se tem verificado ultimamente, deve ser também abordada. Esta hipótese ganha consistência, uma vez que ontem, no Estado-Maior do Exército, o general Carlos Fabião presidiu a uma reunião para discutir a indisciplina nos quartéis, na qual participaram os comandantes de todas as regiões militares do País, os directores das diferentes armas e os chefes dos serviços.

Entretanto, esta manhã, a calma era total em Belém, onde se registou apenas a presença do brigadeiro Charais, que, ao que se julga, se terá avistado com o Presidente da República.

Por seu turno, em S.Bento, a actividade foi grande. O almirante Pinheiro de Azevedo chegou a meio da manhã, tendo trabalhado no seu gabinete com os ajudantes. As conversações com os partidos para a escolha de secretários de Estado continuaram, tendo sido recebidos conjuntamente elementos do P.S. e P.P.D. Ao fim da manhã esperava-se que uma delegação do P.C. fosse igualmente a S.Bento. Embora não esteja ainda confirmado considera-se como certo que a nomeação e tomada de posse de todos os secretários de Estado do VI Governo Provisório se verifique amanhã, antes da saída do general Costa Gomes para a Polónia e U.R.S.S.

MOÇAMBIQUE: ONZE ANOS DEPOIS

A luta armada em Moçambique principiou há 11 anos.

Foi em 25 de Setembro de 1964 que a insurreição geral armada até à vitória final sobre o solonialismo português, foi proclamada pela vanguarda revolucionária do povo moçambicano, a Frelimo.

Onze anos volvidos sobre aquela histórica data, o povo moçambicano não comemora hoje apenas a sua vitória sobre as forças opressoras estrangeiras; assinala, também, o esmagamento da reacção interna que, na retaguarda do Exército Popular, apoiando-se no fascismo, no tribalismo e no regionalismo, tentou aniquilar o ímpeto revolucionário da vanguarda moçambicana.

Hoje, em Moçambique independente, o Poder Popular consolida-se. A República Popular de Moçambique torna-se em mais um poderoso bastião anti-imperialista numa zona de África e do Índico seriamente ameaçada pelas manobras bélicas do imperialismo internacional. Reforçando o bloco das nações progressistas da África, da Ásia e da América Latina, aliada natural dos países socialistas, a R. P. de Moçambique constitui mais um importante suporte da luta internacionalista dos povos contra o sistema opressor gerado pelo capitalismo.

O 25 DE SETEMBRO ASSINALADO EM LISBOA

Em Lisboa, a data de hoje é assinalada, na Cidade Universitária, com um comício no qual, além de se prestar homenagem ao povo moçambicano e à sua vanguarda revolucionária, a

Continua na pág. 20

PALMA CARLOS APOSENTADO

Passa a ser pago da sua pensão pela Caixa Geral de Aposentações a partir do próximo dia 1 de Outubro o prof. Adelino da Palma Carlos, na qualidade de catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa em licença ilimitada. Primeiro-Ministro do I Governo Provisório, o prof. Palma Carlos receberá 12 012\$00 mensais.

Outras aposentações agora conhecidas são as dos profs. Antunes de Azevedo (Faculdade de Medicina de Coimbra), Xavier Morato (Faculdade de Medicina de Lisboa) e Vasco Vidal (Instituto Superior de Agronomia), dr. José Manuel Enes Ferreira (inspector superior da Direcção-Geral da Fiscalização Económica), eng. Armando da Palma Carlos (inspector-geral de Obras Públicas), capitão-demar-e-guerra Sousa Uva e coronéis Silva Leitão (Cavalaria) e Franco Simas (Artilharia).

Pequena cirurgia no novo português

Sucessivas operações de pequena cirurgia estão a modificar, a retalhar, a Revolução Portuguesa. Podemos dizer que todo um corpo vivo está a ser lentamente amputado. Conquistas populares estão a ser ameaçadas. O P.S.P. já agrediu, governadores civis negam qualquer representatividade aos Conselhos Municipais. Desenha-se uma tentativa de pôr o Povo no seu lugar de antigamente e, assim sendo, os propósitos do 25 de Abril de 1974, e medidas posteriores, vão-se esbatendo, esbatendo, esbatendo...

Um saneamento sectorial à esquerda mexeu com todo um sistema revolucionário, emperrou o motor que conduziu ao socialismo — e todos nós, de repente, sentimo-nos traídos, magoados por tantas noites de vigília. Por tantos dias de fadiga, de entrega absoluta a um processo que era justo, exacto, científico. Por um amor certo.

Verdade, verdade, encontramos-nos surpreendidos com a tomada de posição de certos oficiais: quando sou a hora «H», o momento das grandes opções, verificou-se um recuo nos seus dizeres e nos seus actos. E, subitamente, um homem sentiu-se abandonado, de mãos vazias, todo um projecto de reestruturação do País caído por terra: Vasco Gonçalves.

E, sem dúvida, caso para perguntar: onde se encontra o quarto movimento de libertação? Será que os capitães de 25 recolheram a quartéis? Se deixaram manietar pela hierarquia? Se meteram na ordem podre de Salazar e de Caetano? Talvez que estas interrogações sejam demasiado pessimista, extremamente imediatas, precipitadas, enfim.

Mas uma coisa, no entanto, é certa: quando uma Revolução deixa de ser uma linha recta, e se vai quebrando no correr do tempo, para se dispor em linhas paralelas, perdeu-se irremediavelmente a força da unidade. Os objectivos divergentes apontados por essas linhas, como é óbvio, entrecrocaram-se — e, então, surge a lei da selva, as pequenas e grandes manobras, as traições mesquinhas, o golpe baixo aplicado no mo-

mento em que algo de positivo se iria conseguir (como, por exemplo, o «Documento dos Nove» na véspera da constituição do V Governo).

Implanta-se, de repente, um «stop». E isso porque são muitos os que temem o salto. Que salto? Ora que salto! É sabido que a passagem do capitalismo ao socialismo, seja em que país for, e seja qual for a forma como se processe, origina em todos os casos um salto de um estado social a outro, uma revolução social extremamente profunda.

«Mas não há nada de particular para cada país que efectua essa passagem revolucionária?» — interrogam-se certos políticos e certos oficiais esprechados numa solução que os não deixa mal de todo.

Esse particular existe, mas não é, de modo algum, um paliativo para democratas timoratos. O que há de particular para cada país que efectua esta passagem revolucionária, é uma ou outra combinação de formas, de métodos, de ritmos concretos de transformação qualitativa dos diversos aspectos da vida social. E isso concebe-se, porque o processo revolucionário é marcado pelas particularidades internas, elas próprias determinadas pelo desenvolvimento histórico do País considerado, pela sua economia, pela sua política, pela sua cultura, pela sua composição nacional, religiosa, etc. Por isso, em cada país se empregam meios diferentes de luta, a ditadura do proletariado se afirma de maneira diferente: as formas da sua organização são diferentes, da mesma maneira que o são as formas e os métodos de edificação do socialismo.

Acontece, no entanto, que essa edificação, num país em revolução, por mais incipiente que ela seja, não se compadece com operações de pequena cirurgia encardas como formas tendentes à construção da sociedade socialista. Há que pôr, em suma, os pontos nos «ii»: ou Revolução ou Reacção. Pequena ou grande cirurgia é que não. E não vale também anestesiá-lo o Povo com o lento correr dos tempos mortos...

PEDRO ALVIM

EDUCAÇÃO E ENSINO

Estudantes do I.S.E.: “para lançar os embriões da escola nova”

«O plano de actividades para este ano lectivo deve ser fruto de uma discussão e decisão por parte dos estudantes da escola, nas quais poderão e deverão participar os professores» — diz «um grupo de estudantes» não identificado senão como do ISE, Instituto Superior de Economia, num comunicado enviado aos órgãos de Informação. Nem por se tratar de «um grupo de estudantes», sem mais, deixaremos de registar a posição que o seu texto assume. Trata-se de uma posição crítica em relação a tendências cupulistas que procurem impor-se agora uma vez mais na direcção e orientação da vida escolar. Este «grupo de estudantes» repudia-a vivamente.

Dizendo a necessidade de o plano de actividades para o ano lectivo começar a ser discutido amplamente pela parte aí mais interessada — os estudantes — estes denunciam: «já os professores estão distribuídos pelas cadeiras que irão dar e, além disso, começaram já a editar na secção de folhas, os textos que determinam os conteúdos dessas cadeiras, com a agravante ainda de que esse conteúdo, pelo menos nalguns casos, ser extremamente reacção — caso da cadeira de História do primeiro ano, em que é editado uma colectânea de textos de conteúdo nitidamente reacção».

«Quem deve participar nesta discussão e decisão são as massas estudantis e não meia dúzia de pessoas, por mais bem intencionados que estejam» — prosseguem estes estudantes do ISE no seu comunicado. «Não podemos assim, igualmente, deixar de re-núciar o facto de não estarem

a ser feitos todos os esforços para convocar os estudantes para a escola, mostrando-lhes a importância que tem a sua participação neste processo, que é deles e para eles, e que terá que se traduzir numa destruição completa e sistemática de tudo o que é velho e caduco na nossa escola, desde as matérias aos métodos de ensino e às formas de adquirir os conhecimentos e, no seu lugar, lançar os embriões da Escola Nova, que devem ter como pressuposto geral uma ligação íntima com a realidade exterior à escola e uma integração na política do controlo operário que começa a ser uma realidade de norte a sul do País, abrangendo todos os sectores da sociedade, e dirigida pela classe mais revolucionária do nosso país: a classe operária».

O comunicado deste grupo de estudantes responsabiliza o Conselho Directivo do ISE pela situação em que as coisas se processam nesta escola, como na generalidade das escolas, aliás.

A QUESTÃO DAS COLOCAÇÕES

Reuniram anteontem em Lisboa os Executivos Nacionais do Sindicato dos Professores. Objectivo da reunião: analisar e discutir o problema das colocações no Ensino Preparatório e Secundário. Na sequência da reunião, uma delegação deslocou-se ao MEIC para entregar ao ministro Vítor Alves um memorando acerca da questão.

O texto entregue a Vítor Alves começa por considerar a garantia formal, por parte do

Ministério, de que «serão tomadas as medidas necessárias no sentido de prover noutras funções, que não as docentes, mas dependentes do MEIC, agentes de ensino que, tendo prestado serviço no ano lectivo anterior, não foi possível, porém, colocar». E considera que a redacção de um passo do decreto de onde se extrai o acima transcrito «entre em contradição com a garantia atrás referida, ao deixar prever a hipótese de que agentes de ensino não providos em funções docentes não recebem qualquer remuneração a partir de 30 de Setembro e até ao momento em que exerçam novas funções».

O texto dos executivos diz que os professores não são os responsáveis pelos atrasos nas colocações e apresenta sete exigências fundamentais.

Transcrevemos: 1 — «Exigir a anulação do referido 2 do 10.º do Dec.-Lei 409-A-75» (trata-se da passagem acima transcrita). 2 — «Exigir o pagamento integral dos vencimentos a todos os agentes de ensino que leccionaram em 74-75, nas escolas em que leccionaram, até serem providos noutras funções». 3 — «Exigir que não sejam postas quaisquer restrições à garantia de trabalho referida no art.º 8.º 1.º do referido decreto». 4 — «Exigir ao MEIC os dados necessários para um levantamento estatístico da situação». 5 — «Exigir uma reformulação da legislação sobre horários nocturnos (no sentido de que cada aula nocturna seja contada para efeitos de horário por 1 hora e meia». 6 — «Rigoroso cumprimento da proibição de acumulações e horas extraordinárias, de acordo com o definido na entrevista

do MEIC com os executivos em 17 de Junho último». 7 — «Dada a urgência de que se reveste a resolução deste problema que a resposta a estas reivindicações seja dada aos professores até ao dia 30 de Setembro».

Os executivos esperam que Vítor Alves dê uma resposta dentro deste prazo, porque entretanto anuncia para começarem em 1 de Outubro, uma série de plenários para discutir a resposta que o MEIC lhes vai dar.

DOIS NOVOS DEPARTAMENTOS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Foram criados na Universidade de Coimbra os departamentos de Economia e de Ciências Sociais, portaria emanada do Ministério da Educação e Investigação Científica, veio ontem publicada na folha oficial.

O departamento de Economia ministrará o curso de Economia e o de Ciências Sociais. «Não existe na UC qualquer curso superior no domínio genérico das Ciências Sociais, o que constitui lacuna grave no elenco dos cursos de uma universidade», diz o diploma nas suas considerações iniciais.

Acesso aos cursos que vão preencher esta lacuna: ao de Economia, é o estabelecido na legislação que, em geral, regula o acesso aos cursos superiores de graduação; ao de Ciências Sociais, terão acesso os indivíduos habilitados com curso superior.

DIA 27 NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

Forças populares e revolucionárias em apoio da Reforma Agrária

Prepara-se uma grande jornada de solidariedade com os trabalhadores alentejanos em luta pela Reforma Agrária. A iniciativa é da Direcção da Organização Regional de Lisboa

do Partido Comunista Português (D.O.R.L.) que ontem se reuniu com os órgãos de Informação.

«A um ano da vitória das forças populares e revolucionárias sobre a tentativa contra-revolucionária do 28 de Setembro, a grande jornada popular do próximo sábado, com início às 15 horas, no Estádio 1.º de Maio, tem lugar num momento em que a grande tarefa de todas as forças democráticas e patrióticas consiste, tal como então, em erguer uma sólida barreira ao avanço das forças de direita e derrotar a conspiração contra-revolucionária fascista» — lê-se num comunicado distribuído durante a referida conferência de imprensa.

No encontro com os jornalistas todos os esclarecimentos foram fornecidos por Margarida Tengarrinha e Albano Nunes, ambos membros da D.O.R.L. e o último também membro suplente do Comité Central do P.C.P.

«O estorço heroico dos trabalhadores do Sul constitui um dos mais fortes baluartes da Revolução em Portugal», disse Margarida Tengarrinha ao referir-se a esta jornada de unidade e acção revolucionária que contará com a presença do secretário-geral do P.C.P., Álvaro Cunhal, além de delegações de trabalhadores das herdades colectivas de Avis, Montargil,

Vendas Novas, Montemor, Alpiarça, Campo Maior, Pias Aljustrel, Couço, Grândola, Alcácer do Sal e muitas outras localidades. Assim como delegações de camponeses do Norte e de pescadores.

A jornada do Estádio 1.º de Maio terá ainda uma parte artística que contará com a presença do Coro de Mineiros de Aljustrel, do Coro de Pioneiros, do Conjunto Intróito, de D. Dália Rocha, Céu Guerra, Ary dos Santos, Adriano Correia de Oliveira, Ermelinda Duarte, Fernando Tordo, António Montês, Carlos Paredes, Luísa Bastos, Luís Cília, José Jorge Letria, Samuel, Helena Isabel, Mário Jacques, Carlos Queirós e muitos outros. Conta-se igualmente com a participação de artistas revolucionários estrangeiros, estando já assegurada a presença de Francesca Soleville.

«Esta campanha lançada pela Direcção da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português» — lê-se ainda no comunicado — visa apoiar, de forma muito especial, os trabalhadores das herdades colectivas que, enfrentando sérias dificuldades de crédito, apoio técnico e outras — que ao Estado compete em princípio resolver — desenvolvem um esforço heroico para fazer avançar a Reforma Agrária. As herdades colectivas, apesar das dificuldades

que defrontam, constituem os alicerces da agricultura socialista do Portugal de amanhã. Por este motivo, «a D.O.R.L. do P.C.P. lança um veemente apelo à classe operária, aos trabalhadores, e a todo o povo do distrito de Lisboa, para que participem massivamente na grande jornada do dia 27 no Estádio 1.º de Maio e em toda a campanha de solidariedade com os trabalhadores das herdades colectivas. Apela de forma particular para os soldados, marinheiros, todos os militares revolucionários, filhos do povo fardados, cujo lugar tem sido e deverá ser cada vez mais ao lado dos trabalhadores».

No decurso da conferência de imprensa, foi ainda focada a necessidade de reestruturação agrária, embora atendendo a diferenciações regionais, tais como as existentes entre o Norte e o Sul do País. Margarida Tengarrinha, ao referir este ponto, destacou que a Reforma Agrária encontra obstáculos, apontando como exemplo o facto de o P.P.D. ter dado já provas de que está objectivamente contra ela. Margarida Tengarrinha apontou ainda a necessidade de se proceder à nacionalização da Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado, que detém a propriedade de 14 mil hectares de ricos terrenos numa zona coberta pela Reforma Agrária.



O chanceler espanhol em Lisboa decidiu alterar a estética da Rua do Salitre, onde fica a Chancelaria de Espanha. E, como a foto documenta, ordenou que as janelas da parte inferior fossem completamente tapadas, para transmitir ao interior do edifício a escuridão do regime do seu país (Foto de Rui Pacheco)

post scriptum

Sr. general, o inimigo vem do outro lado

«Tenho esperança de que leia a minha carta num dos momentos em que está, tranquilamente, esperando que a sua esposa lhe diga que o almoço está pronto. Para que não vá eu roubar-lhe o tempo. O tempo de estudar o inimigo. O tempo de medir-lhe as forças. O tempo de estrategizar de acordo. O tempo de taticar em conformidade. Tenho esta secreta esperança, sr. general.

«Porque se habituaram milhões de portugueses a esperar de si a segurança. Dos seus honrados e patrióticos soldados, a vigilância. Das suas trovejantes baterias, a mirada certa. Das suas imponentes Chaimites, a manobra correcta.

«Milhões de trabalhadores se lembram, sr. general, das suas palavras, quando tomou posse do comando da Região Militar de Lisboa. Alguns sentiram a sua ousadia e olharam-na como determinação. E exultaram. O sr. general comandou o Copcon, e os trabalhadores deste País começaram a encontrar nele o apoio, a ajuda necessária, a arma disponível. Milhões de trabalhadores habituaram-se a falar do Copcon como quem troca impressões sobre o amigo forte que lhes faltava. Habitaram-se a sentir o Copcon fraternalmente. Milhões de trabalhadores ouviram o sr. general falar da República Socialista Portuguesa. Dizia-se que o sr. General era esquerdista. Que a esquerda revolucionária o namorava.

Milhões de portugueses ouviram sr. general dizer, em 11 de Março, que, se necessário, o Povo teria armas para defender a Revolução. E pensaram, claro, que tinham general. Não para fazer análises profundas (outros estariam em melhores condições para esse efeito) mas para assegurar a sua prática. Para cobrir os seus avanços.

Vem a entrevista do Mercado do Povo. Aquela coisa do Campo Pequeno, enfim. Alguns franziram o sobrolho, outros receberam-na como a palavra certa. Mas ainda milhões de portugueses se sentiram como um reconfortante. Milhões que já desde há tempo vinham gritando Otelo, Otelo... Depois o sr. general foi a Cuba. O sr. general teve, numa bandeja, a fraternidade do povo cubano, a alegria e a solidariedade do povo cubano pela luta do Povo Português.

«O Povo Português teve nos braços, através dos braços do sr. general, o calor humano de um povo que trava duros e vitoriosos combates pela libertação. No regresso, voltou aquela história do Campo Pequeno.

«Alguns franziram duplamente o sobrolho; outros, ainda pensaram que essa era a palavra certa, e, deste modo, reforçada. Lá fora, alguém publicou que havia campos de concentração em Portugal, é claro.

O sr. general entrou no triunvirato. Por esse País fora começam a suceder-se as manifestações patrióticas. De defesa da liberdade, de apoio ao bispo daqui e dali, contra a manipulação disto ou daquilo, o da guarda que há uns tipos que querem deixar a malta sem gamela»...

«O sr. general assiste impávido a todos os assaltos, a todas as violências, a todas as manipulações a todos os assassinios, a todos os autos-de-fé. No reino do sr. general há terras em que as pessoas temem, diariamente, pela sua vida e pelos seus haveres. Há pessoas que vêem as suas casas destruídas. O sr. general ouve, ao longe, o trovão fascista que se aproxima.

E quando milhões de trabalhadores esperavam a mirada certa das suas baterias contra os sanguinários do ELP: quando milhões de portugueses esperavam a manobra correcta das suas Chaimites contra as hordas fascistas da caça aos comunistas; quando milhões de subdesenvolvidos deste País esperavam a vigilância dos seus honrados e patrióticos soldados, e a cobertura rápida dos seus aviadores contra os incendiários de florestas e searas, o que fez o sr. general?

«Colocou também os comunistas no lugar do inimigo de milhões de trabalhadores portugueses.

«Retirou o seu apoio ao revolucionário mais ousado, mais conseqüente, mais humano e mais «trabalhador» deste País.

«Escreveu-lhe uma carta em que o proíbe de visitar as «suas» unidades, de falar com os «seus» soldados, e em que classifica de ridículo o seu discurso em Almada.

Recoloca numa das «suas» unidades um comandante saneado pelos seus soldados, a pretexto de que há partidos que pretendem não sei quê, blá-blá-blá...

Numa manobra das suas Chaimites, manda ocupar (para defender? silenciar?) as instalações da 5.ª Divisão.

Pactua com os vendedores de gato por lebre, dessas coisas de socialismo humanista e outros eufemismos semelhantes.

«Assiste, serenamente, à dissolução do MFA, e senta-se à mesa de pretensas assembleias, dessas que se transformaram em ajuntamentos de militares, daqueles que dão ordens com os ombros, e jogam ao bridge à noite, e aí o quadro permanente, e o Volkswagen da tropa.

«Bolas, sr. general. A direcção do ataque não era essa. O inimigo vem do outro lado.

«E se o sr. general não reajustar a mirada das suas baterias; se o sr. general não corrigir a manobra das suas Chaimites; se o sr. general não der novos objectivos aos seus aviadores; se o sr. general não assestar o óculo dos seus marinheiros no inimigo verdadeiro, ele não poupará a sua cabeça nem a dos milhões de portugueses que confiaram no senhor.

P.S. — A propósito, sr. general! Tem o senhor seguido com a responsabilidade que lhe incumbe as últimas manobras do ex-general Spínola? Estou a referir às manobras cá dentro, claro!

Elizabeth Virginia

UM EXILADO CHEGA AO PAÍS NATAL

A GRÉCIA NA HORA DOS JARDINEIROS

Por ANDRÉ KEDROS

Romancista grego de língua francesa, André Kedros, autor de uma História da resistência grega, acaba de fazer, após trinta anos de ausência, uma longa viagem ao seu país de origem. Kedros deixa-nos aqui as suas impressões.

A Grécia acaba de sair do negro manto da tragédia. Nos caminhos que me levam a Atenas, estúpidas frases escritas nas paredes lembram-me que a queda dos coronéis ainda é recente. Há trinta anos que não via o porto do Pireu. As refinarias, as docas, os andaimes, serão testemunho de uma Grécia industrial? A crise económica está ali, bem visível; dezenas e dezenas de navios mercantes, vazios, esperam pela altura de se pôr de novo em marcha, ou então por compradores improváveis.

Que é feito dos mosquitos do passado?, perguntei eu, por brincadeira, a uma amiga ateniense, mulher de um médico célebre. Morreram», respondeu ela gravemente. Por causa da poluição. Dentro em breve morremos nós também. Daí a alguns instantes o centro de Atenas era quase irrespirável. Não só devido à circulação automóvel mas também, e principalmente, aos gases lacrimogénios. A Polícia carregava sobre uma manifestação de operários da construção civil. Carga incontida, provocatória, dirigida não só contra os manifestantes mas também contra os transeuntes que tratavam da vida, e contra turistas tranquilos. A Polícia não foi suficientemente «saneada», chamaram, no dia seguinte, todos os jornais em uníssono. Enquanto o aparelho de Estado não for libertado dos seus elementos fascistas, a democracia será débil. Os homens políticos interpretam os excessos da repressão como uma tentativa deliberada de suscitar perturbações. Os nostálgicos da ditadura pensariam intimidar assim os tribunais? Julgavam-se então os coronéis que haviam fomentado um golpe de Estado meses antes e estava-se a preparar o julgamento dos responsáveis por sete anos de ditadura.

OUTRA CARA

Atenas mudou de cara. Em fins de 1945 eu deixara atrás de mim uma cidade relativamente modesta mas pitoresca, humana e quase terna. No alto da Acrópole, o Partenon, borboleta pronta para voar, dominando a capital. Hoje, os edifícios de numerosos andares, e as torres de habitação, impedem-nos de o ver. Nem a sombra de um plano de urbanização em toda essa perniciosa. Hitler, apesar dos conselhos dados em contrário, renunciara a bombardear o Partenon. Os construtores civis destruíram-no de forma mais subtil.

Não reconhece Atenas, pois não? Fez muitos progressos desde a sua partida» declaravam orgulhosamente certos atenienses. Os mesmos — na sua maioria pequenos artesãos e comerciantes — não escondiam a simpatia que ainda tinham pela ditadura dos coronéis. Tínhamos os créditos que queríamos», explicavam. Comprámos barato lojas, apartamentos, e carros». Esqueciam que a frouxa política económica dos coronéis levava o país à beira da ruína, e que um ano antes do golpe, os

ditadores já tinham sido obrigados a suprimir esses créditos. No campo também se admite que os coronéis presentearam os agricultores com as dívidas que tinham. Mas não os elogiam tanto. Porque, durante a ditadura — como, de resto, durante essa democracia de depois da guerra civil, cujas leis de excepção permitiam à autoridade mandar as pessoas para a cadeia ou deportá-las sem julgamento — a polícia e os caciques do regime tinham a mão pesada.

Na verdade, camponeses e cidadãos estão contentes. São finalmente livres. Vive-se, enfim, em democracia liberal. Para alguns, isto não é o bastante. Mas, na sua maioria, os gregos vêem em tudo isto um imenso progresso. No campo até lhes custa a acreditar que seja verdade. Magoada, traumatizada pela ditadura fascista de Metaxas, pela guerra, pela ocupação, a guerra civil, a pseudodemocracia e a ditadura militar, a gente do campo só faz um uso prudente da liberdade reencontrada. Espera. Não é loquaz.

ENFIM LIVRES

Há quem se diga, ao acaso, realista. Mas isso é sem consequências. De facto, os casos sangrentos do passado dividem as aldeias. Em Zante, por exemplo, e mais ainda nas aldeias do Norte da Grécia, há famílias inteiras que deixaram de se falar, estão emparedadas num ódio tenaz. Não são os interesses materiais e sordidos que os opõem, mas o passado as traições, as delações, as vinganças, as mortes...

Na cidade é diferente. O homem pode finalmente dizer o que pensa em plena rua, e abusa do facto. Um pouco como em Portugal, as paixões políticas, longamente contidas, explodem. Os jornais — muito numerosos e que fazem concorrência entre si — exacerbam-nas através de grandes títulos sensacionalistas. Mas é certo que pela primeira vez desde há quarenta anos, a imprensa reflecte todas as tendências políticas. É certo que pela primeira vez desde há quarenta anos, não há prisioneiros políticos na Grécia, a não ser os coronéis recentemente condenados. É certo que pela primeira vez desde a guerra, 90 por cento da população grega alistada no E.A.M., a resistência de esquerda, pode militar nos partidos políticos que escolheu, inclusive nos dois partidos comunistas, nos sindicatos não controlados pelo Governo, e assumir o seu passado glorioso.

Ao contrário de Portugal, a terrível experiência da guerra civil contribuiu para uma certa maturação política do povo grego. O homem da rua compreendeu que as simplificações ideológicas são por vezes perigosas. Que o mundo se tornou demasiado complexo para que se possa implantar um regime político ideal, um pequeno país com tamanho atraso estrutural. Ele compreendeu que os militantes revolucionários — por mais corajosos, generosos e devotados à causa do povo — quando não têm a envergadura de homens de Estado, podem conduzir o país para o desastre.

Os gregos compreenderam tão bem estas verdades primárias, que, nas eleições gerais, votaram em massa em Caramanlis. Este homem de direi-

ta cujas condições democráticas se tornaram mais fortes durante uma longa emigração, foi investido de poderes bastantes para fazer frente a um exército «ultra» que in extremis» o chamou a representar o papel de liquidatório da sua falência. Ora nas eleições municipais, os mesmos gregos votaram também em massa — sobretudo nas cidades — pelos representantes da esquerda. Ao homem de Estado cabe pois a responsabilidade de defender a nova democracia e de resolver o doloroso problema de Chipre; aos militantes da esquerda, devotados e com um passado de luta, a responsabilidade dos casos correntes da cidade. Este dualismo será só de transição?

OS LIMITES DO CONSENSO

A directora de um grande jornal, célebre por ter criado dificuldades à junta, declarou-me: «Fizemos uma mesa-redonda na televisão. Os representantes da maioria e da oposição fizeram esforços muito louváveis por parecer em desacordo sobre certas questões. De facto houve neste país um consenso pela defesa das liberdades fundamentais».

Quando se discute com os «leaders» políticos, a situação parece menos idílica. A oposição está gravemente dividida e, por isso, assume mal as suas funções. Os dois partidos comunistas — do interior e do exterior — combatem-se sem apelo nem agravo. A reunião das esquerdas (E.D.A.), o pequeno partido socialista, os liberais da tendência Mavros tentam aproveitar as suas dimensões. Quanto ao Masok de Andréas Papandréou, lança palavras de ordem esquerdistas, por vezes aventureiras e excessivas, na esperança de assim atrair a juventude. Ora, ao lado dos vencidos da ditadura, que conspiram na sombra, a fim de obter a sua desforra, é precisamente uma fracção da juventude que cria problemas. Batem-se corajosamente contra a Junta, principalmente na escola politécnica. Aspira, confusamente, a uma sociedade mais justa e humana, mas recusa os homens políticos da velha geração, que responsabiliza — com certa razão — pelos males do passado. Vivendo, porém, num país onde as confrontações ideológicas foram durante tanto tempo proibidas, e onde a história recente foi filtrada, deformada, rejeitada, os jovens são politicamente incultos. Sem informação e também desprovidos dessa experiência directa que aos mais velhos, serviu por vezes de reflexão política, são vulneráveis a todos os assaltos demagógicos.

«A democracia deve deixar de se manter formal, deve ser aprofundada», declarou-nos um «leader» da E.D.A. Mas, para tal, ela deve navegar entre Charybde e Scylla, entre o extremismo de uma esquerda irresponsável e o extremismo dos coronéis que continuam a dispor de apoios ocultos junto dos «ultras» americanos. Uma personalidade próxima de Caramanlis disse-me coisas semelhantes. «Apesar da grande maioria de que dispomos», disse essa personalidade, a via da democracia continua a ser estreita. Contamos muito com a ajuda política, e sobretudo económica da Europa, e principalmente com a da França que

já nos apoiou no caso de Chipre.

A FRANÇA E A NOVA DEMOCRACIA GREGA

A nova democracia grega gosta da França e a visita de Giscard d'Estaing era esperada com interesse. O apoio político da França é indispensável à nova democracia. Num grande hotel situado em face da ilha de Spetsai, tive um longa conversa com um desses coronéis à qual, os meus outros interlocutores aludiam. Passava ali férias tranquilas. Aos seus olhos Papadópoulos continuava a ser um herói, e ao mesmo tempo uma vítima de Kissinger. Mas o Exército, afirmava, não disse a última palavra. Ele teve sempre a vocação de guiar» esse povo recalcitrante e permeável ao comunismo». Papadópoulos é um imbecil» Confessava-me, em contrapartida, um grande armador cujos petroleiros têm ligações com a América do Sul. Pediu-nos que investíssemos na Grécia, prometendo-nos a isenção de impostos e de sarilhos. Alguns de nós confiámos nele. Quanto aos impostos, não os pago, até porque os meus petroleiros viajam com bandeira panamaiana. Quanto à ausência dos sarilhos, estamos bem servidos. Sem o Caramanlis tínhamos à costas uma guerra greco-turca».

Durante todo o Verão, os gregos seguiram apaixonadamente o processo da conspiração chamada dos pijamas, o processo da Junta e dos revolucionários. À direita, eram numerosos os que clamavam que Caramanlis exagerava, e que infringiria os acordos secretos» em consequência de quais fora chamado ao Poder pela Junta. À esquerda, declarava-se que todos esses processos eram só para salvar as aparências, e que os culpados, mesmo pesadamente condenados, serão em breve postos em liberdade pelo jogo combinado do perdão e das amnistias sucessivas. Até hoje, as acusações contraditórias não pareciam perturbar grandemente o primeiro-ministro. Pelo contrário, a ausência de uma oposição coerente arrisca-se a falsear, de futuro, o jogo democrático.

Em Zante, um comunista da velha guarda, de rosto marcado pelas provações, mostrava-me a igreja da sua aldeia, contando-me ao mesmo tempo como fora batido, torturado, deportado para as ilhas. No entanto, este velho militante não se mostrava amargo, e entendia-se bem com um jovem que, na aldeia, representava Papandréou. «É na prisão», disse-me ele, que aprendemos a respeitar o que há de diferente nos outros. Sem isso, a coabitação seria impossível. Nesta ilha há por vezes incêndios de florestas, acesos por mão criminosas. É preciso saber combatê-los, e, entre dois incêndios, há que semear, cultivar, educar. Pois não somos todos nós plantadores de vinhas, de oliveiras, de tabaco? Não somos todos jardineiros? Como é possível quantos dos nossos dirigentes políticos o tenham esquecido? Que sejam tão impacientes! Um jardineiro nunca é impaciente!».

Esta lição de sabedoria política merece ser meditada na Grécia e fora dela.

(C) «Le Monde»

Nacional

A P.M. CONTRA A REACÇÃO DENTRO E FORA DOS QUARTÉIS

● Salgueiro Maia contra o S.U.V.

Enquanto o capitão Salgueiro Maia, interrogado pela agência ANOP (ex-ANI) sobre a partida de blindados da Escola Prática de Cavalaria de Santarém em direcção a Lisboa, respondia que a saída se tinha verificado, mas para um campo de manobras situado a 20 quilómetros da cidade, os militares do Regimento de Polícia Militar, em Lisboa, reunidos em plenário, refutavam «manobras de direita» e apoiavam o comando da unidade.

Maia diria ainda que os soldados saídos da E.P.C. não estavam a distribuir quaisquer panfletos. «Trata-se de uma manobra orquestrada pelo S.U.V. e aoutros níveis», disse, para acrescentar: «Aqui não houve nada disso. Nós continuamos a ser militares».

Nas suas afirmações, Salgueiro Maia deu a entender, portanto, que os S.U.V. não «continuam a ser militares». Apesar disso, é no forte da Trafaria que se encontram presos o cabo Pinto e o furriel Figueiredo, cujo único crime foi terem em seu poder panfletos da organização Soldados Unidos Vencerão. Tal prisão haveria de ser repudiada no plenário do R.P.M. de ontem, com a

aprovação da seguinte moção: «Considerando que a prisão dos dois camaradas presos no sábado passado em Mafra, na E.P.L., faz parte de uma escalada repressiva e reacção a nível das Forças Armadas para prender, isolar e sanear os camaradas que ao longo de todo o processo iniciado em 25 de Abril de 1974 deram provas de estar ao lado da classe operária, dos camponeses e de todos os trabalhadores desfavorecidos e oprimidos pelo capital, os militares do R.P.M. reunidos em plenário solidarizam-se com todos os camaradas da E.P.L. na sua justa luta pela libertação imediata dos camaradas presos na Trafaria — cabo Pinto e furriel Figueiredo».

P.M. APOIA O COMANDO

Antes de aprovada a moção acima transcrita, os militares do Regimento de Polícia Militar haviam já aprovado outra, no sentido de apoiar o comando da unidade contra manobras que, no interior e no exterior da mesma, se tinham realizado com o fim de desacreditar o comando, acusando-o de partidário e de conivente no des-

vio das armas de Beirólas. Na convocatória para o plenário, o comando do R.P.M. afirmava que se punha «a todos os militares revolucionários deste Regimento um desafio: Vamos desistir, baixar os braços, ou, pelo contrário, vamos continuar, unir-nos ainda mais na defesa dos interesses das classes exploradas deste país, vamos agarrar com firmeza este Regimento e demonstrar que podemos avançar sem o concurso (por vezes sabotador de alguns) dos elementos que agora mostram claramente o que pretendem e o que pensam da Revolução em Portugal».

Esta última parte era, claramente, uma referência ao pedido de saída da unidade de 12 oficiais discordantes e que alegaram, como justificação para essa saída, exactamente aquilo que o comando contestou e que o plenário de unidade repudiou, nos termos da seguinte moção:

«Considerando que o avanço da escalada reacção e fascista dentro dos quartéis se tem vindo a desenhar cada vez com maior agressividade e que com essa agressão visa desagregar o espírito combativo dos milita-

res progressistas dentro das unidades (caso EPSM, EPI e, agora, o RPM), propõe-se: apoiar firmemente o comando do comando; dar todo o apoio ao comando do RPM na prossecução dos objectivos de transformação revolucionária da nossa unidade; considerar aceite (com inteira satisfação) o pedido de afastamento dos oficiais reacccionários que, num esforço desesperado, tentam provocar divisões no seio da unidade; alertar todos os camaradas revolucionários para o facto de esta manobra reacção e de enquadrar numa ampla ofensiva da direita nos quartéis, que visa isolar os comandos progressistas e neutralizar a unidade revolucionária».

CONTRA AS DETENÇÕES

Os soldados do Regimento de Artilharia de Costa (RAC) de Oeiras enviaram um telegrama ao Conselho da Revolução e ao Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas exigindo a libertação imediata dos camaradas presos em Mafra, cabo Pinto e furriel Figueiredo, segundo informou a ANOP.

REUNIÃO EM ÉVORA

Continuação da pág. 1

No final do encontro, os trabalhadores comunicaram ao ministro o propósito de responsabilizar o Governo «pelo fracasso do processo produtivo que se venha a verificar», caso não seja dada resposta rápida ao pedido de apoio financeiro, e prometeram agir «da forma que julgarem mais conveniente».

Como forma de actuação imediata, os representantes dos trabalhadores decidiram não permitir a saída de nenhum produto agrícola para fora dos distritos de Beja, Évora, Setúbal, Portalegre e Santarém, e «montar vigilância revolucionária nos bancos, não permitindo quaisquer levantamentos bancários destinados aos agrários».

Os sindicatos de trabalhadores agrícolas (Beja, Évora, Setúbal, Portalegre, Santarém, Lisboa) e as ligas de pequenos e médios agricultores (Beja, Évora, Setúbal, Portalegre) presentes, ao adoptarem estas medidas, recusaram a paralisação de trabalho, de momento, por esta poder «comprometer o processo produtivo e, consequentemente, a Revolução iniciada em 25 de Abril de 1974».

Os trabalhadores consideram, e deixaram expresso, que a falta de apoio financeiro pode comprometer as colheitas e a próxima sementeira, e é da «inteira responsabilidade do Governo», comprometendo «todo o esforço desenvolvido pelos trabalhadores dos campos até ao momento presente».

Enquanto se aguarda a resolução dos problemas imediatos, mantém-se a promessa, feita pelo ministro Lopes Cardoso, de uma próxima reunião, para a qual não marcou data, para debater a questão do crédito ao sector agrícola que ainda não está nas mãos dos trabalhadores, isto é, aos agrários.

O eng. Lopes Cardoso, que se fez acompanhar pelos secretários de Estado da Estruturação Agrária e do Fomento Pecuário, respectivamente António Bica e Joaquim da Silva Lourenço, considerou, durante o encontro, que o desbloqueamento do crédito agrícola de emergência, consagrado legalmente pelo Governo de Vasco Gonçalves, terá de ser encarado globalmente, e não deixou explícita qualquer intenção de atribuir uma prioridade real às herdades ocupadas e expropriadas, ou às cooperativas.

Ponto de vista oposto é, naturalmente, o dos rurais, assalariados e pequenos agricultores organizados em sindicatos e ligas, que citaram as facilidades de que os agrários vêm beneficiando, mercê da falta de saneamento no sector bancário, e da presença de elementos reacccionários em algumas comissões liquidatárias de grémios da lavoura.

Foi sugerido, portanto, que se tomassem medidas de apoio financeiro prioritário às explorações agrícolas que se encontram nas mãos dos trabalhadores, que demonstram quotidianamente o seu empenho na Reforma Agrária. E houve quem citasse um paralelo: um homem com vários filhos não vai impedir que o primeiro comece a andar enquanto os mais novos se não encontrarem igualmente em estado para o fazer.

Os representantes do distrito de Beja sublinharam frequentemente a urgência da situação, pois «o que está em causa não é apenas a Reforma Agrária, mas a própria disposição dos trabalhadores para continuarem a avançar». Não lhes foi dada nenhuma resposta concisa no que toca a saber «se há ou não há dinheiro» que

proporcione o crédito, monetário e em natureza, e, «se há, onde é que ele está».

Lopes Cardoso argumentou com uma divergência de ordem técnica que teria surgido, em anteriores Governos, entre o Ministério da Agricultura e os organismos de crédito, designadamente a Caixa Geral dos Depósitos.

Marginalmente, um elemento da cooperativa Estrela Vermelha chamou a atenção para os saneamentos em perspectiva nos organismos ligados à Reforma Agrária, designadamente o I.R.A., deixando claro que os trabalhadores não permitirão que os «senhores dos gabinetes» saneiem à esquerda, devendo, isso sim, ser os próprios trabalhadores a sanear os sabotadores e reacccionários.

Antes do encontro, os trabalhadores tiveram oportunidade de esclarecer com o ministro o estatuto das ligas de pequenos e médios agricultores, cuja presença e participação nos trabalhos tinha sido posta em causa por Lopes Cardoso ao argumentar com a falta de «legitimidade» de algumas delas. Ficou claro, após trocas de palavras em que os sindicatos ameaçaram com a não comparência caso não fosse autorizada a presença das ligas, que estas serão consideradas em plano de igualdade nas conversações futuras.

No final, Lopes Cardoso afirmou aos jornalistas que a reunião tinha sido fecunda, opinião que não é compartilhada pelos trabalhadores, que manifestaram a impressão de «não haver uma atitude decidida e decisiva da parte do senhor ministro para resolver o problema do crédito agrícola de emergência».

Também estiveram presentes no encontro (prolongamento da reunião havida em Lisboa, na segunda-feira) representantes dos centros regionais da reforma agrária de Beja, Évora, Setúbal, Portalegre, Santarém, Lisboa, Castelo Branco, Faro, Elvas; e, como observadores, os governadores civis dos distritos de Évora, Beja e Portalegre. Uma delegação da Região Militar do Sul assistiu à reunião.

PROTESTO

No final do encontro, os representantes dos órgãos de Comunicação Social tornaram público «o seu protesto por não ter sido autorizada a sua presença nos trabalhos realizados, que se revestem da maior importância para o futuro económico do País».

Com efeito, o ministro determinara que os jornalistas abandonassem a sala onde se iniciou a reunião, permitindo, no entanto, que assistissem à sua derradeira fase, a pedido dos trabalhadores, que repudiaram «o regresso aos tempos antigos».

Subscreveram o protesto todos os jornalistas presentes, da «Luta», «Diário de Lisboa», «Diário de Notícias», Emissora Nacional, correspondente de «O Século», e uma correspondente alemã. Também se solidarizou expressamente o técnico dos serviços de informação agrícola do ministério.

E P A L EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE DOIS GRUPOS ELECTRO-BOMBAS DESTINADOS A ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DOS OLIVAIS

10.ª AMPLIAÇÃO

ANÚNCIO

Faz-se público que foi prorrogada para o dia 10 de Outubro de 1975 a data de abertura das propostas do concurso em referência.

De harmonia com o respectivo programa, as propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 9 de Outubro, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, mantendo-se todas as demais condições do anúncio já publicado.

Lisboa, 22 de Setembro de 1975.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

Deficientes conseguem voz na E.N.

Continuação da pág. 1

res explorados pela sua libertação» e que «os microfones da E.N. devem estar ao serviço de todos os explorados e oprimidos deste País».

Procederam do mesmo modo os «ocupantes» ou mutilados da guerra colonial, que, para o efeito, já fizeram divulgar um comunicado depois de se terem dirigido à E.N., onde historicam todo o seu processo de luta e fazem a análise da actual situação dos 30 mil deficientes que há em Portugal.

C. R. APRECIA HOJE A QUESTÃO

Num outro documento divulgado, perguntam os mutilados se a crise económica actual só existe para eles e não para os generais fascistas que foram reformados em 30 de Abril de 74 (e adiantam nomes: Joaquim da Luz Cunha, Edmundo da Luz Cunha, André de Fonseca, Pinto Bessa, José Alberty Correia, Horácio Emilio de Ávila Peres Brandão e Kaulza de Arriaga no que auferiram no ano passado cerca de 4500 contos de «rendimento mili-

tar».

Na Ponte 25 de Abril e em Belém o esquema não se alterou: os carros circulam nos dois sentidos sem serem incomodados (gratuitamente) e um dos mutilados entra numa das carruagens e, durante três ou quatro minutos, aos microfones do comboio da linha do Estoril, explica as razões da sua atitude e da luta que desenvolvem há cerca de 17 meses.

Em Belém encurtou o número de mutilados de «serviço», o que não aconteceu na Ponte da Ponte. Aos dois locais continuam a afluir provas de solidariedade e de géneros alimentícios e, no último, não são poucas as vezes em que os deficientes conversam ou trocam impressões com os condutores.

Um decreto-lei que já foi elaborado sem ter sido promulgado, fundamentado em quatro pontos reivindicativos, está na origem desta luta, depois da guerra colonial. Hoje, o Conselho da Revolução, que se reúne em Belém, irá apreciar a questão.

As moções e adesões à sua luta continuam a afluir à nossa Redacção.

COMUNICADO DA U.D.P. CONTRA AS EXECUÇÕES

A U.D.P. emitiu um comunicado contra a ratificação das sentenças ditadas pelos tribunais militares espanhóis, que condenam à morte seis militantes da esquerda daquele país (cinco elementos da FRAP e uma da ETA, entre os quais duas mulheres grávidas).

«A ditadura franquista», reza o comunicado, «essa besta sedenta de sangue, está disposta a consumir o múltiplo assassinato. Agora cabe ao povo espanhol, a todos os povos e aos cidadãos livres do Mundo,

lançar-se imediatamente na luta para, por todos os meios possíveis, impedir a realização deste crime monstruoso».

A U.D.P. afirma que a luta contra o assassinato dos antifascistas espanhóis é «a luta contra o inimigo comum dos dois povos: o fascismo e o imperialismo americano».

No final do seu comunicado, a U.D.P. apela para a «mobilização geral contra as execuções», contra a «ditadura Yankee-franquista».

MOÇAMBIQUE COMPANHIA DE SEGUROS LUSITANA

Para efeitos de interesse comuns solicita-se a todos os segurados do Ramo Automóveis, desta Companhia Moçambicana, que se encontram a residir em Portugal o favor de contactarem urgentemente a Sede da mesma: Caixa Postal n.º 1165 em Lourenço Marques.



Nacional

ACORDO PORTUGAL-POLÓNIA

BOAS PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO

VARSÓVIA, 25 (PAP-ANI) — O acordo sobre cooperação na indústria da Construção Naval concluído pelos Governos da Polónia e de Portugal no início deste ano, faz parte de um entendimento a longo prazo atinente ao desenvolvimento da cooperação económica, científica, técnica e comercial entre os dois países. Simultaneamente, constitui um exemplo de como as possibilidades e benefícios resultantes da cooperação mútua podem ser aplicados com êxito no domínio económico, dada a atmosfera política amigável.

A publicação mensal «Handel Zagraniczny» («Comércio Externo») afirma num comentário que a Polónia e Portugal podem reivindicar importantes realizações na economia

marítima, mas que as suas necessidades são também grandes. E prossegue: Portugal é uma terra tradicional de marinheiros, com uma frota mercante bem desenvolvida, totalizando mais de um milhão de toneladas brutas de registo. Os navios polacos passam frequentemente em portos portugueses. Neste domínio há ainda margem para uma maior cooperação. Não é por acaso que o primeiro acordo dentro do entendimento a longo prazo se refere precisamente à indústria da construção naval.

INTERESSES MÚTUOS

A Polónia necessita de novos navios e a indústria da

construção naval portuguesa, uma das principais indústrias do País, está interessada em fazer pleno uso da sua capacidade de produção. Por outro lado, Portugal está a planear a expansão da sua frota pesqueira e das respectivas estruturas de apoio. Como não tem uma base técnica própria, Portugal está a entregar encomendas a países estrangeiros, entre os quais a Polónia ocupa uma posição de destaque. Esta é a razão por que o acordo serve os interesses dos dois países.

COOPERAÇÃO CIENTÍFICA

A Polónia dará assistência a Portugal no aumento da sua

produção e capacidade de planeamento. Está previsto uma estreita cooperação entre organizações e centros de investigação científica dos dois países. Servirá em primeiro lugar para a expansão do programa de construção dos estaleiros permitindo o fabrico dos navios mais procurados, especialmente os transportadores a granel de carga seca, os porta-contentores e os de pesca.

O «Handel Zagraniczny» manifesta a esperança de que o acordo concluído prepare o caminho para maiores empreendimentos nos vários campos da engenharia electrónica, da agricultura e transformação de alimentos, bem como nos sectores da indústria química e mineira, em benefício dos dois países.

"REPÚBLICA" DÁ QUE FALAR

"C.R. NEGA AVAL PORQUE CONSENTE AVANÇO DA DIREITA"

«É perfeitamente infundado que vendamos 1500 exemplares diariamente, ou mesmo sete mil, como outros dizem. Essas afirmações não nos preocupam, porque não correspondem à verdade e procedem daqueles que aqui estiveram antes e não souberam orientar capazmente este jornal, que hoje pertence à classe operária.»

Esta, uma das muitas revelações, se assim se pode dizer, de um dos seis elementos da Comissão de Trabalhadores da «República», que ontem, no decorrer de uma reunião com os jornalistas, analisaram todo o processo que envolve o jornal, o boicote do Conselho da Revolução e da burguesia dominante, as atitudes dos ex-administradores e directores literários, bem como o lançamento em França e Itália de um dos seus números.

Respondendo a uma das questões postas por um dos presentes, um dos componentes da Comissão de Trabalhadores revelou que, dos trinta mil jornais que todos os dias se vendem, cerca de 65 por cento ficam em Lisboa e na sua cintura industrial, pelo que o boato acima mencionado de modo algum tinha cabimento. O mesmo elemento, reportando-se à questão dos nove mil contos e aval recusado pelo C.R., assinalava que os mesmos se destinavam a cobrir um «défice» de 5500 contos «legado» pela anterior administração, e 3500 relativos aos 52 dias em que o «República» não

foi publicado (Maio-Junho) e todos os prejuízos daí resultantes.

«O «República» dos trabalhadores e da classe operária não trouxe prejuízos, pelo que a dívida que temos, para com uma empresa distribuidora de papel, não é nossa, não é dos trabalhadores», observou o encarregado das relações económicas da empresa, «embora sejamos nós a arcar, hoje, com o seu pagamento. Nesta altura», prosseguiu, «estamos prestes a atingir o equilíbrio entre receitas e despesas e o limite efectivo para cobrir a exploração deste jornal, que não é dos seus trabalhadores, porque é de todos os trabalhadores deste País, da classe operária. É isto que a burguesia e os exploradores não querem admitir, mas é a verdade».

PAPEL PARA DOIS MESES

Depois de aludir a uma alegada intervenção do Presidente da República, que terá dito que o «problema do «Repúbli-

ca» não se resolve com avais ou empréstimos, porque não foi resolvido como devia no início da luta», já na parte final da reunião e em concordância com o exposto, um outro elemento apelou para a solidariedade das comissões de trabalhadores dos bancos nacionalizados, e que, estando ao serviço do povo, «devem evitar que a burguesia explore a classe operária e todos os oprimidos deste País».

Foi ainda referido, nesse enquadramento, que em 3 de Outubro próximo, conforme comunicados posteriores o divulgação, comissões de trabalhadores, moradores, soldados e marinheiros decidirão, em plenário, na «Voz do Operário», das formas de luta a encetar para que o jornal não seja retirado aos trabalhadores portugueses, bem como das medidas a tomar face ao levantamento da burguesia e do capitalismo.

Com compromissos financeiros na ordem dos 9 mil e 38 contos, com papel para mais dois meses, «República» incarna, hoje, uma das faces da luta que opõe, entre classes bem diferenciadas, trabalhadores e capitalistas, que tanto o Governo, como o C.R. e a administração anterior bem o sabem. Daí os esclarecimentos que aos representantes dos órgãos

da Informação foram prestados acerca de todas as dificuldades que o povo deve conhecer. Todos os órgãos da Informação têm, portanto, um papel muito importante a desempenhar na divulgação de toda a verdade, «porque o «República» está ao serviço dos oprimidos e dos explorados».

«Ao negar-nos o seu aval», afirmou-se ainda, «o Conselho da Revolução alterou a sua posição, porque conhecia bem o problema. Não fomos nós que pedimos para aqui uma comissão administrativa militar. Foi o C.R. e o Governo que a nomearam, e até aprovada por figuras de primeiro plano do C.R. Como, todavia, o mesmo órgão hoje identifica e consente o avanço da direita...».

E, depois de salientarem que o jornal não pode «voltar atrás de maneira frontal, aberta», pelo que «as manobras tramadas se fazem nas costas dos trabalhadores», os mesmos negaram qualquer predominância partidária no seu seio, «porque é inconcebível que cúpulas viessem substituir cúpulas políticas». Foi, igualmente, assinalado que aval não significava, neste caso, dívida ou dívida, porque «dentro de pouco tempo estaremos habilitados a satisfazer este compromisso com o dinheiro realizado pelo jornal». Se a questão do papel...



Ora diga-nos

RENASCENÇA E "REPÚBLICA": VOLTAM AO PATRONATO?

Os casos da Rádio Renascença e do jornal «República» assumiram a qualidade de símbolos da luta dos trabalhadores portugueses pelo controlo dos meios de produção. Um e outro têm mobilizado a opinião pública e suscitado um amplo movimento de solidariedade por parte das massas trabalhadoras. Recentemente, porém, surgiram rumores de que ambos aqueles meios de comunicação social iriam ser devolvidos ao anterior patronato que, no caso da antiga «Emissora Católica», é a Igreja. Essa medida, a verificar-se, seria um alarmante sintoma de que na verdade, o Sexto Governo Provisório não caminha na senda do socialismo como quem de responsabilidade afirmou publicamente, mas está mais interessado em regressar ao capitalismo. Que pensa o público dessa ameaça do patronato?

«Considero incorrecta a hipotética devolução da Rádio Renascença e «República» ao patronato — respondeu prontamente Maria José Abreu, candidata ao primeiro ano do Magistério Primário. — Regressei há pouco do Norte e pude verificar que a manipulação das populações pela Igreja é um facto. Como tal, a Igreja é reaccionária. Visto que a Rádio Renascença está ao serviço dos trabalhadores, assim deve continuar para não ser entregue a órgãos do poder fascista. O mesmo penso do caso «República».

«No meu entender, penso que devem continuar nas mãos dos trabalhadores — respondeu o contínuo Marcelino Caçador. — Ninguém melhor que os trabalhadores conhece os interesses dos próprios trabalhadores».

Por sua vez, o estudante de Medicina José Manuel Afreixo respondeu:

«Não concordo que tanto a emissora como o jornal se-



jam devolvidos aos patrões. Acho que em ambos os casos se tratou de posições assumidas pelos trabalhadores — e como penso que o futuro deste País está nas mãos dos trabalhadores, entendo que são eles que devem assumir posições.

OPOSIÇÃO DO "J.C."

"Tempo" não publicou reportagem com o E.L.P.

A oposição dos trabalhadores do «Jornal do Comércio» obteve a que o semanário «Tempo» inserisse hoje, como chegou a estar anunciado, uma reportagem junto do E.L.P. sob a forma de entrevista a um seu elemento feita em Perpignan, Sul da França.

Comentando o caso, a redacção do «Tempo» considera que o semanário foi arrastado pela polémica gerada em torno da entrevista com Alpoim Calvão n.º «O Jornal», declinando qualquer propósito de «traição ao povo». Explica também que resolveu compor e imprimir o seu produto nas oficinas do

«Jornal do Comércio» atendendo à necessidade urgente de trabalho que este tinha; por outro lado as contas estão praticamente saldadas, pois de um débito de 1211 contos foram pagos até agora mais de 1000.

«Neste momento «Tempo» é já uma empresa com perfeita liquidez — acrescenta a redacção. — «Os trabalhadores do «Tempo» não deixam, no entanto, de se sentir magoados com o tom de um comunicado dos seus camaradas do «Jornal do Comércio», o qual foi publicado sem quaisquer conversações prévias entre trabalhadores das duas empresas.»

CHILE LIVRE NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

"NÃO À TOLERÂNCIA DOS "LEADERS"!"

«Nenhuma organização que seja revolucionária, quando a ofensiva reaccionária é evidente, se pode desligar dos outros revolucionários. O verdadeiro partido forja-se na luta quotidiana», afirmou ontem à noite um militante da M.A.P.U., durante um comício de solidariedade com o povo chileno, que levou muita e muita gente ao Pavilhão dos Desportos. Um a um, o revolucionário chileno apontou os erros da classe operária e dos revolucionários do seu país e dos compromissos da direita e avanços do fascismo.

Importante: as mudanças ministeriais de Allende, pondo sociais-democratas no Gover-

no para apaziguar sectores fascistas; a constituição de «Pátria e Liberdade» (fascista), e a Democracia Cristã, que para defender a Pátria de uma ditadura comunista a entregava nas mãos do fascismo; as sabotagens da I.T.T.; o falhanço terrível das forças revolucionárias por não terem organizado politicamente soldados e marinheiros, enquanto o Governo de Allende se tornava cada vez mais impotente para sustentar a ofensiva fascista.

"NÃO HÁ TOLERÂNCIA DOS 'LEADERS'!"

Focou também militante a cedência à reacção de um meio de comunicação social

de importante tiragem que estava na posse dos trabalhadores — e bem assim o aproveitamento pelo sector reaccionário das Forças Armadas de uma certa tolerância governamental para desarmar os trabalhadores chilenos.

Foi também referido o saneamento à esquerda, manifestando-se a assistência contra essa discriminação fascista.

No Pavilhão dos Desportos encontravam-se representados o M.A.P.U., o M.I.R. e o P.S. Chileno, afirmando os seus militantes que a maior prova de solidariedade que o povo português poderia ter para com o Chile seria a realização da revolução socialista no seu

próprio país.

Os intervenientes dirigiram-se à classe operária portuguesa, pedindo-lhe, em nome do povo chileno, que boicotas-se os embarques de mercadorias do Chile para Portugal e de Portugal para o Chile.

«Cortem as relações diplomáticas com o Chile», gritaram os militantes.

Foram contados os crimes de Pinochet — e, finalmente, um revolucionário chileno, do M.I.R., afirmou:

«Neste momento, uma bandeira do nosso movimento encontra-se hasteada na Embaixada do Chile em Portugal, desde as 18 horas. Viva o internacionalismo proletário!»

Geral

"NEW YORK TIMES" DIXIT

U.S.A. apoia o P.S. e U.R.S.S. suporta o P.C.P.

NOVA IORQUE, 25 — (FP) — Armas e milhões de dólares estão a ser enviados secretamente para Portugal e Angola pelo Estados Unidos da América e pela União Soviética, revela o «New York Times» de hoje, citando «fontes oficiais».

O jornal informa nomeadamente que a C.I.A. (agência de espionagem americana) forneceu nestes últimos meses vários milhões de dólares para várias organizações não — comunistas de Portugal. Dizem essas fontes que foram enviados fundos pelos partidos socialistas e sindicatos da Europa Ocidental a uma organização, cujo nome não é divulgado. Esclarecem ainda que alguns sindicatos chegam a enviar armas ligeiras e munições para o Partido Socialista Português.

Escreve o «New York Times», que até à primavera a maior parte da ajuda para as forças não — comunistas de Portugal eram enviadas secretamente pelo Partido Social-Democrata da Alemanha Federal.

A União Soviética enviou, pelo seu lado, 50 a 100 milhões de dólares ao Partido Comunista Português desde Abril de 1974. Esta assistência, bem como os fundos fornecidos pela Alemanha Democrática e por outros países da Europa de Leste, foram encaminhados por

um banco de Lisboa e um banco de Zurique, cujos nomes não dá o jornal nova-iorquino.

Em relação a Angola, o «New York Times» realça o facto da União Soviética enviar armas ao Movimento Popular para a Libertação de Angola (M.P.L.A.). Este jornal esclarece em particular que em Março aterraram aviões soviéticos na República Popular do Congo, transportando material militar que foi imediatamente introduzido em Angola. Além disso na primavera, navios jugoslavos, soviéticos, alemães de Leste e argelinos desembarcaram ar-

mas e munições no porto de Luanda ou ao largo da costa angolana.

Os Estados Unidos, por seu turno, apoiam a Frente Nacional de Libertação de Angola (F.N.L.A.), cujo dirigente, Holden Roberto, fora escolhido em 1962 pelo antigo presidente norte-americano John Kennedy, e também auxiliam a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), prossegue o «New York Times».

A C.I.A. forneceu de 1962 a 1969 dinheiro e armas a Holden Roberto, cunhado do gene-

ral Mobutu Sese Seko, presidente do Zaire, observa o jornal, revelando que o auxílio norte-americano é agora transmitido por intermédio do general Mobutu.

Por fim, o «New York Times» informa que, segundo as mesmas fontes, a China mantém em bases no Zaire duzentos e cinquenta conselheiros militares, que apoiam a F.N.L.A. e a UNITA. Mas essas fontes acrescentam que parece não haver qualquer acordo entre Pequim e Washington sobre o auxílio a dar a essas organizações.

JORNADA DE LUTA DA JUVENTUDE EM RIBA DE AVE

PORTO, 25 — No próximo domingo, efectua-se em Riba de Ave uma Jornada de Luta da Juventude pela Liberdade e pela Democracia.

Para o efeito foi constituída uma comissão de iniciativa que se propõe demonstrar que a juventude está com a Revolução, ao comemorar a vitória das forças populares contra o fascismo; mobilizar grandes massas da juventude para a luta contra o iminente perigo fascista, pela liberdade e pelo socialismo; e organizar a juventude de trabalhadora e fortalecer a sua unidade através da resolução dos seus problemas, de-

envolvendo as mais amplas iniciativas.

Esta jornada compreende a realização de actividades culturais (teatro, cinema e colóquios), desportivas (futebol e atletismo), canto livre e, ainda, um comício onde a juventude, lado a lado, com a classe operária, os camponeses, todos os trabalhadores, e os soldados, marinheiros e oficiais progressistas do M. F. A. manifestar-se-á pelo avanço do processo revolucionário rumo ao socialismo, condição fundamental para ver reslvidos os seus mais sentidos e justos anseios.

SECRETARIADO DA F.U.R. CRIADO EM ÉVORA

Constituído pelas organizações distritais dos partidos da FUR, em torno do Manifesto de 10 de Setembro, foi criado o Secretariado Distrital de Évora da FUR.

Este Secretariado anuncia desde já a convocação de uma grande manifestação em Évora, no dia 28 de Setembro, com o apelo à adesão de todos os órgãos de Poder Popular, organizações progressistas e sindicatos.

C.A. PARA A SEICLA

Foi nomeada uma comissão administrativa para a Seicla, Sociedade de Empreendimentos Industriais de Construções Leacock. A nomeação é objecto de uma resolução publicada hoje no «Diário do Governo» e da comissão fazem parte o tenente-coronel engenheiro Júlio César Pedreira de Cam-

pos, José Duarte Martins da Silva e Leandro Fidílio de Afonseca de Sousa.

A Seicla dedica-se à construção de casas pré-fabricadas, labora em Mem Martins, tem como principal (quase exclusivo) cliente o Estado, e conta com o efectivo de cerca de 110 trabalhadores.

FREGUESIA DE BELAS CONTRA O COMANDANTE DA CARREGUEIRA

A Assembleia Popular da Freguesia de Belas aprovou uma moção de repúdio pela atitude do comandante do aquartelamento do Campo de Tiro da Serra da Carregueira, que negou àquele órgão de vontade popular a comparência dos delegados da A.D.U. (Assembleia de Delegados de Unidade) às reuniões do Secretariado e da Assembleia Popular. Como justificação, aquele oficial alegou não ter pessoal e não lhe pertencer aquela zona militar, mas ao R.I.O.G.

«Isto não é verdade» — prossegue o texto da moção — «porque até aqui sempre

têm participado nos plenários de moradores. Este caso já é uma coincidência ocorrida em diversas convocatórias feitas pela Junta de Freguesia para anteriores assembleias populares.»

Depois de perguntar se ao comando daquela unidade interessa o poder popular ou o poder da burguesia, a assembleia, através da moção, conclui:

«(...) Se não lhe interessa, ou se tem dúvidas acerca do Poder Popular, então demita-se! Dispa a farda, e venha trabalhar ao lado da classe operária e dos camponeses.»

OS VIAJANTES NÃO PODEM ENTRAR NO PAÍS COM MAIS DE 1000\$00

Do Banco de Portugal recebemos um comunicado sobre as medidas tomadas para impedir o pagamento de exportações em notas desse banco e sobre a entrada no País de notas transportadas por emigrantes, turistas e representantes de firmas estrangeiras.

Dada a importância deste comunicado e atendendo a que nele se fundamentam as razões que levaram o legislador a proibir que os viajantes, residentes ou não em território nacional, entrem no País com mais de 1000\$00, publicamo-lo na íntegra.

Em comunicação anterior, emitida em 6 de Agosto de 1975, foram divulgadas medidas tomadas no sentido de controlar e reprimir as saídas ilícitas de capitais que, sob a forma de notas do Banco de Portugal, se estavam a incrementar, sendo de admitir, dada a diminuição do volume de notas remetidas pelos bancos estrangeiros, que tais medidas se revelaram eficazes.

Na possibilidade de procederem à troca das notas junto dos bancos domiciliados no estrangeiro, a não ser dentro dos limites legalmente estabelecidos, os seus possuidores procuraram novas modalidades de escoamento das notas que de-tem em condições de ilegalidade. Assim, têm vindo a actuar junto dos nossos emigrantes, procurando, através de oferta de câmbios favoráveis, trocar localmente as moedas de que estes são possuidores por escudos/notas que depois são transportadas ou remetidas para Portugal. Igual procedimento tem seguido junto de turistas estrangeiros que se pretendem dirigir a Portugal desviando as divisas que tão necessárias são à nossa estabilidade económica e financeira.

Neste contexto, cuja evolução tem vindo a ser atentamente seguida pelo Banco de Portugal, surge agora a tentativa de canalizar os escudos/notas para pagamento das nossas exportações. A fim de o conseguir são oferecidas às firmas importadoras estrangeiras, clientes das nossas empresas exportadoras, a câmbios por vezes altamente favo-

ráveis, as quantias, em notas do Banco de Portugal, de que tais firmas necessitam para liquidar os seus compromissos, o que estas procuram fazer quer entregando as notas a um banco local que seguidamente as envia para um seu correspondente em Portugal, quer remetendo-as em pagamento directamente à firma exportadora portuguesa.

Consciente, pela dimensão de todas as práticas e pela sua dissiminação por diversas países, de que elas são alimentadas por organizações ilegais interessadas em lesar gravemente os interesses nacionais, o Banco de Portugal tem vindo a propor e a pôr em prática medidas no sentido de as contrariar e, sempre que possível, as eliminar. Assim, as medidas já adoptadas permitem controlar todas as operações desta natureza que se processam através do sistema bancário, bastando que as remessas de notas não obedecem aos condicionamentos legalmente impostos e oportunamente divulgados, para que o seu valor seja creditado numa conta especial que apenas pode ser utilizada em pagamentos a residentes em Portugal, mediante prévia autorização deste banco.

As restantes práticas que envolvem a entrada de notas do Banco de Portugal transportadas por emigrantes, por turistas, ou por representantes de firmas importadoras estrangeiras, são objecto de regulamentação já preparada e cuja entrada em vigor se verificará de imediato. Esta legislação impõe o limite de esc. 1000\$00 aos montantes em notas do Banco de Portugal com que um viajante, residente ou não em território nacional, poderá entrar no País.

Face ao que precede, o Banco de Portugal vem chamar a atenção do público em geral e das empresas exportadoras nacionais em particular para a necessidade do cumprimento rigoroso da regulamentação cambial em vigor, porquanto, para além de estar em causa a estabilidade da economia nacional, poderão, caso venham a cometer quaisquer irregularidades, ficar sujeitos às sanções previstas na lei ou a eventuais prejuízos.»

P. J. DO PORTO:

CIGANOS PARA DESALOJAR OS OCUPANTES DE UM PRÉDIO?

PORTO, 25 — «Em 4 de Agosto de 75 foi ocupada pela população da freguesia da Vitória, com o apoio da comissão de moradores, uma casa devoluta, sita na Rua da Picaria, 103, com condições habitacionais, mas que era parcialmente utilizada para armazenagem de livros». Assim começa um comunicado da comissão de moradores da freguesia da Vitória da cidade do Porto, enviado para a Imprensa.

Salienta a comissão de moradores que nessa casa, devoluta há mais de dois anos, foram instaladas famílias daquela freguesia altamente necessitadas. A fim de proceder correctamente, a comissão convocou o senhorio, o licenciado em Direito «dr. Arlindo», para uma reunião em que seria discutida uma forma de acordo para a celebração dos contratos de arrendamento, já que

pela legislação em vigor, o prédio teria que ser alugado. O senhorio recusou-se a comparecer por pretender continuar a servir-se dos 4 andares do prédio como armazém das livrarias «Athena» e «Nélita», de que é sócio-gerente. Além da recusa, o referido «dr. Arlindo» licenciado em Direito e autodenominado antifascista, ameaçou recorrer à violência para desalojar os ocupantes do

prédio em questão e, segundo afirmou à comissão de moradores, teria contactado a Polícia Judiciária que por seu turno lhe teria aconselhado como solução, recorrer a ciganos para conseguir os seus intentos!

«Aos pretensos antifascistas como o sr. dr. Arlindo termina o texto a população da Vitória e todo o povo explorado deste País, saberá a seu tempo dar a resposta adequada.»

RECÉM-NASCIDO ILESO NUM ACIDENTE EM QUE MORRERAM OS PAIS

UISEU, 25 — Por o automóvel em que seguia ter sido abalroado por uma camioneta, perdeu a vida o jovem casal, João Ferreira Ladeira, de 27 anos, e Ana Paula Ladeira, de 20. No mesmo veículo seguiam também os pais do condutor, José Ferreira Martins, de 52 anos, e Felicidade Gomes, de 43, e duas irmãs, Augusta, de 12, e Albertina Gomes Ferreira, de 14, que sofreram escoriações várias, e ainda um filho do casal, com apenas 10 dias

de idade, que saiu ileso de acidente.

UM MORTO E 8 FERIDOS

CALDAS DA RAINHA, 25 — Despiçou-se e capotou, na estrada da Tornada, um automóvel conduzido por José Moreira Correia, de 39 anos, empregado de mesa, natural de S. Pedro de Sintra, onde reside. No veículo seguiam ainda,

a mulher do condutor, Stela Eva Pereira Correia, de 40 anos; os filhos do casal, os menores Hélio e Oscar José, respectivamente, de 12 e 8 anos; Rosalina Gomes Correia, de 46, natural e residente na Nazaré; Maria das Dores Fernandes de 18, natural e residente em Monção; a menor Elmásia Maria Reis, de 13, natural e residente na Nazaré; Maria da Guia Moreira Correia, de 8; e Conceição Rodrigues Moreira, de 77 viúva de Carvalhal (Bom-

barral).

Ficaram feridos todos os ocupantes, que foram transportados à Casa de Saúde do Montepio Rainha D. Leonor, onde Conceição Rodrigues Moreira veio a falecer. Os seis primeiros foram transportados para o Hospital de S. José, em Lisboa, onde ficaram internados, em estado grave. Os restantes feridos regressaram a casa, após terem recebido tratamento a ferimentos ligeiros.

MAIS ÁGUA PARA ALMADA

O integral aproveitamento da capacidade de produção dos furos da Quinta da Bomba, aumentando para mais do dobro a actual produção, vai melhorar significativamente o abastecimento de água ao concelho de Almada. O empreendimento orça por 2760 contos, com uma comparticipação do Estado em 50 por cento.

Data do ano passado a ela-

boração do projecto de uma conduta elevatória a debitar sobre o reservatório do Laranjeiro, conduza essa com 500 mm de diâmetro e cujo assentamento, ao longo de cerca de dois quilómetros, se encontra agora em vias de conclusão. Custo desta fase: 4500 contos.

Mais tarde o concelho de administração dos SMAS (Serviços Municipalizados de Água

e Saneamento) cometeu a uma empresa especializada um estudo-prévio visando a definição das obras de construção civil e do equipamento electromecânico necessárias à concretização do total aproveitamento da Quinta da Bomba, pelo reforço da adução entre esta e o reservatório do Laranjeiro. Já no período de trabalhos foram montados dois novos gru-

pos com uma potência unitária da ordem dos 250 quilovátios e substituiu-se o transformador, que era de 250 quilovátios também, por um de 500.

Neste momento os SMAS de Almada contam retirar dos furos da Quinta da Bomba cerca de 160 litros de água por segundo (13 800 metros cúbicos por dia).

Nacional

TIROS PARA O AR NO ROSSIO

Militares da P.M. restabeleceram ordem alterada por retornados

Cerca de 14 militares comandados por um aspirante miliciano tiveram de intervir, entre as 18 e as 21 horas de ontem, no Rossio, para evitar que alguns retornados obstruíssem uma das faixas de rodagem, depois de um polícia de serviço lhes ter chamado a atenção para as dificuldades causadas ao trânsito naquele local.

Quando os elementos da P.M., que acidentalmente passavam pelo Rossio, se tentaram inteirar do que sucedia e inicialmente pediam às pessoas para dispersarem de modo a facilitar o trânsito, insultos e vaias de alguns dos retornados irromperam. Ameaçados, os militares, que se encontravam em inferioridade numérica, já depois de verem as suas duas viaturas «carradas», não tiveram outra solução que não fosse disparar rajadas para o ar.

«Assassinos» e «comunistas» saíram da boca de alguns dos refugiados coloniais, enquanto a debandada aumentava e muitos eram os retornados que discretamente dispersavam. Comentários das pessoas e ordens categóricas dos militares, no sentido de desviar o trânsito para o centro do Rossio, vigiando muitos dos retor-

nados ali concentrados enquanto não chegavam reforços, dominaram as operações durante mais uma hora, período em que nova rajada foi disparada, porque os retornados tentaram uma outra «investida».

Três horas depois chegariam viaturas militares do R.I.O.Q. e

foi então que elementos da P.M. e da Polícia Aérea iniciaram as buscas para averiguar dos indivíduos que estiveram na origem dos acontecimentos. Ao que nos informaram no local, detiveram três, que não se identificaram ali, sendo transportados, num dos carros militares, para local que desconhe-

ceamos.

De acordo com declarações prestadas por uma das testemunhas que assistiu a toda a sequência, os referidos elementos provocaram a «invasão» da faixa de rodagem e parecem ter incitado os presentes a vaiarem e insultarem os militares. Manipulação?



"A GREVE FOI UM ÊXITO"

—afirma a Federação dos Metalúrgicos

«A greve foi um êxito» — afirmou um dos dirigentes da Federação Nacional dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metalomecânicos, referindo-se à adesão dos trabalhadores metalúrgicos e de outras profissões à greve de uma hora ontem realizada e que se destina a obrigar o patronato a cumprir a portaria emanada do Ministério do Trabalho e que estabelece os novos salários para a classe.

Com efeito, alguns números já confirmados e esta manhã divulgados por um matutino, indicam os seguintes resultados: distrito de Lisboa — de 95 a 100 por cento; distrito de Coimbra — em 40 empresas só não paralisou uma; distrito de Santarém — 95 a 100 por cento; distrito da Guarda — adesão de 80 por cento; distrito de Viseu — adesão de 95 a 100 por cento; distrito de Braga — 85 por cento; distrito de Évora — 98,5 por cento e, ainda a adesão, de muitas empresas doutros sectores de actividade; distrito do Porto — embora faltando os resultados de algumas empresas, em 93 (englobando 14 591 trabalhadores) só 8 (6050) não pararam por decisão dos respectivos plenários de trabalhadores; distrito de Aveiro — adesão de 85 por cento; nos distritos da Covilhã e Castelo Branco paralisaram as maiores fábricas de lanifícios; distrito de Portalegre — adesão de 95 por cento.

Em contacto com o Sindicato dos Metalúrgicos de Faro, fomos informados que houve

uma ampla participação na greve realizada, tendo a direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros emitido um comunicado apoiando a justa luta dos trabalhadores metalúrgicos.

O P.S. CONDENA A GREVE

O Partido Socialista foi a única organização política que até agora tomou posição sobre a greve dos metalúrgicos, condenando-a. A Comissão de Trabalho do P.S. afirma: «Esta greve da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos aparece sem conteúdo, sem discussão prévia, sem decisão democrática nos locais de trabalho — portanto como mais uma manobra cupulista, obedecendo a preocupações partidárias e divisionistas. Não é o patronato reacçãoário mas sim o VI Governo que se pretende pôr em dificuldades. Dizemos NÃO. Queremos vencer o patronato reacçãoário e avançar no caminho do socialismo. Queremos julgar o VI Governo pelos seus actos e não impedi-lo de começar a agir. A demagogia é a primeira aliada da reacção. É preciso avançar com segurança. Que se exija ao Ministério do Trabalho a aplicação por parte dos patrões, da Portaria em causa — este será o primeiro passo».

Os operários da Alumina do Porto, manifestaram-se pela adesão à greve e, numa alusão clara ao comunicado do P.S., e depois de perguntarem quem está interessado em dividir os

trabalhadores, afirmam: «Repudiamos a intromissão de partidos políticos na nossa luta. Perguntamos: como é que certos partidos já tinham autorização para paralisar o País em 24 horas, sem consultar as bases? Onde está a boa vontade de consultar as bases? Julgamos, e deve ser verdade, que o patronato está apadrinhado por esses partidos políticos. Nunca se deu nos jornais diários que dirigentes sindicais actuais tenham tomado parte nos plenários da C.I.P., como aconteceu com dirigentes de certos partidos políticos. Resta-nos saber as conclusões desses mesmos plenários».

A TAP NÃO ADERIU

Os 1600 metalúrgicos da TAP não aderiram à greve. Os delegados sindicais aprovaram uma moção em que apelam para que os metalúrgicos se «mobilizem para um consequente e amplo processo de greve que seja levado até ao fim, ou seja, até à conclusão do C.C.T.». Contrato este que, na maior parte dos casos, não beneficiará os trabalhadores metalúrgicos da TAP, cujos salários se encontram para além deste novo contrato. Repudiam «mais esta manobra das direcções sindicais vendidas aos interesses que não são os dos trabalhadores e consideram a greve como uma tentativa de determinados sectores de recuperar as posições perdidas no Governo».

As últimas notícias da nossa delegação no Porto, revelam que nesta cidade e nos arredores, metade das fábricas aderiu à greve enquanto a outra metade disse «NÃO». Durante o período de paralisação delegados sindicais fizeram sessões de esclarecimento sobre os motivos desta «greve-aviso». A Iberol-Copaz desta cidade

de e como desde que se deu a fuga dos administradores está a ser gerida pelos operários, a Comissão de Trabalhadores apoia no entanto inteiramente a greve dos metalúrgicos. «Os trabalhadores não podem ceder hoje — afirmam num comunicado — a reacção abate-se sobre os metalúrgicos: amanhã será sobre outros trabalhadores. A resposta será sempre firme e imediata. A classe operária, o povo trabalhador não permitirão que se ponham em perigo as conquistas já alcançadas».

Parlamento europeu recomenda auxílio sem condições

LUXEMBURGO, (F.P.) — O Parlamento Europeu pronunciou-se a favor de um auxílio comunitário directo a Portugal e isto no mais curto prazo de tempo.

Durante um debate de actualidade, pedido pelos parlamentares, em que tomaram parte a Comissão e o Conselho, uns quinze oradores insistiram para que o auxílio financeiro que for concedido a Portugal não seja ligado a quaisquer condições.

O representante da Comissão de Bruxelas, Thomson, declarou que a lição a tirar dos acontecimentos em Portugal é que é preciso dar «um auxílio importante no momento oportuno». Acrescentou que as pro-



O repórter de serviço

Júlio Rodrigues

O "tiro" dos soldados

O fascismo foi sustentado e incrementado por generais. O 25 de Abril, em que não estava Alpoim Calvão — que não mete medo a ninguém e que homens do mesmo «ofício» promovem —, na altura indigitada para presidente da Comissão Central de Arbitros, foi levado a cabo por capitães. E a Revolução (portuguesa e bem do Povo), contra que muitos se têm revelado em contrário, será indelmente obra de soldados.

Por diversas vezes que já anunciaram a cor. Em manifestações, na recusa, nas tomadas de posição nos quartéis. Aconteceu há dias em Setúbal, quando o segundo-comandante proibiu cerca de 50, de participarem num desfile apartidário, promovido por Comissões de Trabalhadores e Moradores. E sabem qual foi a decisão? Incorporaram-se mesmo no desfile. E, à noite, com populares, cercaram a unidade. Mais: ameaçaram, do exterior, dominar o paiol. Formaram, no Porto, o SUV. Depois foi Sacavém. Hoje será em Lisboa...

«Filhos do povo». Da mãe sem marido ou da viúva há muitos anos de luto, sem pensão do homem nem maquia da Casa do Povo que em muitas terras é para o proprietário.

E morre, como no RALIS, o Joaquim, que era de Amante. Morre para sempre e até deixa viúva com filhos e sem protecção.

Não tem valores nem propriedades nos Açores, não declara que é filho de um pastor, quando o é de um feitor-proprietário da Beira Baixa, não é apressadamen-

te promovido a brigadeiro ou general, nem tem nada a ver com quintas e quintais em Moimenta da Beira. E, claro, nada de «Nove», que é prova confusa e virada para «fora» (Terceiro-Mundo? Não; Europa Ocidental, Estados Unidos...).

Os soldados não dão aval a comandantes que não conhecem, ou mal conhecem. Não são os soldados que nomeiam os comandantes para os quartéis. Seriam os soldados, conforme no-lo dizia há dias um, no decorrer de uma outra manifestação em que se pedia aos fotógrafos de serviço para não apontarem a objectiva, os primeiros a saírem a maioria dos comandantes das Unidades do Exército, enviados para lá «nas costas do povo». Deviam ser os soldados, em plenário, a decidir, muitas vezes, de medidas a tomar, e não os comandantes a apoiar os «Nove» ou a escamotear muitas das discussões bem precisas neste País para clarificação de muita coisa.

E quando, em momento particularmente agudo, os pretensos «donos» destes 89 mil quilómetros quadrados, ameaçavam, com tantas e tanta unidade a seu favor, fazer prevalecer os seus designios — que não eram os do povo, os dos soldados —, muitos foram os que afirmaram coisas como estas: «Mas, então, vamos ter uma guerra entre generais e generais, maiores e maiores, e sem soldados?» É que os soldados, dia a dia, enriquecidos com a experiência da sua vida militar, já tomaram posição: estão com a Revolução.

NOTARIADO PORTUGUÊS

DECIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA DA GLÓRIA SAMPAIO FILIPE DE SOUSA

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura de 18 de Agosto de 1975, lavrada de folhas 45, verso, a folhas 47, do livro A-92, para escrituras diversas deste cartório, foi dissolvida a sociedade comercial por cotas denominada «ELECTRO ESTRELA DE LISBOA, LIMITADA», com sede em Lisboa, da qual eram os únicos sócios Américo Martins e José Lapa. Que a sociedade não tinha activo, nem passivo e a causa da dissolução, foi a cessação do seu objecto. É certidão narrativa parcial que fiz extrair a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita, e certifico que na parte omitida da referida escritura nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

Lisboa, vinte e sete de Agosto de mil novecentos e setenta e cinco.

O Ajudante,
João Pedro Barradas

RETORNADOS

Entretanto um grupo de trabalhadores do Banco de Angola, retornados a Portugal nos últimos dois meses, convoca todos os seus camaradas nas mesmas circunstâncias para

uma reunião a efectuar sábado, pelas 15 horas, na sede do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, em Lisboa, a fim de discutir assuntos relativos à classe.

Nacional

ACTIVIDADE PARTIDÁRIA

BREVE ANÁLISE AO FIM-DE-SEMANA

«Os actos terroristas levados a cabo este fim-de-semana não surgem isolados mas na sequência de uma vasta campanha desencadeada pela reacção fascista de há uns meses para cá» — considera a Comissão Executiva da Comissão Central da U.E.C., União dos Estudantes Comunistas, num comunicado publicado ontem. «É assim que bandos de criminosos, ao serviço da reacção interna e externa, assaltam e destroem centros de trabalho do P.C.P. e de outras organizações progressistas, incendiam matas e searas, agredem militantes de organizações revolucionárias».

Para a CE da CC da U.E.C., «as bombas que deflagraram este fim-de-semana vêm mais uma vez alertar para a necessidade de, com urgência, serem tomadas medidas enérgicas que ponham cobro à violência fascista. «Que se impõe? — «que a acção das massas populares seja acompanhada de enérgicas medidas por parte

dos órgãos de poder constituídos. Há que exigir a prisão e o castigo dos responsáveis pelo terrorismo fascista». E vai um apelo «a todos os estudantes progressistas para que em unidade com os estudantes comunistas se coloquem ao lado das massas populares no firme combate à reacção e na luta pelo avanço do processo revolucionário rumo ao socialismo».

A LUAR EM SANTARÉM

«Vivemos uma fase decisiva para o futuro do processo revolucionário desencadeado em 25 de Abril de 1974» — diz a LUAR, em Santarém, dirigindo-se aos trabalhadores e ao povo do Ribatejo: «Ao nível do poder e no campo do terrorismo, as forças da burguesia e do imperialismo avançam com violência preparando-se para recuperar o terreno perdido e retirar aos operários e campo-

neses o que com tanto custo tem sido conquistado. Não podemos permitir que tal aconteça. Há que continuar a dar passos em frente pelo poder de quem trabalha e do socialismo».

Na sequência, uma informação: a LUAR, Liga e União e Acção Revolucionária, abriu uma sede regional na Travessa das Frigideiras, n.º 11, em Santarém.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO P.C.P.

A Direcção da Organização Regional de Lisboa (DORL) do P.C.P. dá hoje uma conferência da imprensa do seu centro de trabalho em Alcântara.

Trata-se de explicar os motivos por que o P.C.P. lançou uma campanha de solidariedade revolucionária, política e material, com os trabalhadores rurais alentejanos em luta pela Reforma Agrária.

Entretanto, será dado a conhecer o programa da Jornada Popular que o P.C.P. vai realizar no próximo dia 27 no Estádio 1.º de Maio.

P.P.D.: 2.º CONSELHO NACIONAL E COMÍCIO ADIADO

O Partido Popular Democrático vai realizar nos próximos dias 27 e 28 o seu 2.º Conselho Nacional.

Os trabalhos decorrem na Estalagem da Via Norte, próximo do Porto, local onde funcionará, desde as 14 horas de 27, um Gabinete de Imprensa.

Ainda o P.P.D. foi adiado para data a anunciar (para depois do 2.º Conselho Nacional — informa o partido, desde já) o comício que estava marcado para amanhã em Lisboa.

P.C.P. DESMENTE «TEMPO»

Joaquim Pires Jorge, membro do P.C.P. desde 1934 e membro do seu Comité Central desde 1943, nunca viveu em Moscovo e não pode regressar a Portugal pela simples razão de em Portugal se encontrar no seu posto de combate, tal como durante a longa «noite fascista» — lê-se num comunicado emitido pela S.I.P. do P.C.P. Seguem-se mais dados referentes a Pires Jorge.

O comunicado é a propósito de uma «confidencial» que o semanário «Tempo» no seu último número publicou. Dizia o «Tempo», que «em meios afectos ao P.C.P.» se «fala muito no possível regresso a Portugal» de J.P.J., o qual, «vive em

Moscovo desde 1934».

A título de curiosidade, lembra o P.C.P.: «No VII Congresso do P.C.P., em Outubro de 1974, foi Joaquim Pires Jorge quem fez alocução de abertura».

Ainda do comunicado: «Lamenta-se o «Tempo», em artigo inserto no mesmo número, de o P.C.P. lhe recusar colaboração, exigindo do P.C.P. uma política de bom entendimento com os órgãos de informação», com os quais se pretende confundir. É evidente que o P.C.P. não pretende qualquer «entendimento», nem bom nem mau, com o «Tempo»; e considera que não honra ninguém a colaboração com um órgão de desinformação, intriga e diversão contra-revolucionária. Enquanto o «Tempo» for o «Tempo» que é, decerto o P.C.P. não modificará a sua atitude.»

P.S.: A FAVOR DOS RETORNADOS

Promovida pelo Partido Socialista vai realizar-se no próximo dia 29 à noite no Coliseu dos Recreios uma festa a favor dos cofres da Comissão Socialista de Apoio aos Retornados de Angola.

Na festa colaboram artistas do P.S. ou afectos: Ivone Silva, Paulo Renato, Carlos Coelho, Raul Solnado, Max e Nicolau Breyner, Jorge Machado e seu conjunto.

M.D.P.: NO PORTO, COM O CONSELHO MUNICIPAL

A tentativa de ilegalização do Conselho Municipal do Porto insere-se numa deliberada ofensiva contra-revolucionária contra o poder popular — diz o M.D.P., no Porto, colocando-se ao lado do Conselho Municipal nesta cidade. O M.D.P. saudou «a luta vitoriosa travada no Porto em defesa da organização popular, exemplo grande de uma disposição combativa, hoje mais do que nunca necessária para defender as conquistas populares e a revolução».

O.P.S. EM RAMALDE

O Partido Socialista abriu sede em Ramalde, na Rua Pedro Hispano, n.º 680. A sede está aberta todos os dias à noite entre as 21 e as 24 horas. Em funcionamento, já: um serviço clínico de enfermagem, para os socialistas e para os retornados de Angola. Em projecto, «explicações» para os socialistas e uma creche para os filhos.

Planeamento e Coordenação Económica, Finanças e Equipamento Social e Ambiente.

O montante destina-se ao apoio que o gabinete deve dar às populações na realização de obra de evidente interesse local.

“LA JOIE DE LIRE” À BEIRA DA FALÊNCIA

A Livraria «La Joie de Lire» de Paris, encontra-se à beira da falência e ocupada pelo pessoal, num total de 40 empregados. Este drama segue-se a um outro, que foi a saída de François Maspéro da sociedade, em Dezembro último.

Muito frequentada por exilados portugueses desde os princípios da década de 60, a «Joie de Lire» começou por estar instalada no n.º 40 da Rue Saint-Séverin, em pleno Bairro Latino, para se estender posteriormente ao prédio fronteiro. Assim há neste momento duas «Joie de Lire», património vendido por Maspéro a Claude Nadjar e Bernard Lallement. (Maspéro conservou apenas a propriedade da casa editora).

Razões da falência iminente? Nadjar e Lallement defendem-se argumentando que na altura da venda a «Joie de Lire» estava já em péssima situação financeira, decorrente

dos repetidos azares por que passara Maspéro: 48 condenações em processos judiciais, pesadas multas, proibição de várias e múltiplas intervenções da Polícia, para já não falar das acções de comandos da extrema-direita e... dos roubos de livros, que atingem ali, anualmente, um índice assustador. «Le Monde» refere que os amigos do alheio se apressaram, só em 1974, de meio milhão de francos de mercadoria!

Entretanto a gestão Nadjar-Lallement coincidiu com uma baixa sensível das vendas, e a «Joie de Lire» veio por aí abaixo. Desde 18 do corrente que os 40 empregados ocupam as instalações. Os sucessores de Maspéro haviam solicitado ao tribunal a nomeação de um administrador provisório, pormenor que apressou a, degradação, ou mesmo desagregação, do ambiente de trabalho.



Já tinha sido assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

Com data de 15 do corrente foi exonerada das funções de secretária nos Serviços de Apoio do Conselho da Revolução D. Luísa Maria Nunes Dias da Silva Horta. Entretanto foi admitido nos mesmos serviços, como especialista, o sr. Lídio José Leite Pinheiro de Magalhães.

Um despacho do ex-secretário de Estado Antunes de Carvalho, da Estruturação Agrária, deu por finda a requisição do técnico dr. Manuel Domingues, da Companhia de Seguros Império.

179 EXPROPRIAÇÕES NO ALENTEJO

Por portaria publicada ontem na folha oficial, foram expropriadas mais 179 herdades no Alentejo: 25 no distrito de Setúbal e 154 no distrito de Évora.

As mais das herdades pertencem aos concelhos de Alcácer do Sal, Grandola, Montemor-o-Novo, Évora, Viana do Alentejo, Portel, Alandroal, Es-

tremoz, Arraiolos e Reguengos do Monsaraz.

As expropriações foram decididas no âmbito do Ministério da Agricultura e Pescas (ainda quando Oliveira Baptista era titular da pasta), sob proposta dos respectivos Conselhos Regionais de Reforma Agrária.

Instituto de Línguas de Algés

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 2 10 29 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO — RUSSO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS
A INICIAR EM 1 DE OUTUBRO

Das 10 às 12 h. e das 17 às 22 h. excepto sábados

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — LISBOA

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA E P A L

EMPREITADA PARA O FORNECIMENTO
DE PEÇAS DE RESERVA PARA BOMBAS KSB

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 28 de Outubro, pelas 15 horas, na sede da EPAL, na Avenida da Liberdade, 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa até às 17 horas do dia 27 de Outubro de 1975.

O processo do concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Sede da Empresa, onde poderá ser examinado e obtida cópia.

Lisboa, 22 de Outubro de 1975.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

Externato Padre Cruz

Alameda D. Afonso Henriques, 3, 1.º, Dt.º
Telef. 830198 — LISBOA

INFANTIL — PRIMÁRIO

ABERTO TODO O ANO das 8.30 às 20 h

Mensalidades sem alteração de preços

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata
doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

**OTELLO
NA
SUÉCIA**

"Os partidos portam-se como crianças"

Portugal, barómetro político do mundo contemporâneo, continua a ser o alvo predilecto dos observadores internacionais. Por outro lado, grande parte dos políticos do nosso país habituaram-se já a transmitir as suas declarações importantes através dos órgãos de Informação estrangeira. Na Suécia, onde Otelos e Rosa Coutinho foram representar o MFA em resposta a um convite do Governo social-democrata daquele país, o general Saraiiva de Carvalho defendeu que a via sueca não tem aplicação em Portugal e voltou a bater na tecla da menoridade política dos partidos. «Os partidos são ainda crianças e se comportam, por vezes, como tal», assinalou o general, que habituou o país às suas controvertidas tomadas de posição. Mas, na verdade, organizados e radicados no interior do País, apenas existiam, antes do 25 de Abril, o PCP e o MRPP, o que dá uma certa margem de razão ao general. Entretanto, Álvaro Cunhal continua a atacar o PPD como fazendo «o jogo da reacção» e defende também que o VI Governo Provisório «não é de coligação». Mário Soares, por seu turno, mostra-se confiante, dizendo que Portugal caminha «no sentido do pluralismo político». A viagem do Presidente Costa Gomes à União Soviética e à Polónia é aguardada com todo o interesse, em particular após a alteração verificada na correlação de forças no País em que se assiste a uma nítida avançada do imperialismo americano e do sub-imperialismo europeu em detrimento das posições de interesses rivais.

NA SUÉCIA

ESTOCOLMO, 25 — (FP) — O general Otelos Saraiiva de Carvalho declarou, na quarta-feira, em Estocolmo, que as eleições legislativas em Portugal poderão realizar-se a partir de Fevereiro de 1976.

O general Saraiiva de Carvalho precisou, numa conferência de imprensa que concluiu a visita de uma delegação do MFA à Suécia, que tinha vindo a este país estudar «in loco» a via escolhida pelos suecos para atingirem o socialismo. «Mas uma social-democracia idêntica à da Suécia não é aplicável em Portugal. Demoraria demasiado tempo», comentou. Saraiiva de Carvalho manifestou a sua crença na democracia directa, acentuando que esta «não passa apenas pelos partidos políticos», tanto mais que estes são ainda «crianças e se comportam, por vezes, como tal». «É preciso dar-lhes tempo para crescerem», comentou o general, depois de referir que alguns desses partidos têm apenas um ano de existência.

O almirante Rosa Coutinho, que também participava na conferência, respondeu a uma pergunta sobre a diminuição dos investimentos estrangeiros em Portugal: «nós não precisamos de investimentos mas sim de clientes» — acentuou Rosa Coutinho.

A propósito de uma greve dos operários metalúrgicos marcada para quarta-feira, Coutinho indicou que, em sua opinião, se tratava de um aviso dos metalúrgicos ao Governo: «muitos portugueses consideram, hoje, que têm o direito

de lançar avisos directos», acrescentou.

Rosa Coutinho disse, a certa altura, que se um único movimento de libertação assumisse o controlo de toda a Angola, depois do dia da independência, seria necessário convocar uma conferência internacional. No entanto, foi interrompido por uma representante do MPLA na Suécia que se encontrava na sala, mas que pouco pode falar. O almirante lembrou então que as suas simpatias pelo MPLA eram bem conhecidas, acrescentando, porém, que Portugal não deveria favorecer um movimento de libertação à custa dos outros.

O almirante apoiou o apelo do senador americano George McGovern para que os Estados Unidos se juntem à Europa no fornecimento a Portugal de 150 milhões de dólares em auxílio técnico e financeiro.

«Recebemos com agrado qualquer tipo de auxílio, desde que não seja acompanhado por imposições políticas», declarou o almirante.

A VIAGEM DE COSTA GOMES

LENINEGRADO, 25 — (TASS-ANOP) — Atribuímos grande significado à próxima visita à União Soviética do Presidente português Francisco da Costa Gomes, declarou George Ascensão Moreira da Silva, dirigente do conselho regional da «Sociedade de Amizade Portugal-URSS» em Lisboa, que chefia uma delegação daquela organização presente na URSS a convite da União das Sociedades de Amizade Soviéticas.

Durante uma breve reunião efectuada na «Casa de Amizade e Paz com Povos Estrangeiros, de Leninegrado, Ascensão Moreira sublinhou que os membros da sua delegação têm estudado com grande interesse a experiência da União das Sociedades de Amizade Soviéticas.

«As nossas histórias sobre a União Soviética auxiliarão os portugueses a saber a verdade» sobre o vosso país», declarou o dirigente da «Sociedade de Amizade Portugal-URSS». Entretanto na Polónia, o chefe de Estado português ficará instalado em Varsóvia no antigo Palácio Real de Wilanow, agora utilizado como residência para presidentes visitantes.

No primeiro dia da visita, espera-se que o general Costa Gomes trave conversações com Gierek e o presidente Henryk Jablonski da Polónia. O diálogo continuará provavelmente no domingo, no nordeste da Polónia.

O Presidente Costa Gomes deslocar-se-á, na segunda-feira, às cidades de Gdansk e de Gdynia, onde percorrerá os estaleiros navais, regressando a Varsóvia, no dia seguinte.

Na quarta-feira, de manhã, o general Costa Gomes partirá de Varsóvia para Moscovo.

CUNHAL CONTRA O PPD

LISBOA, 25 — (ANOP) — «O actual Governo vai ver-se a braços com tarefas e um funcionamento muito complicado, uma vez que dele fazem parte membros do partido que nós

consideramos que faz o jogo da reacção, da contra-revolução, o PPD» — declarou o secretário-geral do Partido Comunista Português, dr. Álvaro Cunhal, numa entrevista concedida em Lisboa à Radiotelevisão checoslovaca.

Interrogado sobre a tática do seu partido num Governo onde, segundo o entrevistador, «os representantes da burguesia estão em maioria», Álvaro Cunhal respondeu que «o Partido Comunista Português tem a mesma política na rua e no Governo. Os comunistas, neste Governo, que não é de coligação, travarão a mesma batalha que travam na fábrica, no campo, e em qualquer local de trabalho. Estarão ali para defender os interesses dos trabalhadores e as conquistas da revolução e para lutar contra qualquer tentativa de retirar ao nosso povo aquilo que já alcançou depois do 25 de Abril».

Quanto às posições da ultra-esquerda, que o jornalista checo classificara de «relativamente poderosas», o secretário-geral do PCP afirmou que «poderosas é uma designação exagerada. Não são poderosas. Têm, na verdade, um certo apoio de sectores específicos muito radicalizados, combativos, e que, em alguns casos, são reforçados pela extrema-direita que caminha já através das organizações de alguns, não de todos, desses agrupamentos da chamada extrema-esquerda. Alguns deles fazem, manifestamente, todo o jogo da reacção — prosseguiu



Cunhal — enquanto que outros são grupos muito radicalizados, com posições que nós consideramos não positivas nem muito claras mas que, entretanto, estão com o processo revolucionário, contra o fascismo e que, em muitos casos, cooperam com o Partido Comunista Português».

A concluir, e respondendo à pergunta «qual será o futuro de Portugal?», o secretário-geral do PCP afirmou: «o futuro vai ser de liberdade, democracia, independência nacional. Vai ser o socialismo. Esse será o futuro de Portugal».

SOARES COM D'ESTAING

PARIS, 25 — (UPI-ANOP) — Espero que a comunidade europeia conceda em breve auxílio financeiro a Portugal, afirmou o dirigente socialista português, Mário Soares, depois de ter hoje conferenciado com o presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing.

Falando para a imprensa, depois das conversações, que se prolongaram por uma hora, Mário Soares frisou que é agora evidente que Portugal está a construir um regime demo-

crático pluralista.

«Necessitamos de ajuda estrangeira», disse o «leader» socialista. «Elaboraremos um código de investimentos garantindo o capital estrangeiro».

«A posição francesa é decisiva. A França compreende agora melhor a nossa posição. Estou optimista acerca da ajuda europeia», concluiu Mário Soares.

Quanto ao futuro de Portugal, Soares disse que o seu País «caminha no sentido do pluralismo político». Estamos a construir uma sociedade que pisa o caminho do socialismo, uma sociedade avançada, mas com muitas dificuldades económicas e sociais que estamos a começar a resolver agora» — acrescentou.

Depois de manifestar o seu optimismo quanto ao tempo que o VI Governo Provisório durará, Soares indicou: «a constituição que está actualmente a ser elaborada deve ser aprovada em Novembro-Dezembro. Em Fevereiro, provavelmente, haverá eleições legislativas e municipais. O Governo actual durará, pelo menos, até essas eleições».

O «leader» do PS precisou que as suas conversações com D'Estaing tinham sido sugeridas por um «amigo comum» — o chanceler Helmut Schmidt. Indicou, por fim, que nessas conversações, foram abordados mais dois problemas: a mão-de-obra portuguesa em França e a participação da França no transporte dos retornados de Angola.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

PROIBIDO O "LOCK-OUT"

Anteontem os deputados foram unânimes em decretar o direito à greve. Ontem votaram todos na proibição do «lock-out». Estabeleceram, portanto, o direito dos trabalhadores usarem, quando o entenderem, a sua arma suprema impedindo consequentemente ao patronato o encerramento das fábricas ou empresas.

Com ironia Vital Moreira (P.C.P.) manifestou-se «duplamente regozijado». Primeiro pelo significado concreto de tal proibição, depois «porque vimos das bancadas do P.P.D. e do C.D.S. aplausos, quando julgávamos esperar alguma coerência desse grupo de deputados que tentariam impor alguns limites à proibição do «lock-out» lembrando que «já em trabalhos da Assembleia Constituinte o defenderam» — e «aparecem agora candidamente» a aplaudir a sua proibição.

Houve burburinho. P.P.D. e C.D.S. reagiram mas não sem justificação forte. Justi-

ficou-se sim a afirmação de Henrique de Barros: «Os historiadores do futuro terão dificuldade, fora do circunstancialismo actual em descontinuar a razão porque se leva tanto tempo a discutir e se fazem aprovações por unanimidade.»

«LIBERDADE» OU UNIDADE

A discussão da liberdade sindical, ontem iniciada, já deu (e promete mais) farta e elucidativa discussão. Três teses em confronto: a unicidade defendida pelo P.C.P., pelo M.D.P. e pela U.D.P.; a unidade proposta pelo P.S. e o pluralismo sindical defendido duma ou doutra maneira pelo P.P.D. e pelo C.D.S.

A discussão foi sobretudo viva entre comunistas e socialistas. Os representantes do P.C.P. chamaram a atenção, nomeadamente, para os perigos da proposta do P.S., que segundo eles, permite ao fim e ao cabo, o pluralismo sindical.

Da bancada do P.S. vieram duas respostas significativas. Uma de teor perfeitamente demagógico da responsabilidade de José Luis Nunes, que chegou a considerar a legislação actual em matéria sindical igual à decretada por Salazar. Numa saída, ainda demagógica, perante a interpelação de Vital Moreira, o deputado do P.S. desculpou a demagogia ao considerar que não se estava «numa assembleia de historiadores».

A outra intervenção da parte do P.S. pertenceu a um seu militante operário, Kalidas Barreto. Fez uma análise séria e coerente, baseado apenas numa preocupação: defender os trabalhadores.

Disse nomeadamente a propósito da proposta apresentada pela Comissão: «... Não se atingirá o socialismo através somente de decretos. Há porém que ter em conta que as forças do capitalismo e da reacção espreitam e poderão aproveitar-se amplamente dos critérios de liberdade consignados na proposta (...) O capitalismo continua pois à solta. E se o socialismo é antagónico do capitalismo os que estão empenhados na revolução socialista terão que se identificar pelos interesses do proletariado e não pelos da burguesia. Sabemos que a luta de classes se agudizou e é evidente que os meus interesses de trabalhador não são os mesmos de alguns senhores deputados presentes nesta assembleia.»

A intervenção do deputado socialista, que defendia ainda a existência de uma central sindical única, foi por vezes interrompida pelos aplausos dos sectores P.C.P. e M.D.P., e por grande parte da bancada do seu partido, embora, neste caso, sem grande entusiasmo de alguns. P.P.D. e C.D.S. que não gostaram mesmo nada calaram-se. Antes haviam aplaudido as intervenções de José Luis Nunes.

PERGUNTAS

Ontem ainda o governador civil do Porto, Cal Brandão, veio defender-se da repressão que desencadeou sobre populares que apoiavam o Conselho Municipal da cidade nortenha. Falou do passado antifascista da família e do seu. Afirmou que o Conselho Municipal não representava ninguém, era «a margem da lei». Uma pergunta: porque é que só agora o deputado do P.S. descobriu que o Conselho Municipal era ilegal? Porque não chamou a Polícia no tempo do brigadeiro Corvacho para expulsar o C. M. e reprimir os trabalhadores?

Ontem esqueci uma pergunta que Américo Duarte fizera, no dia anterior, ao actual Governo: «A liberdade de expressão e reunião é para todos ou só para alguns? Quando o grupo dos «nove» se reúne para fazer sair documentos não está sujeito ao R.D.M.?»

Nacional

PARA UMA POLÍTICA DE AUSTERIDADE

MODIFICAR OS HÁBITOS ALIMENTARES

Portugal tem uma balança de pagamentos largamente deficitária 16 milhões de contos em 1974 e, possivelmente, 25 milhões em 1975. Os factores que contribuem para esta situação são vários, mas esquematicamente poderemos apontar os seguintes: recessão violenta no turismo; estabilização nas remessas dos emigrantes; aumento das importações, quer de produtos que poderemos considerar supérfluos (electrodomésticos de alto preço, perfumes, bebidas alcoólicas, vestuário etc.), quer de bens essenciais (açúcar, cereais em geral, carne, etc.) como consequência do estado ruinoso da nossa agricultura, tal como a herdámos no 25 de Abril.

pagamentos o total das verbas em divisas que entra e sai no País em função dos bens ou serviços que exportamos e pelas remessas dos emigrantes, as divisas do turismo, o conjunto de bens ou serviços que nós importamos, e outras operações de capital com menor significado). Esta situação deve-se aos



Esta situação tem de ser atacada urgente e eficientemente. Como? Para já, três pontos fundamentais: reduzir drasticamente as importações de produtos supérfluos, aumento da produção nacional de bens que não possamos dispensar (produtos agrícolas e alimentares, por exemplo); uma nova orientação de consumos pedrã-de-toque de qualquer política de austeridade. O leitor já pensou, por acaso, que poderemos produzir mais carne de frango, de borrego, de suíno, mais ovos, travando a importação de carne bovina, que nos custa largos milhares de contos por ano? Já pensou que o fiambre, feito de perna de porco, importada, pode ser substituído perfeitamente por salame e mortadela, que têm o mesmo valor proteico e não nos custa divisas? Já imaginou que o bacalhau, de que Portugal é o maior consumidor mundial — e que também nos custa a saída de milhares em divisas — é substituível com larga vantagem para o Povo Português, por espécies afins, mais baratas e com idêntico valor nutritivo? Claro que isto é possível — mas passa por uma mentalização de todos nós, que teremos de aceitar, a curto prazo, uma modificação dos nossos hábitos alimentares. Alimentares e não só, como nos diz em pormenor o dr. Beja Santos, da Direcção-Geral de Preços, com quem conversámos largamente sobre a política de austeridade em que teremos de viver em breve. Eis algumas achegas para a definição de política orientadora de consumos.

economia portuguesa, e que vem claramente realçado no Plano de Acção Política, é a drenagem acelerada dos meios de pagamento que está sendo feita para o exterior e que compromete as possibilidades de financiamento para satisfazer o grande esforço do desenvolvimento económico que o País exige.

seguintes factores:

- Recessão violenta no turismo;
- Estabilização na remessa dos emigrantes, porquanto a crise económica nas economias capitalistas travou o fluxo migratório. Houve, por exemplo, uma quebra de 60 por cento no caso da Alemanha e França. Estes dois factores per-

MEDIDAS POSSÍVEIS

- Algumas medidas possíveis para a orientação de consumos, a curto prazo, com inegáveis incidências em toda a população nacional (com a necessária mentalização dos consumidores e actuação dos organismos oficiais):
- Definição de uma dieta alimentar que possibilite uma mais correcta composição dos consumos, compatíveis com os recursos disponíveis.
- Incentivo à produção do frango, ovos, borrego, suíno para travar as importações de carne de bonino, assegurando-se o escoamento da produção no mercado interno.
- Promover o consumo de salsichas, salame, mortadela, em substituição do fiambre, dado que para além de este se obter de perna de porco importada, aqueles obtêm-se de vários tipos de inferior qualidade.
- Promover o consumo das espécies afins do bacalhau (lingue escamudo, abrótea, etc.), cujo preço é bastante inferior ao do bacalhau, mas com o mesmo valor proteico.
- Lançamento da cultura da baterraba açucarina.
- Procurar equilibrar a quantidade de carne na dieta alimentar, tendo em conta o consumo de cereais e leguminosas, como ervilhas, favas, feijão, grão e produtos hortícolas.
- Actuação junto do consumidor para esclarecimento acerca do valor alimentar do pão de mistura, que apesar de mais escuro é de maior valor nutritivo.
- Utilização equilibrada de sucedâneos de arroz, a saber: batata, fava, grão, ervilhas e feijão.
- Incentivar o consumo de tomate enlatado, azeitona em conserva, compotas e sumos de frutas.
- Sensibilização do consumidor para a necessidade da utilização de modelos padronizados no vestuário e calçado.
- Incentivar o consumo de louças e vidros portugueses.

O nosso défice da balança de pagamentos foi em 1974 de dezasseis milhões de contos; no final de 1975 poderá atingir o valor de 25 milhões de contos (entende-se por balança de

mitiam financiar classicamente o nosso défice da balança comercial. Porém, em 1974, estes dois factores apenas permitiram o financiamento de cerca de 50 por cento desse défice.

E isto porquê? Porque estes recursos em divisas estabilizaram, e a diferença entre importação e exportação em bens e serviços aumentou drasticamente em 1974, e tem continuado a aumentar.

De Janeiro a Maio de 1975, este défice deve ultrapassar os 22 milhões de contos. O agravamento deste défice comercial explica-se nos seguintes termos: a exportação está a registar tempos difíceis dado que lhe têm sido levantados obstáculos nos mercados internacionais; esses obstáculos têm sido justificados com base na recessão económica internacional.

A nível das importações, estas aumentaram rapidamente, com os preços das matérias-primas em escalada arrempiante, embora presentemente alguns deles já estejam a registar uma descida significativa. Ora, o estado ruinoso da nossa agricultura, tal como a herdámos em 25 de Abril obrigou-nos a recorrer aos mercados internacionais, para garantir o nosso abastecimento em bens essenciais, tais como: açúcar, cereais em geral, carne, etc.

Por outro lado, a nível de bens duradouros, como sejam os electrodomésticos e os automóveis, assistiu-se a um aumento significativo na propensão para consumir esse tipo de bens, porquanto os reajustamentos salariais feitos a partir de 25 de Abril correspondem a reais necessidades e a legítimas aspirações das massas trabalhadoras, que assim viram oportunidade de adquirir alguns bens de que careciam.

De outra parte, como aspecto curioso, avistava no espírito de todos o reconhecimento de ser necessário travar as importações, para se proceder ao fomento económico de que o País carece. Isso levou a que todos reconhecessem que deviam ser tomadas medidas de austeridade, mais tarde ou mais cedo. Como tal; anteciparam os seus consumos.

Estão assim explicadas em linhas gerais, as razões que nos conduziram a este défice preocupante, comprometedor do nosso objectivo em levar por diante a expansão da nossa economia.

MEDIDAS LIMITATIVAS

É dentro deste contexto que urge tomar medidas limitativas contra os consumos supérfluos (vejam-se os produtos conservados de que existem similares portugueses, ou o vestuário, calçado, mobiliário, louças, tabacos, artigos de papelaria de que existem produções nacionais) ou outro tipo de consumos que, pela sua natureza, não satisfazem necessidades fundamentais, como sejam perfumes, electrodomésticos de elevado preço, bebidas alcoólicas, etc.

Portanto, como se podem tomar estas medidas limitativas? Consideramos haver três níveis de intervenção: ou desincentivando o consumo, impondo preços tão altos que tornem proibitiva a compra desses bens, ou limitando tanto a margem comercial que torne proibitiva a comercialização desses produtos, ou limitando

JÚLIO DE MATOS CAMPO DE EM TEMPO

Não foram as três mortes ocorridas na madrugada do dia 8 do corrente, no Hospital Júlio de Matos, que firmaram em nós a ideia de que aquele imenso complexo psiquiátrico (com nove quilómetros de estrada alcatroada) é um exemplar campo de extermínio legado pelo Fascismo ao 25 de Abril. A ideia cimentou, sim, no contrato com os internados (cerca de mil) com quem convivemos durante alguns dias, partilhando com eles os ratos que infestam os corredores e as camaratas, os dejectos que cobrem as paredes e os soalhos carcomidos, a putrefacção latente e os odores nauseabundos. Uma camarada jornalista que nos acompanhou durante algumas horas, teve o seguinte desabafo: «Não há palavras que possam descrever com exactidão este ambiente de pesadelo. Só as imagens televisivas e cinematográficas poderiam levar lá para fora, para junto dos milhões de portugueses, a realidade próxima de um podre que nos pertence».

Texto: MANUEL GERALDO

Fotos: RUI PACHECO

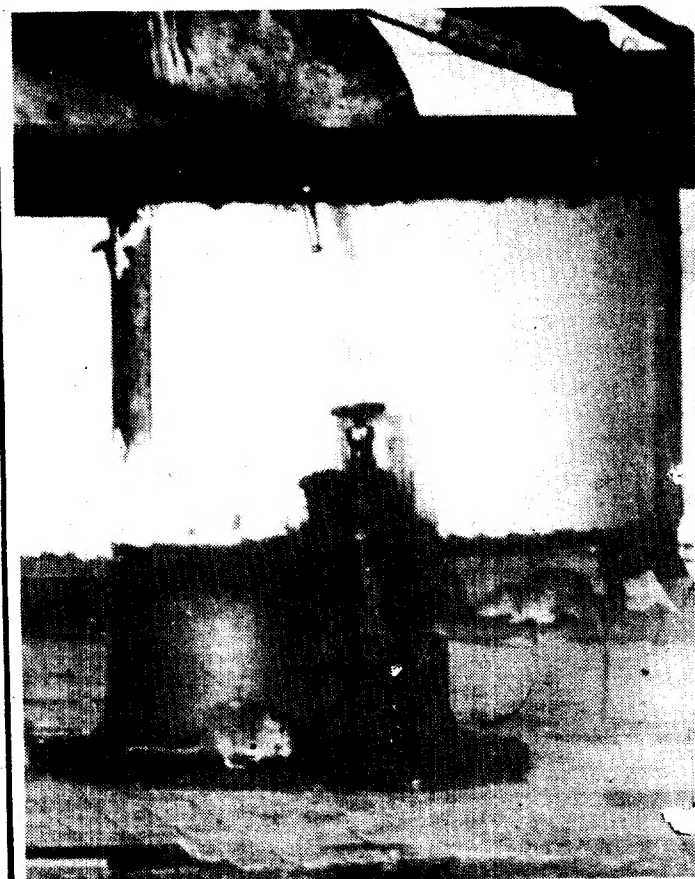
Um podre construído em 1942, segundo projectos de 1914, que o regime fascista sempre ocultou aos olhos do País, permitindo que certos médicos, certos enfermeiros, certos serventes, certos despenheiros, jogassem com o destino de milhares de doentes, colecionando experiências clínicas e fortunas substanciais.

Por ali passaram ainda muitos presos políticos, rotulados de loucos, e por isso sujeitos à lenta (mas eficaz) degradação física, através da ingestão coactiva de drogas, da subalimentação e do vegetal prolongado em autênticos pavilhões de torturas. E, não raro, a P.I.D.E. requisitava ali pessoal técnico para obrigar os

detidos antifascistas, em greve da fome, a ingerirem alimentos pelo processo de sonda.

O PAVILHÃO DOS «TRANQUILOS»

Antes do 25 de Abril o pavilhão 21-B (onde os três doentes encontraram a morte por razões ainda não determinadas), albergava cento e sessenta homens. Posteriormente (e por decisão da Comissão Instaladora) cerca de dois terços foram distribuídos por dois outros pavilhões, entretanto, reestruturados. De momento, cinquenta e seis internados



A cozinha é um «ninho» de ratos

DÉFICE PREOCUPANTE

Um dos problemas fundamentais que se põe hoje na

Reportagem

E DESTERRO D DE REVOLUÇÃO



Homens em vigília de nunca mais

(ditos tranquilos) povoam as suas duas camaratas sob controlo de um único enfermeiro de serviço. Muitos não conseguem alimentar-se sozinhos, vomitam continuamente, dejectam no chão e nos lençóis, chegando mesmo ao extremo de ingerirem os próprios excrementos.

As instalações não possuem chuveiros (mas apenas uma banheira destrozada), as duas casas-de-banho encontram-se atulhadas de imundícies, ratazanas enormes atravessam

continuamente as varias divisões mobiladas com mesas ou cadeiras em estilhaços. A falta de uma vigilância eficaz, de um tratamento minimamente racional, muitos faltam às refeições, perdendo-se entre as árvores e os matagais do amplo recinto, ou saindo mesmo para a rua. E quando regresam chafurdam nos recipientes do lixo à procura de restos de comida, em comum com os ratos, corochas e toda a espécie de parasitas. Outros passam as noites no meio dos arbustos.

Há três anos um deles, foi encontrado no meio dos silvados, já morto e em adiantado estado de decomposição.

Depois, muitos já têm longos anos de internamento quase sempre sujeitos à mesma medicação. O próprio gabinete do enfermeiro, antes do incidente do dia 8, não tinha chave e como este, dada a extensão do pavilhão, se ter de ausentar muitas vezes, não era raro encontrar quando voltava doente a revolverem nas gavetas e nas caixas dos comprimidos e das injeções.

O enfermeiro Monteiro, que já prestou serviço num hospital psiquiátrico da Suíça onde apenas tinha seis doentes à sua responsabilidade, estava de serviço naquela noite, e admite três hipóteses para a trágica ocorrência: comida deteriorada, ingestão excessiva de medicamentos ou surto epidémico. E, pelo que nos foi dado observar, qualquer delas é possível num local onde a comida é confeccionada numa cozinha em que (também lá) as ratazanas existem em número inacreditável. Invadindo as caldeiras e roendo a seu belo prazer, carnes, batatas, hortaliças. E embora já posta de parte pela Polícia Judiciária a possibilidade das mortes terem sido motivadas por violência física, torna-se oportuno recordar que, neste mesmo pavilhão, há dois anos um doente agrediu mortalmente à vassourada sete camaradas. Ali existem também doentes que mordem doentes, chegando mesmo, em casos embora extremos, a arrancarem-se orelhas e narizes. Depois com a falta de tratamento imediato as feridas infectam e tornam-se ulceradas.

EXPERIÊNCIA DESOLADORA

Falar do pavilhão 21-B é fa-

lar de mais dois ou três pavilhões afins, alguns bem mais povoados. Carências idênticas, enfermeiros em número insuficiente, médicos que raramente aparecem, doentes com os fatos de ganga em farrapos, sujos, descalços. Alguns dos alunos universitários destacados naquele estabelecimento pelo Serviço Cívico contaram-nos da negligência de alguns médicos e enfermeiros, de doentes medicados apenas com sedativos quando o seu estado de flagrante sub-alimentação exigiria dosagens complementares de complexos vitamínicos. Dos electro-choques dados a esmo sem assistência médica efectiva, quando é sabido que deste tratamento podem resultar luxações e fracturas várias e graves perturbações cardíacas e respiratórias. E, na generalidade, mostraram-se verdadeiramente desolados com esta experiência traumatizante.

A SABOTAGEM DOS EMPREITEIROS

O «cancro» que se encontra na base deste grave problema (chamado Hospital Júlio de Matos) é mais um dos legados do Fascismo, a que um ano e meio de vigência democrática, através do empenhamento da sua Comissão Instaladora, ainda não conseguiu (como era de esperar) dar uma solução racional e efectiva.

Assim, segundo nos afirmou o enfermeiro Cabaço, membro dessa Comissão, «as carências são de tal ordem que só uma reestruturação global, orçada em cerca de 250 mil contos, de todos o hospital poderia solucionar os múltiplos problemas existentes, que vão desde



as canalizações até às electrificações, passando pela construção de uma nova cozinha (já em marcha) e pelo apetrechamento da lavandaria (quase concluído)». Algumas das obras perspectivadas, disse-nos, «têm encontrado, porém, grandes dificuldades face às manobras dos empreiteiros que condicionam a admissão de operários à saída do futuro contracto colectivo de trabalho dos trabalhadores da construção civil». Quanto ao pavilhão 21-B, referiu, «dado o anacronismo da construção, só a sua alteração total, a curto prazo, dos alicerces ao telhado, poderá vir a torná-lo habitável para seres humanos».

No que diz respeito ao problema clínico, o dr. Luz e Silva, elemento do Conselho Comunitário, pensa que «só uma des-

centralização racional da assistência psiquiátrica do País o poderá resolver, pois é impossível a um único estabelecimento (como acontece presentemente com o Júlio de Matos), dar assistência eficaz a cerca de um milhão de pessoas». Pelo que, considera «todas as outras soluções serão apenas formas precárias de emergência com tudo o que de negativo e desmobilizador elas comportam».

Em resumo: todos os fascismos têm os seus Júlios de Matos, chamados de psiquiátricos, para esconderem o que de sub-humano encerram para além dos seus muros. Situação (e estratégica) a que urge pôr termo quanto antes, não pactuando de forma nenhuma com a sua perpetuação, sob pena de nos negarmos.



Descalços e nus num parque de desolação



Um riso de um não saber porquê

Estrangeiro

TORTURA NO BRASIL

Por CHARLES VANNEKKE

O Governo promete mas não cumpre

RIO DE JANEIRO — A repressão contra o Partido Comunista Brasileiro (clandestino), que se intensificou desde o princípio do ano, entrou estas últimas semanas numa nova fase ao serem ouvidos pela justiça militar vários dirigentes e militantes presos. A maioria dos detidos afirmam, com o apoio de atestados médicos, que foram torturados de maneira medieval. Cinco deles desapareceram nas prisões desde Janeiro. Houve várias dezenas, mesmo várias centenas de prisões durante os últimos oito meses. Um dos dirigentes do P.C.B. avança um número de mais de setecentos antifascistas presos e torturados desde Janeiro. Três membros da Comissão Executiva do P.C.B. — a mais alta instância do partido — estão actualmente entre as mãos da Polícia.

Em Janeiro, os militares e a Polícia desarticulavam o sector de agitação e de propaganda do P.C.B., prendiam no Rio o responsável por esse sector, Marco António Tavares Coelho, antigo deputado federal, privado do seu mandato em 1964, e que vivia desde então na clandestinidade. Ao mesmo tempo descobriam as duas tipografias clandestinas do partido, no Rio e em São Paulo, que serviam, entre outras, para fazer o jornal do Comité Central, "Voz Operária". Vários outros militantes, acusados de pertencer ao sector de propaganda, eram presos no Rio e em São Paulo.

Em Fevereiro, Osvaldo Pacheco da Silva, responsável pela Frente Sindical, caía, por sua vez, nas mãos da Polícia de São Paulo. Várias prisões tinham sido feitas no seio do Sindicato dos Motoristas Pesados e a Polícia afirmava que o P.C.B. se infiltrara ilegalmente nos sindicatos das indústrias têxteis e das padarias.

Por fim, em Maio, no Rio, o sector "organização" do partido, era por sua vez desmantelado com a prisão do seu responsável, Aristeu Nogueira Campos, assim como de dois membros do Comité Central, Fernando Pereira Cristino e Wenceslau de Oliveira Moraes, o primeiro encarregado da reorganização do partido na região do Rio de Janeiro, o segundo no Nordeste. Com eles foram presos mais quinze quadros do P.C.B., na sua maioria membros do Comité Regional do Rio de Janeiro.

Portanto, em poucos meses o P.C.B. recebeu choques de que terá dificuldade em se recompor. Perdeu alguns dos seus principais dirigentes como Marco António Tavares Coelho, Osvaldo Pacheco da Silva e Aristides Nogueira, que pertenciam à Comissão Executiva do partido, composta desde Novembro de 1973 por oito membros, entre os quais Luís Carlos Prestes, secretário-geral, que habita em Moscovo, e o seu representante para o interior Giocondo Gerbasí Alves Dias. Para mais, dois dos três sectores de actividade da organização (propaganda, organização e finanças) foram praticamente destruídos.

As deposições destas últi-

mas semanas sobre os métodos praticados para chegar a tal resultado, não deixam dúvidas. Já no passado mês de Maio, numa carta dirigida ao presidente da República, a mulher de Osvaldo Pacheco da Silva contava que, posta em presença do marido, no terceiro dia da encarceração deste, verificara que ele tinha as mãos e as orelhas queimadas pelos choques eléctricos, os pés inchados e os dentes arrancados. Dias depois Osvaldo Pacheco da Silva era de novo apresentado à mulher que conta tê-lo visto "em sangue, com um enorme hematoma do lado direito do tórax, e que dava a impressão de ter perdido a vista porque a olhava e parecia não a conhecer".

Em Agosto, em Salvador da Bahia, vários dos dezasseis militantes do P.C.B. presos um mês antes, queixavam-se, perante, os juizes militares, de terem suportado numerosas sevícias. A Imprensa desta cidade fazia-se eco das suas queixas e publicava mesmo editoriais dirigindo-se à "honra" do Exército, a fim de que fosse posto fim a tais práticas.

A 4 de Setembro, no Rio, antes de depor perante os juizes, Marco António Tavares Coelho descrevia o tratamento que lhe fora infligido nas sedes do Exército, no Rio, São Paulo e Porto Alegre, durante três meses.

"Suportei aquilo a que os torcionários chamam a "roda". Equipas alternavam-se para me interrogar sem descanso. Durante vinte dias só dormi duas horas por noite e fui alimentado com 2 colheres de arroz e um copo de água por dia. Penduraram-me no "pau de arara", tortura com aplicação de electricidade em todas as partes do corpo. Queimado com cauterizantes, depois com projectores, molharam-me o peito com água salgada. O mais duro são os choques eléctricos nos tímpanos. A boca fica paralisada. Fizem-me assistir a torturas. Ou ouvir os gritos dos torturados e ameaçando-me de torturar a minha mulher e os meus filhos. Conheço o caso de um preso, Samuel Dib, a quem fingiram enterrar vivo, e que desmaiou no caixão onde o tinham metido, ao ouvir cair sobre ele uma pá de terra."

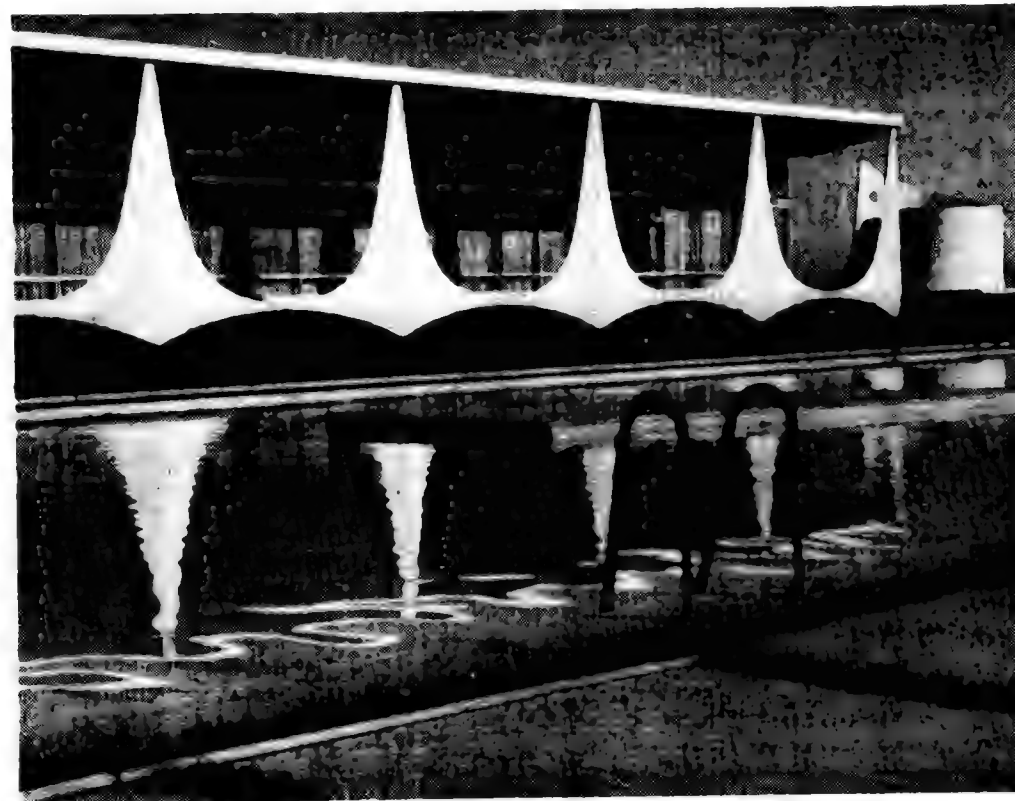
Tavares Coelho mostra as cicatrizes profundas que tem nos pulsos e nas pernas. Após a sua prisão, o Ministério da Justiça publicara uma nota em que afirmava que o dirigente do P.C.B. não fora maltratado, e pôs uma acção contra um jornal de Brasília que dera a entender o contrário.

AMEAÇADOS DE MORTE

A maioria dos militantes presos afirma que são ameaçados de morte no caso de não falarem. Assim, quando os prisioneiros desaparecem não é difícil concluir, nos meios políticos e judiciários, que eles



Brasil: dois mundos paralelos que nunca se encontram. Dum lado, a miséria, do outro, a opulência e a arte de Brasília. Para que estes dois mundos possam coexistir, impõe-se um aparelho de Estado repressivo, que sufoque todos os anseios de libertação dos que não foram contemplados com o banquete do chamado "milagre económico"



foram mortos durante a tortura. Desde o princípio do ano que "desapareceram" assim cinco quadros do P.C.B.: Elson Costa, membro do Comité Central, preso em São Paulo no mês de Janeiro; Jaime Amorim Miranda, membro do secretariado do Comité Central desaparecido no Rio em Fevereiro; Hiram Pereira, preso em Fevereiro em São Paulo; Jtai José Veloso e Sebastião Vitorino da Silva "desaparecidos" em Maio, no Rio. Cinco outros dirigentes comunistas desapareceram o ano passado, ao mesmo tempo

que uns vinte militantes de organizações clandestinas. Segundo Marco António Coelho uns trinta oficiais e cabos da Polícia Militar estão actualmente presos e estão sendo torturados em São Paulo, sob a acusação de terem tentado uma "infiltração comunista" nas Forças Armadas. Um deles já morreu.

Os locais de tortura mais vezes mencionados são os da Polícia Militar, no Rio, e do D.O.I. Departamento de Operações Internas) em São Paulo. O D.O.I. é o novo nome dado

à O.B.A.N. (Operação Bandeirantes), serviço de repressão ilegal dirigido por oficiais do II Exército (São Paulo). A sigla D.O.I., é resultado de uma odiosa brincadeira. As prisões são feitas como é hábito, isto é, como raptos. Os detidos são levados e torturados com a cabeça tapada por uma cagula. Muitos dos que foram presos no Rio foram levados para São Paulo. Segundo testemunhos, os assassinatos de prisioneiros são praticados numa vivenda isolada de São Paulo, a que os torcionários chamam a "Co-

lina" e não nas sedes do D.O.I., onde as notícias acabam sempre por transpirar.

Tais factos acontecem um ano depois de o presidente Geisel ter dito num discurso dirigido aos dirigentes do partido governamental, que o combate contra a subversão far-se-ia sem excessos condenáveis nem "violências inúteis", promessa esta repetida no decurso de uma conversa privada com o arcebispo do Rio, cardeal Eugénio Salles. As constantes violações da legalidade estabelecida pelo próprio regime, surgem também depois de o ministro da Justiça, Armando Falcão, ter afirmado a 30 de Janeiro último numa mensagem televisada, que a repressão contra o Partido Comunista era feita de acordo com a lei.

A nova vaga de repressão surgiu quando o Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B.), partido de oposição, propôs à Câmara dos Deputados a formação de uma comissão parlamentar de inquérito acerca da sorte dos presos políticos "desaparecidos" e lançava ao Congresso um debate sobre as torturas. Segundo numerosos observadores, a acção levada a cabo contra o Partido Comunista teve vários resultados: mostrar que a "subversão" continuava a agir e que, em consequência disso, o Estado devia manter intactos a sua legislação de excepção e o seu aparelho repressivo. Ameaçados por um julgamento colectivo sobre os métodos policiais, os militares inverteram completamente as perspectivas esboçadas no fim do ano passado, impondo ao chefe do Estado uma pausa na sua política de liberalização, e abandonando o projecto, formado por vários deles, de acabar com aquilo a que então chamavam a "S.S." brasileira.

Para mais, a acção contra o P.C.B. visou desacreditar o M.D.B. Os serviços de repressão esforçam-se, com efeito, por demonstrar que o P.C.B. não se contentou em apoiar tacticamente o partido legal da oposição, mas também tentou infiltrar-se nele. Marco António Tavares Coelho conta mesmo que os seus torcionários queriam obrigá-lo a comprometer homens como Célio Borja e Magalhães Pinto, respectivamente presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, cujo anticomunismo é conhecido, mas que fazem parte da ala liberal do regime.

A manobra resultou. Se, entre as Forças Armadas no fim do ano passado o clima se tornava propício a uma desopressão progressiva, já hoje não acontece o mesmo. Imagina-se dificilmente que o presidente da República possa repetir o seu discurso do Ano Novo, quando anunciava a oposição um futuro de "responsabilidade partilhada". A experiência dos últimos meses mostra que a opinião militar é versátil e sempre sensível às campanhas que surdammente a trabalham.

(c) «LE MONDE»

Estrangeiro

REATAMENTO?

ENCONTRO U.R.S.S.-ISRAEL
NAS NAÇÕES UNIDAS

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 25 — (R) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros de Israel e da União Soviética, países que não têm relações diplomáticas desde a guerra no Médio Oriente, de 1967, tiveram a noite passada um encontro de três horas na missão da URSS junto da ONU, segundo revelou um informador hebraico.

A entrevista entre Yigal Allon e Andrei Gromyko, ambos em Nova Iorque para assistir à Assembleia Geral da ONU, efectuou-se por iniciativa de Israel e foi dedicada a uma discussão dos vários aspectos da situação no Médio Oriente — acrescentou o informador.

O encontro provocou imediatamente especulação acerca das perspectivas do reatamento das relações diplomáticas entre os dois países.

PÍLULA CHINESA

LONDRES, 25 — (F.P.) — A «pílula papel» será em breve produzida na Inglaterra para o consumo local e a exportação — revela hoje o «Daily Express».

A «pílula papel», inventada na República Popular da China, semelhante a um selo de correio, será exportado para os países em via de desenvolvimento — acrescenta o jornal.

Esta pílula anticoncepcional tem as vantagens, em relação à usual de ser mais barata, não ser preciso água para a engolir, e permitir uma dosagem muito mais precisa das hormonas que entram na sua composição.

PREVISTOS AUMENTOS DO PETRÓLEO
ENTRE 5 E 10 POR CENTO

VIENA, 25 (R) — Os Estados exportadores de petróleo estão hoje prestes a aumentarem os preços das ramas, embora se mostrem ainda indecisos sobre quanto mais a clientela ocidental deverá pagar.

Custos mais elevados para o petróleo parecem inevitáveis quando os ministros da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), formada por 13 nações, entram no segundo dia da sua primeira conferência para fixação de preços, desde Dezembro de 1974.

Fontes afectas à conferência disseram que parecem prováveis aumentos de preços entre 5 e 10 por cento, o que oneraria entre 50 centimos a um dólar norte-americano o custo de um barril médio de ramas vendido pela OPEP, que é agora de 10,46 dólares.

Outros informadores advertiram que era possíveis preços ainda mais altos e notaram que os ministros da OPEP procuram conseguir um acordo entre as «pombas», que são a favor da continuação do congelamento, e os «falcões», como o Iraque, que pretendem um aumento do custo das ramas entre 20 a 25 por cento.

Embora ministros falem dos aguardados aumentos numa média que classificam de «moderada», alguns observadores afirmam que acalorado debate no seio da OPEP poderia obrigar a um compromisso que elevaria os preços por volta de

QUARTO CESSAR-FOGO EM BEIRUTE

BEIRUTE, 25 (R) — Disparos e explosões esporádicas continuaram em Beirute, durante a noite, e homens armados guardavam ainda, hoje de manhã, barricadas nas ruas e em praças de toda a cidade.

A despeito disso, Rádio Beirute disse que a aderência ao último cessar-fogo, o quarto numa semana, era quase unânime anunciando um regresso à calma.

Embora não tivessem ocorrido grandes combates, ouviam-se ocasionalmente disparos de franco-atiradores e o locutor de Rádio Beirute avisou: «Desde que homens armados andem nas ruas, não podemos dizer aos habitantes que é seguro sair de suas casas».

O primeiro-ministro Rashid Karami anunciou ontem que se concordara em que todos os homens armados e barricados desapareceriam das ruas às 17 horas.

Pelo menos, perderam ontem a vida 12 pessoas em Beirute, elevando para mais de 280 mortos o balanço trágico da luta entre facções na capital e em Tripoli, durante o quarto período de violência no Líbano, que se regista este ano.

Durante o último semestre de violência esporádica entre facções, cada lado mostrou-se relutante em retirar homens das ruas, após as tréguas, até ter a certeza de que a outra parte faria o mesmo. Essa atitude teve como resultado impasses explosivos.

Rádio Beirute anunciou hoje que todas as partes tentavam cumprir a trégua arranjada pelo Governo.

Uma comissão nacional de conciliação, de 20 membros, formada ontem pelo primeiro-ministro Karami para discutir as bases políticas da crise, deverá reunir-se em sessão hoje, no palácio presidencial, nos arrabaldes de Beirute.

DESASTRE EM ISRAEL

HAIFA, 25 (R) — Pereceram quatro pessoas e mais nove ficaram feridas quando um autocarro, cheio de passageiros, foi colhido hoje por um comboio numa passagem de nível ao norte de Haifa.



Um soldado israelita, armado, mantém-se de guarda entre banhistas numa praia de Telavive. Frequentes «raids» de guerrilheiros palestinos continuam a suscitar em Israel medidas rigorosas de segurança, mesmo depois do acordo provisório com o Egipto, sobre o Sinai. (Foto Keystone)

ESPERAM-SE EXECUÇÕES EM ESPANHA
DE UM MOMENTO PARA O OUTRO

MADRID, 25 (Por Manuel Lopes, correspondente da A.N.O.P.) — Nos meios próximos aos familiares e advogados dos cinco elementos da F.R.A.P. (Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica), condenados à morte no Conselho de Guerra sumaríssimo de El Goloso, pensa-se que as execuções se poderão verificar de um momento para o outro, possivelmente na madrugada de sábado.

Embora não se saiba oficialmente, consta em meios bem informados que o capitão-general da Região Militar de Madrid já ratificou a sentença do Conselho de Guerra sumaríssimo que ditou as cinco penas de morte na semana passada.

Os advogados, que foram expulsos do juízo, pediram a anulação do julgamento pelas irregularidades jurídicas que se verificaram mesmo ao abrigo da legislação especial para esse tipo de julgamentos.

Na reunião do Conselho de Ministros de sexta-feira, o Governo poderia dar-se como «informado» e a sentença poderia ser executada imediatamente. Entre os cinco condenados encontram-se duas raparigas grávidas de pouco tempo.

A confirmar-se oficialmente a gravidez, não poderiam ser executadas a não ser quarenta dias depois de darem à luz.

Ontem foram examinadas por dois médicos militares, cujo comunicado se espera de um momento para o outro.

As duas jovens apresentavam todos os sintomas de gravidez. De acordo com a sua informação do estado em que se encontravam, o catedrático da Universidade de Madrid, e um dos ginecólogos mais conhecidos desta capital, professor Sopena, ter-lhes-ia determinado um regime e tratamento adequado.

Segundo os advogados, entretanto, ontem ter-se-ia negado a fazer o exame fisiológico e instrumental, pois, com poucas semanas de gravidez, há o grave perigo de inutilização do feto.

Segundo as mesmas informações, os dois médicos militares teriam feito os exames completos.

Os familiares dos condenados encontravam-se reunidos esperando ansiosamente notícias, mostrando no entanto uma grande serenidade emocional e critérios de valoração dos factos muito positivos.

Segundo informações também não confirmadas oficialmente, a sentença que condenou à morte, em Conselho de Guerra sumaríssimo, em Barcelona, o suposto elemento da E.T.A. «Txixi», também teria sido já ratificada.

Diz-se que os membros do Governo estariam bastante divididos sobre a aplicação da

pena de morte, mas os discordantes não teriam a força suficiente para influenciarem a decisão final.

Nos meios populares da classe média baixa conservadora e na extrema-direita não só se aceita como até se pede a aplicação.

Além disso, como existe um matiz político, pensa-se que no caso dos elementos da F.R.A.P., não haveria suficiente

mobilização popular capaz de pesar numa decisão final do chefe do Estado.

Entre uma resposta às pressões internacionais e uma afirmação interna e satisfação das forças policiais e de extrema-direita, o Governo inclinaria-se para a segunda solução.

Por isso se teme que pelo menos algumas penas sejam executadas.

Caleidoscópio

■ JACKSONVILLE (Florida), 25 — (ANOP) — O FBI deteve ontem John Clanton Massey, de 32 anos, empregado de uma estação de serviço de Ocala, acusando-o de conspirar para assassinar o presidente Gerald Ford.

Um porta-voz do FBI recusou-se a dar mais pormenores sobre a acusação contra Massey para além de afirmar que a sua prisão não está relacionada com os acontecimentos de segunda-feira em San Francisco.

■ RIO DE JANEIRO, 25 — (FP) — Onze pessoas, acusadas de terem tentado reorganizar a rede do Partido Comunista Brasileiro no Estado de Goiás, foram condenados por um tribunal militar a penas de dois a quatro anos de prisão — soube-se no Rio de Janeiro.

O mesmo tribunal ordenou um inquérito a declarações dos condenados segundo as quais a polícia os torturara.

■ TUCUMAN (Argentina), 25 — (R.) — Nove corpos crivados de balas foram encontrados hoje nesta província do Norte da Argentina, onde o exército está envolvido numa campanha contra guerrilheiros esquerdistas — declarou um informador da polícia.

Não foi possível determinar imediatamente se os mortos eram guerrilheiros ou haviam sido abatidos em represália pela campanha antiguerilha — acrescentou o informador.

Desde que a campanha

começou em Fevereiro passado, já foi anunciada a morte de 56 guerrilheiros em recontros com tropas. O exército perdeu sete dos seus homens e um polícia foi também nos recontros.

■ NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 25 — (ANOP) — Apelo ao «Governo amigo» de Espanha, o ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Saadun Hammadi, sugeriu ontem que o território do Sará Ocidental, sob administração espanhola, seja repartido entre Marrocos e a Mauritânia, não referindo contudo os problemas que isso acarreta em termos de divisão de habitantes.

O ministro iraquiano não mencionou tão pouco no seu discurso a Argélia, também interessada no território e diversos observadores sublinham que apelos deste género teriam maior cabimento na assembleia geral, pois é ela quem dirige o processo de descolonização.

■ HONG-KONG, 25 — (ANOP) — O presidente Mão Tsé-tung acolheu calorosamente o primeiro-secretário do Partido Comunista do Vietname do Norte, Le Duan, que visita presentemente a República Popular da China — anunciou a agência noticiosa Nova China.

Por seu lado, a agência de informação norte-vietnamita revelou que a China concedeu «um empréstimo sem juros» a Hanoi.

Espectáculos

IV FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ

PRESENÇAS POLÉMICAS DA DINAMARCA E FRANÇA

Um dos aspectos mais interessantes das primeiras edições deste Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (então ainda chamada **Semana**) era precisamente o clima de quase perfeita troca de impressões em que decorriam os debates que se seguiam à projecção dos filmes. Polémicos e aguerridos por vezes, eles eram contudo salutaros. Este ano, a presença de muitos dos realizadores que assinavam as obras exibidas teve uma dupla consequência: possibilidade de conversação directa com os responsáveis (o que é sempre importante), mas uma muito menor disponibilidade do público para entrar na discussão. Assim, os críticos, os cineclubistas, os realizadores portugueses presentes estiveram em quase todos os debates, intervindo. Mas o público, esse remeteu-se a um mutismo bastante maior do que o que acontecera em anteriores edições.

As conversas com Marcel Hanoun, Robert Kramer, Rolf Lyssy, Markus Imhoof, Richard Jordan, Manuel de Oliveira, Alberto Seixas Santos, Percy Matas, Peter Bacso ou Li Vilstrup e Mette Knudsen foram, todavia, momentos de interesse indiscutível para quem a elas assistiu. O ponto mais quente, porém, terá sido o debate que se seguiu à projecção de **Agente-se como um Homem, Minha Senhora**, filme rodado por uma equipa de mulheres dinamarquesas, comandadas por Li Vilstrup, Mette Knudsen e Elisabeth Ryggard. A última não esteve na Figueira (encontraram-nos que **por se encontrar nos últimos dias de uma gravidez**), mas as duas restantes autoras presentes (as si próprias se chamam **As Irmãs Vermelhas**, irmãs pela fraternidade, **vermelhas** pelo socialismo) chegaram e sobram para aquecer o ambiente, defendendo posições aberta-

mente «feministas» (contrariadas por grande parte do público) e informando que viviam numa comunidade só de mulheres, numa ilha, ou realizando as suas reuniões numa associação que ergueram em Copenhaga. Este debate apaixonado foi, todavia, bem menos coerente e lúcido do que o próprio filme que o justificara. Na verdade, a película das «irmãs vermelhas» parece ter muito mais interesse do que a defesa que dela fizeram publicamente.

DINAMARCA

Agente-se como um Homem, Minha Senhora (Ta'Det Som'en Mand, Frue!), de Elisabeth Ryggard, Mette Knudsen, Li Vilstrup (1975), com Tone Maes, Alf Lassen, Birgit Bruel, etc. Filmado por uma equipa técnica inteiramente constituída por mulheres, **Agente-se como um Homem, Minha Senhora** é, à partida, um filme que procura lançar alguma luz sobre a situação da mulher, numa sociedade como a dinamarquesa, há trinta anos vivendo sob um regime social-democrata. Foi intencionalmente que as autoras optaram por um filme de ficção (em oposição a um projecto «documentarista») e foi ainda deliberada a escolha de uma protagonista de certa idade (contrariando a ideia geral «da protagonista jovem»). Assim, encontramos como protagonista uma mulher de cerca de cinquenta anos, Helen, casada, com uma filha e um neto, vivendo perfeitamente subjugada pelo quotidiano anódino onde reina o «macho». As sequências iniciais mostram isso precisamente: as reuniões sociais, onde os homens falam e as mulheres escutam; a educação das crianças, que tende desde logo para as meninas serem guiadas pelos homens (como na dança); a mulher enunciada

como ser que deverá acompanhar o homem, cuidar dele e dos filhos, e pouco mais. Helen terá então uma noite um sonho remonitório: a segunda parte do filme será preenchida por esse sonho onde se invertem as situações tradicionais do homem e da mulher. Helen descobre-se num mundo centrado em redor da mulher, com o homem reduzido à condição de objecto erótico que facilmente se disfruta em revistas, ou se consome em **boites**, ou como **call boys**. A mulher é «a cabeça» do casal; o homem ocupa os lugares subalternos

Se o cinema de Straub ainda conseguiu ser um dos grandes polos polémicos deste IV Festival da Figueira, já o mesmo não aconteceu com as obras apresentadas por Marcel Hanoun, **Outono** e **A Verdade Sobre a Paixão Imaginária de Um Desconhecido**. **Outono** faz parte de um ciclo dedicado às quatro estações, ciclo que, segundo informações colhidas, pretende repensar o cinema. O **Outono** parte de um «achado» inicial: com a câmara fixa, num único (falso) plano iremos assistir à discussão e montagem de um filme. O realizador é Mi-



«Um Dia Difícil», de René Allio, ou os «sonhos» pequeno-burgueses

nos empregos, vai às compras, cuida das crianças e do serviço da casa, enquanto a mulher discute política ou repousa frente à TV, lendo o jornal. O sonho conclui-se por um **não** que acorda Helen, que daí em diante irá procurar um emprego e tentar organizar uma vida própria, paralela à do marido. Mas os empregos são difíceis, as habilitações poucas, a má vontade que a rodeia muita e a «aventura» terminará pouco depois de Helen se ter solidarizado com operárias em greve. Uma solidariedade entre o operariado e a pequena burguesia que não perdoa. Contudo em tom de comédia, organizado em tese, antítese e síntese, **Agente-se como um Homem**... documenta uma tomada de posição lúcida e inteligente, demonstrando um humor agressivo e justiceiro. O filme, segundo indicação das autoras presentes, teve um enorme sucesso público na Dinamarca (5 meses em estreia), merecendo seguramente a honra de ser distribuído comercialmente em Portugal.

FRANÇA

Cat's Soup, de Richard Jordan (1975)
Trata-se de uma curta-metragem, de enredo, que, dentro de um ambiente decadentista e de um formalismo exacerbado, procura criticar essa tendência **retro** (prenunciadora de fascismos) do interior. O que não consegue. Fica, portanto, um exercício de estilo plasticamente muito bonito, mas algo inconsequente.

Outono (L'Autore) de Marcel Hanoun (1972), com Michel Lonsdale, Tamia, etc.

A Verdade Sobre a Paixão Imaginária de Um Desconhecido (La Verité sur l'Imaginaire Passion d'Un Inconnu), de Marcel Hanoun (1974), com Michel Lonsdale, Anne, Wiazmski, Michel Morat, Isabelle Weingarten, etc.

chel Lonsdale, a montadora Tamia, o filme passa numa moviola cujo ecrã é a objectiva-tela de Hanoun. Durante hora e meia irá, portanto, assistir-se a discussões acerca de **Julietta Sacrifica**, filmes que nesse momento Lonsdale trabalha. Nada mais. Além de que os cineastas preferidos são Bergman, Dreyer, Bresson, Pasolini ou Chris Marker.

A Verdade Sobre a Paixão Imaginária de Um Desconhecido é mais um filme sobre a paixão de Cristo, com a curiosidade de Cristo ser interpretado por um homem e uma mulher. De resto, os actores dizem que interpretam a figura de... os planos são longuíssimos, o sacrifício do público evidente. Ou não se tratasse do «Golgotá».

Hanoun diz-nos que tudo isto tem um significado e esse significado, é, como não podia deixar de ser, «uma recusa do cinema tradicional». Veja-se em que termos ele se refere ao seu **Outono**: «O cinema tradicional apresenta-se como um objectivo em si mesmo, um objectivo de divertimento e ainda, aquele de que menos se fala, um objectivo comercial; é feito para ser vendido simplesmente como um produto. Para mim ele não será um objectivo mas apenas um meio. Não um meio utilizado em relação ao espectador, utilizando e manipulando o mesmo espectador; será, antes, um meio para o espectador se conhecer a si mesmo, para se descobrir por meio do filme como, aliás, se pode descobrir por outros meios.

Há uma desmitificação do cinema que urge fazer, é a de restituir ao público a sua função legítima de não suportar, de não receber de um modo passivo cada filme. Pelo contrário, ele deve compreender o que é o cinema, compreender todos os tabus de que o cinema está rodeado. Aliás esses tabus ultrapassam o próprio cinema: envolvem muitas outras coisas.

Trata-se pois de restituir ao público o seu sentido crítico, de lhe restituir um papel activo, uma consciência que deve estar aberta a outros domínios e não apenas ao do cinema. Tentou-se, aliás, isolar um pouco o cinema, fazer dele justamente um mito, como se criaram muitos outros mitos noutras domínios. É por isso que o primeiro trabalho hoje tem de ser o de demonstrar o papel mitificador do cinema.

Falar do sentido de criatividade a despertar no espectador não significa necessariamente falar de uma criatividade de ou de um sentido de descoberta de si mesmo; é antes o despertar de uma consciência que leve cada um a não se deixar determinar como um objecto mas como um ser humano com todas as aberturas que esta expressão pode proporcionar.

Não se trata de colocar o espectador no mesmo ponto de vista do realizador mas de o tornar, realmente um descobridor da realidade e do mundo.

A distância a desenvolver no filme (e no espectador) que me preocupa primariamente não é algo definível, centrado sobre um aspecto do filme, actores, a montagem, etc. Para mim, faz parte de um todo que é indissociável. Não é algo que se empregue um dado momento. É em cada uma das etapas de fabricação do filme que ela actua. O que não impede que se possa dar exemplos fáceis e dizer, por exemplo, que ela está na maneira como o actor representa ou recita o seu texto...

Um dia Difícil (Rude Journée pour la Reine), de René Allio (1973); argumento de Denys Clerval; Com Simone Signoret, Jacques Debary, Olivier Perrier, etc.

René Allio (de quem os portugueses conhecem **Os Camisardos**, e que é ainda autor de obras como **Le Vieille Dame Indigne**, **L'Une et L'Autre ou Pierre et Paul**) é um cineasta particularmente importante, dado tratar-se de um homem de cinema que tem procurado, consequentemente ao que parece, assimilar ao cinema algumas das características básicas do teatro brechtiano. **Um Dia Difícil** documenta novamente este itinerário.

A personagem principal de **Um Dia Difícil** é uma mulher a dias, cuja realidade se cinde em dois níveis: o dia a dia cinzento de uma existência operária, tendendo a uma pequena burguesia castradora; e o universo sonhado, de reis, imperadores, alta finança e amores felizes. A narrativa de René Allio tem a característica de virar subitamente de um universo para outro, da realidade para o sonho, deste para aquela, sem que o espectador disso dê acordo de imediato, reconstituindo assim uma personalidade dissolvida por uma informação alienante, onde o melodrama ocupa lugar de destaque.

O valor de Allio é a forma como põe a claro essa personalidade distorcida, que transfere para o sonho as soluções impossíveis na realidade. O que não deixa de ser uma forma de estruturar um discurso político sobre a sociedade francesa e sobre os seus sonhos pequenos-burgueses.

O cinema de Allio é de uma grande frieza, cerebral e clínico, manuseando os elementos à sua disposição com uma desenvoltura admirável. De resto, os actores são-nos igualmente, sobressaindo o trabalho de Si-

mone Signoret, a «Rainha» deste «dia difícil».

Filme já programado para as salas portuguesas, a ele voltaremos, aquando da sua estreia, desenvolvendo então algumas das suas múltiplas sugestões. O aviso aqui fica, desde já.

Um Filme Doce (Sweet Movie), de Dusan Makavejev (1974); Argumento de Catherine Prevert; com Carole Laure, Pierre Clementi, Anna Prucnal, Sami Frey, Janet Mallet e os membros da «therapie-Komune» (Via Lactea), de Viena.

Sweet Movie é um filme chocho, que uma única visão não permite que dele se fale em perfeito conhecimento de causa. A partida parece-nos que esta conclusão terá de ser confessada. De forma perfeitamente intuitiva, e ao longo da projecção, a ele aderimos entusiasticamente até meio, para dele nos afastarmos irremediavelmente à medida que o filme caminhava para o fim. A saída da sala do Casino Peninsular, nossa hostilidade era evidente. Entretanto, o tempo de pausa que mediou entre a visão e o alinhavar destas linhas fez-nos oscilar nas nossas convicções e o melhor será esperar pela estreia do filme em salas de Lisboa (o que parece estar para acontecer, de um momento para o outro), para o revermos, e sobre ele falarmos então.

Makavejev nasceu em Belgrado e é, presentemente, a grande descoberta do ocidente em matéria de cinema vindo de terras de Leste. Este seu último filme é mesmo produzido em França e rodado grande parte na Holanda, por entre os canais de Amesterdão. Diplomado em Psicologia Social na Universidade de Belgrado e no Conservatório Nacional de Arte Dramática Makavejev é além disso encenador teatral.

Sweet Movie principia com uma história picaresca de crítica ao deus **dollar**, enquanto pelos canais de Amesterdão vai entrando a barca dos desejos sonhados de Ana Planeta, com as barbas de Karl Marx em figura de proa. Como música de fundo, canções revolucionárias, e nas margens, procurando apanhar esse barco, prometido, um marinheiro de Potemkine (Pierre Clementi). No seu porão, esse barco transporta contudo ao lado da «loja de açúcar» da perdição das crianças, massacres de «actualidades» e cadáveres. Esse comunismo libertário que de início euforicamente se canta, e que parece opor-se à mesquinha e higiênica falocrossia do **dollar**, vai cedendo, em euforia, perante o desespero e a dor. Toda a segunda parte de filme, que principia com uma sátira ao cantor mexicano da Torre Eiffel, irá documentar uma sessão de terapêutica de grupo, da comuna **Via Láctea**, de Viena, durante a qual se irá assistir a uma tremenda demonstração escatológica, como não nos lembra outra igual em cinema.

O nihilismo de Dusan Makavejev é evidente: o seu desespero óbvio, quer se volte para Ocidente ou Oriente. A libertação que anuncia como desejo, aparece continuamente maculada por erros passados. A agressividade das imagens diz-nos, contudo, que é raiva o que permanece, uma raiva libertária e ainda se possível redentora. A multiplicidade de informes, a consistência do itinerário de Makavejev, a genialidade de muitas das suas composições, tudo isso nos obriga a revisita da obra.

LAURO ANTÓNIO

SLOT MACHINES MAIORES DE 21 ANOS

TRÊS DIAS DE 12 HORAS

SALA DE JOGOS

LIA UYA

VEDETA INTERNACIONAL DA CANÇÃO

FOUR TALLAS

TERESA PAULA BRITO

BENTYBER DANCERS

FERRER TRINDADE e sua Orquestra

NOVOS AMIGOS: THO BANDEIRA and his group

STRIP-SHOW: LES BIS

SALA RESTAURANTE às 23.30 (não aconselhável m./13)

WONDER BAR às 1.00 (interdito m./18)

CONSUMO MÍNIMO (Tudo incluído)

Sábados 140.00 Restantes dias 120.00

Televisão



Não sei o que se passa na televisão portuguesa. É difícil compreender? Lá isso, é. Não espanta, tão difícil é compreender tantas outras coisas que se estão passando no nosso país. Para nós, imaginem, que vivemos cá. Que fará a quem mora longe...

Estou a referir-me, concretamente, à inclusão, ontem, daquele documentário da Guiné, apresentado como *suplemento* ao telejornal. Tratava-se de um documentário apresentado na televisão portuguesa no dia 10 de Setembro de 1974. A apresentação do filme vinculava bem esse facto: tratava-se de um documentário publicado em tantos de tal e que reflectia bem a época em que fora produzido e as condições da época, béu-béu, béu-béu...

Na realidade, a propósito da descolonização, o documentário era um hino à acção «descolonizadora» do general Spínola. Ei-lo, inchado de importância histórica, a falar no mató à assembleia dos guineenses, a propósito da construção de um aldeamento, de uma tabanca moderna. Ei-lo a presidir ao «Congresso do Povo». Ei-lo a proclamar, já depois do 25 de Abril a independência *de jure* da Guiné...

A História avaliará (ou já estará avaliando) a real acção do Spínola e de alguns dos seus mais directos colaboradores, antes e depois do dia vinte e cinco. Não custará nada reconhecer as contradições em que o vinte e cinco aconteceu e se desenvolveu e que levaram, inclusivamente a um *esquecimento* do passado para não comprometer a frágil situação que se vivia — e que, em larga medida, ainda se vive hoje e nos leva, igualmente a continuar a esquecer certos passados. Isso é verdade. Mas muito do que poderia desculpar-se ou admitir-se ou compreender-se em 10 de Setembro de 1974, não se pode compreender ou aceitar-se hoje. Aquele documentário compreende-se em 10 de Setembro de 1974. Spínola e a sua simpatia, quando o povo desconhecia o que já ele estava tramando nas suas costas. Spínola e a sua descolonização, quando não sabíamos a «barraca» spinolista na descolonização de Moçambique. E assim por diante.

Hoje, porém, sabemos isso e muito mais. Sabemos das traições. Sabemos das contra-revoluções. Sabemos das maquinações, dentro e fora do País. Sabemos dos crimes, das ameaças, das desgraças acontecidas (e por acontecer, se se deixar crescer o feto no ventre do spinolismo). Sabemos que

SPÍNOLA? JÁ?

o ex-general não deixa por mãos alheias a sua promoção, o seu *marketing*, a sua guerra-fria. E ainda por cima, as entrevistas (Alpoim Calvão) encareiradas no circuito legal, os panfletos corridos no circuito ilegal, os cartazes, os anúncios, os avisos de acções e manifestações, etc.

Neste cenário nos aparece o documentário ontem repetido. Difícilmente se arranjará melhor se alguém pretendesse, de facto, fazer a promoção do Spínola. Objectivamente, foi no que resultou a repetição, só com muito boa vontade justificável. As efemérides não chegam para explicar tudo.

Pois é verdade. Não sei o que se passa na televisão portuguesa. Aquilo é uma casa tão grande, é um barco enorme... Não sei. Lá que uma pessoa se inquieta, isso é verdade. Spínola, simpático, na televisão portuguesa, em Setembro de 1975? O quê, já?

UM SOCIALISMO SEM CLASSE

Pois como estava dizendo... No telejornal tivemos imagens do dr. Sá Carneiro, que pelos modos regressa às lides. Assim é a vida. Há sempre um alcatraz furado atrás doutro alcatraz furado para que a água jorre e a acção prossiga.

Não tivemos oportunidade de ouvir o discurso todo. Algumas pérolas, só, que bem vistas as coisas não são nada ao pé das que vieram na entrevista ao «Jornal Nove», perdão, olho esparate, na entrevista ao «Jornal Novo». Antes, ouvimos por interposta pessoa do locutor, uma expressão dele segundo o qual as Forças Armadas *não têm competência nem legitimidade para governar nem é essa a sua missão*.

Limpem-se lá as Forças Armadas a este guardanapo! Percebeste agora, ó Força Armada, o sarilho aonde te levou e te está levando a tua divisão, a divisão da tua vanguarda progressista? Estás agora a perceber o que se encontrava por detrás daquele *slogan* amorosamente cultivado de que o Po-

vo não está com o M.F.A.? Estás agora a toscar, ó Força Armada, a ratoeira que te armaram? Estás a perceber a coisa, estás? Vê lá bem se percebes enquanto é tempo...

Já nem digo a competência. Mas nem a legitimidade reconhecem ao M.F.A... Seria duro, caricato e terrível, aqui há meses. Hoje, nem se dá por isso. Uma pessoa ouve as palavras — e fica-se. E este drama de já nem apetece defender o M.F.A. é que é, na verdade, o maior drama do nosso tempo. Que tem de ser vencido. Com o M.F.A. Temos de reaprender a conquistar o país. A conquistar o orgulho. Ah, pois claro, o M.F.A. tem de ajudar um pouco.

O dr. Carneiro não se ficou por aqui. Apreciei muito, por exemplo, a sua charada sobre socialismo, sobre a concepção dele perdida pela social-democracia.

Assim: o socialismo do dr. Carneiro — não passa pela ditadura do proletariado;

— nem assenta na apropriação colectiva dos meios de produção;

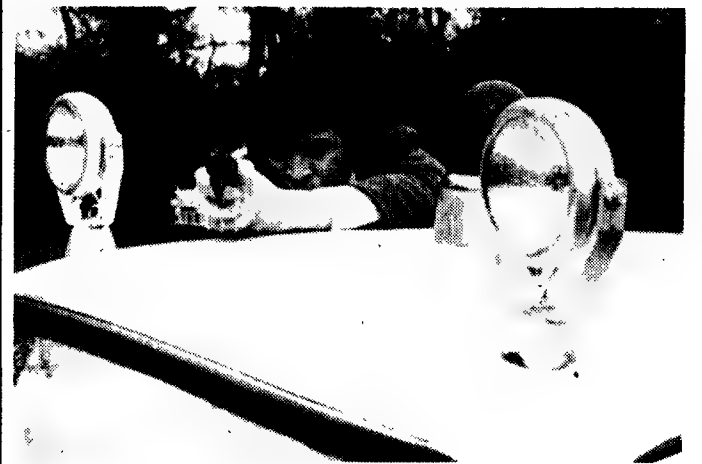
— nem se identifica com a sociedade sem classes, como conceito equivalente à sociedade comunista.

Então, como é? É muito simples, até mete raiva de simplicidade. A sociedade com que o dr. Sá Carneiro sonha nas suas noites de pesadelo, perdão!, de insónia *é aquela em que cada um se realiza plena e livremente, abolidas que sejam as condições de alienação, exploração e opressão da pessoa humana*.

O santinho! Isso também eu quero. Pois claro. Só que o santinho se esqueceu de dizer como é que são abolidas as condições de alienação e exploração e opressão sem acabar com as classes, sem a apropriação colectiva e sem o papel dirigente a cargo da classe trabalhadora.

Se os latifundiários continuarem no Alentejo, os alentejanos ficam livres, desalienados

Hoje



Uma cena da série policial «Serviço Especial»

I PROGRAMA

- 18.30 Abertura e Formação de Professores — um programa do Instituto de Tecnologia.
19.00 Telejornal — 1.ª edição
19.05 Teatro Inglês — um programa do Departamento de Programas Juvenís e Infantis.
19.25 «Smith» — série filmada para jovens.
19.55 TV Palco — programa de Igrejas Caeiro.
20.30 Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 A Pedrada no Charco
22.00 Histórias da TV Cubana — «Contigo Pão e Cebola»
23.30 Telejornal — 3.ª edição
23.45 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e um episódio da série «Smith»
21.30 Telejornal — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.00 «Serviço Especial» — série policial com George Sewell, Roger Rowland e Patrick Mower.
22.45 Sabem Como se Fazem Tapetes de Arraiolos? — apresentação e realização de Ruy Ferrão.
23.30 Fecho

EXTERNATOS

MARQUES DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 • tel. 82 02 21 / 83 46 58

ALVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 • (Benfica) • tel. 70 69 74 / 5

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) • tel. 84 88 64 / 5

AULAS DE MANHÃ — TARDE — NOITE

- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR
- CURSO GERAL ADM. E COMÉRCIO
- CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

ANO LECTIVO DE 1975/76

TAMBÉM

CURSOS DIURNOS P.º ALUNOS MENORES
TURMAS PRÓPRAS C/ LOTAÇÃO LIMITADA
— INSCRIÇÕES ABERTAS —

MINISTÉRIO DOS
ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL

DE SANTA MARIA

FORNECIMENTO DE
1 APARELHO DE ELECTROENCEFALOGRAFIA
— PEDIATRIA —

Conc. Público n.º 12/75-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados, das 9 às 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aprovisionamento.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 22 de Setembro de 1975.

Pe'l'a COMISSÃO
INSTALADORA
a) J. d'Almeida Ribeiro

ADOQUE (AO MARTIM MONIZ)
grupo de teatro Telefone 87 42 80

HOJE, ÀS 20.30 e 22.30

ACIADOS CARDEAIS

A revista que DANTAS não era possível!

DOMINGO: MATINÉE, ÀS 16 H
NOITE, ÀS 20.30 e 22.30 H
QUARTA-FEIRA: DESCANSO DA COMPANHIA

UMA BARRIGADA DE RISO!!!
(NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS)

CENTRO DE PRODUÇÃO

Teatro

Miguel Lino

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.ª Feiras

Não acons. a menores de 13 anos

Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

DESTAQUES

I PROGRAMA

Histórias da TV Cubana — «Contigo Pão e Cebola» (22.00)

II PROGRAMA

Série Policial — «Serviço Especial» (22.00)

I PROGRAMA

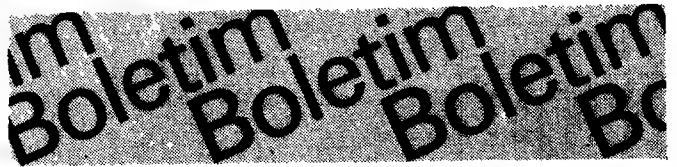
18.30: Abertura e Formação de Professores — um programa do Instituto de Tecnologia Educativa; 19.00: Telejornal — 1.ª edição; 19.10: Teatro Inglês — Departamento de Programas Juvenís e Infantis; 19.30: «Dois Anos de Férias» — série filmada, baseada numa obra de Júlio Verne, com Marc di Napoli. Realização de Gilles Grangier — 6.º episódio — 2.ª parte; 20.00: Panorama; 20.30: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do Estrangeiro; 21.00: Afinal como é? — o dr. Pitagas Antunes foca alguns problemas relacionados com os consumidores; 22.00: Jogos Sem Fronteiras — um programa da Eurivisão. Concursos entre cidades em que a habilidade dos concorrentes e o seu espírito inventivo é posto à prova; 23.00: Telejornal — 3.ª edição; 23.20: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e um episódio da série «Dois Anos de Férias»; 21.30: Telejornal — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa; 22.00: Noite de Cinema — «A Procura de Mayra» («Alla Ricerca di Mayra») — um filme brasileiro interpretado por Erico Vidal e Ana Maria Magalhães; 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e montagem grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13 B - Rua Macau, 8

Desporto



A imagem é de domingo passado e correu por todo o País na reportagem televisiva dos (tristes) acontecimentos da Tapadinha: acontecimentos que ontem tiveram a sua cuidada análise por parte do Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Futebol. Esperava-se por uma atitude firme, exemplar; afinal de contas a montanha pariu um rato: depois de se ler o que dizia o boletim do árbitro, os doutores federativos resolveram muito simplesmente mandar instaurar um processo de inquérito. Fica, portanto, tudo adiado até qualquer dia: um dia que virá ainda longe. Logo à terceira jornada do Nacional fica o torneio desequilibrado...

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

O caso do futebolista brasileiro Ivo Worthman, volta ao primeiro plano da polémica, perante a palavra dos médicos que se o jogador continua a sua actividade desportiva, a sua vida correrá graves riscos.

O dr. Gonzalo Montes Velarde, especialista em cardiologia, foi quem descobriu a anormalidade de Ivo, que deu origem à ruptura do compromisso do jogador com o Atlético de Madrid. «Num electrocardiograma — disse o médico — comprovei alterações suficientes para afirmar que Ivo pode correr graves riscos nos campos de futebol».

O médico recordou que enviara Ivo a um centro para que fosse submetido a exames complementares, que confirmaram o diagnóstico inicial. «Não havia qualquer dúvida», prosseguiu, salientando que informou o presidente do Atlético de Madrid, Vicente Calderón, que lhe pediu para ir ao Rio de Janeiro expor, perante os médicos do América, os resultados dos exames. «Eu não podia deslocar-me ao Brasil, e foi então o dr. Ibanez (médico do clube espanhol). Na universidade do Rio reconheceram e confirmaram o nosso diagnóstico».

Quando perguntaram ao dr. Gonzalo Velarde se havia proibido Ivo de jogar futebol, este respondeu que «eu não tenho essas faculdades. Unicamente o aconselhei de que não deve-

ria praticar o desporto de competição, porque isso traria um enorme risco. (...) Até nos empregos burocráticos, as empresas não aceitam os candidatos nestas condições».

«O caso é que Ivo foi observado no aeroporto brasileiro pelo dr. Eduardo de Rose, que disse que o jogador pode praticar o futebol e que, inclusive, é um superatleta».

«Se eu digo a um doente que padece de uma lesão grave, e outro médico lhe diz que não tem nada, o lógico será que o doente aceite o diagnóstico que lhe é mais favorável. É humano. Mas esta suspeita do jogador pode dar origem à insinuação de uma possível confabulação entre o clube e a equipa médica para evitar que o contrato seja assinado e poder realizar outros. Este não é o caso. Eu não admito nenhuma classe de pressão, nem ao presidente se lhe ocorreu jamais coisa semelhante» — salientou o dr. Velarde.

Por último, os médicos espanhóis que examinaram Ivo salientaram o significado do futebolista brasileiro não aceitar submeter-se a um exame pelo conhecido cardiologista dr. Zervini.

Ivo Worthman será hoje recebido na câmara de deputados do Brasil, onde irá expor o seu caso.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Erika Schinegger, que em 1966 venceu o Campeonato Mundial Feminino de Esqui

(descida de encosta), casar-se-á no próximo sábado depois de se ter submetido a intervenções cirúrgicas que a transformaram num homem — anunciaram alguns amigos.

Schinegger, de 27 anos, foi eliminada da equipa austríaca de esqui, a 8 de Dezembro de 1967, por «motivos de saúde». Desde então submeteu-se a quatro operações, depois das quais foi declarada homem e rebaptizada de Erik.

Após o seu afastamento do esqui, Erik Schinegger tentou por duas vezes o regresso ao desporto, primeiro como competidor de esqui pelo Liechtenstein e depois como ciclista pela Áustria.

Finalmente, abandonou a vida desportiva e restringiu as suas actividades à direcção de um hotel dos Alpes de que é proprietário, na cidade natal de St. Urban, onde casará no próximo sábado com uma das suas empregadas, Renate Neubacher.

ONTEM

Para além do inquérito que foi mandado efectuar aos acontecimentos da Tapadinha, o Conselho Jurisdicional da F.P. de Futebol tomou as seguintes deliberações: no que toca à primeira divisão, repressão por escrito a Vala do Académico e advertência a Mirobaldo (Farense) Joaquim da Silva (Beira-Mar) e Jorge de Almeida (Boavista). Na segunda divisão o Conselho apenas aplicou repressões por escrito e advertências, tendo-se registado jogos de castigo apenas na 3.ª divisão nacional.

COMENTÁRIO

José Martins, o valoroso ciclista da Coelima acaba de conseguir um feito magnífico em terras de Espanha: aquele que o promove à escala internacional e o projecta para o Mundo da sensação. Não é de ontem nem apenas de hoje que José Martins constitui uma certeza do nosso ciclismo: e a provar a sua excelente aptidão para a modalidade que escolheu para profissão, ai temos a notícia de que conseguiu (ontem) na escalada de Montjuich nada mais nada menos do que o terceiro lugar, logo atrasado «monstro sagrado» chamado Eddy Merckx (a 19 segundos) e de Zoetemelk (a 6 segundos). Depois dele classificaram-se muitos nomes grandes do ciclismo europeu como sejam Van Impe, Thevenet, Ocaña, etc.

Para José Martins este terceiro lugar representa muito: representa, a curta distância e para já a oferta da KAS para ingressar nos seus quadros. A oferta é tentadora: cem mil pesetas mensais. Por tudo isto é muito provável que a notícia tenha de ser dada (qualquer dia) em termos definitivos: José Martins sai da Coelima para ingressar na KAS.

RARIDADES

A convite do «Sportverein Saar 05», de Sarrebrücke, e com o patrocínio da municipalidade local, deslocou-se para um estágio de preparação na

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 4, DE 28 DE SETEMBRO DE 1975

Badaladas, x12 1x1 111 111x; Boa Nova, 212 121 111 1111; A Comarca de Arganil, 212 1x1 11x 111x; Cavalgada do Ritmo, 21x 211 112 11x1; Estação Rádio da Madeira, 212 x21 111 11x; Música e Desporto, 212 xx1 11x 11xx; O Concelho de Estarreja, 212 x11 1x1 111x; Correio de Coimbra, 212 x11 111 111x; Ecos do Desporto, x1x x21 1x1 11xx; Cor-

reio do Vouga, 212 x11 1x1 1111; A Defesa, 11x 121 1x1 11x1; Diário dos Açores, 212 xx1 11x 111x; Diário de Coimbra, 212 1x1 111 11x1; Ecos de Cacia, 212 x11 111 1111; Estrela da Manhã, 212 111 111 1111; Eu Sei Tudo, 212 x21 11x 11x1; Folha do Domingo, 212 xx1 11x 11x1; Gazeta das Caldas, 212 2x1 11x 11x1; O Jornal de Felgueiras, 212 2x1 11x 111x; O Jornal da Lixa, 212 1x1 111 1x1x; Jornal da Beira, 21x xx1 1x1 1112; O Mensageiro, 212 xx1 1x1 1111; Linhas de Elvas, 212 2x1 112 111x; Litoral, 212 x11 1x1 1111; Clube do Ar, 212 111 11x 1111; Maria da Fonte, 212 1x1 112 1111; Mundo Desportivo, 212 1x1 11x 11x1; O Norte Desportivo, 212 x11 112 11x1; Notícias de Chaves, 211 221 111 1112; Notícias de Évora, 212 x11 111 11xx; Notícias de Felgueiras, 212 xx1 11x 11xx; Notícias de Gouveia, 212 x21 111 1x12; Notícias de Guimarães, 212 x21 11x 11x2; Peça que não maça, 212 1xx

1xx 11x1; Penalti, x11 111 111 1111; Presença Coimbrã, 212 1x1 1x1 111x; Rádio Altitude, 212 x21 1xx 11xx; Reconquista, 212 121 11x 111x; Renovação, 212 x21 112 1111; Encontro Musical, 212 x11 11x 1111; A Voz das Beiras, 21x 221 1xx 111x; A Voz do Domingo, x12 211 111 1x11; Voz de Lamego, 21x xx1 11x 11xx; Tudo Pode Acontecer, 1, x12 x11 1x1 111x; Tudo Pode Acontecer, 2, 212 xx1 111 1111; Tudo Pode Acontecer, 3, x12 111 11x 111x; Tudo Pode Acontecer, 4, 212 x11 1xx 1111; Tudo Pode Acontecer, 5, 212 221 1xx 1x11; Sporting, x1x 1x1 111 11xx; Alvo Desportivo, 121 111 111 111x; Auto Rádio, 212 xx1 11x 111x; O Comércio do Porto, 112 111 11x 1111; Estúdio 64, 212 121 112 1x12; Placard Desportivo, 212 xx1 11x 1x1x; O Primeiro de Janeiro, 212 x21 12x 1111; Rádio Alvo, x12 xx1 1xx 11x2; Panorama, x12 121 11x 1x11; Rádio Placard, x12 x11 112 1xx1; Rádio Sports, 21x 111 111 1111; Jornal de Gaia, 212

211 111 1xx1; A Voz do Casa Pia, 212 xx1 11x 111x; A Voz dos Ridículos, 212 111 111 1111; Boletim Desportivo, 21x xx1 1x2 x1x1; Clube do Ar, 212 121 111 1111; O Comércio de Leixões, 212 x21 11x 111x; As 10 espere por nós, 21x x21 xxx 1112; Diário do Porto, x12 x11 112 11x1; Dos Fracos não reza a história, xx2 2x1 122 1x2x; Jornal da Graça, 112 111 111 1111; Miscelânea Musical, 212 111 11x 11x1; Montra do Êxito, 212 xx1 1x2 1x21; Música e Desporto, 212 xx1 1x1 x111; Programa da Manhã, 212 111 1x1 12x1; Programa Sem Nome, x12 x11 111 1xx2; Quadrante Desportivo, 212 xx1 111 111x; Quadrante Norte, 212 11x 1x2 1112; Repórter do Dia-Angola, 21x 111 1x2 1112; Resenha Desportiva, 21x 1x1 11x 1xxx; Ritmo e Amizade, 212 xx1 111 2122; Só Rádio, 21x 111 111 1121; Diário de Lisboa, 21x 111 1x2 xxx1; Talismã Desportivo, 21x 11x 1xx 111x; Jornal Desportivo, 212 xx1 111 12x2.

	R. E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. ACADÉMICO-BENFICA	4	13	66	1	2	9	
2. BELENENSES-UNIAO TOMAR	81	2	0	11	1	1	
3. FARENSE-PORTO	8	10	65	1	2	9	
4. BRAGA-SETÚBAL	33	40	10	5	6	1	
5. CUF-GUIMARAES	31	33	19	4	5	3	
6. SPORTING-ESTORIL	80	3	0	11	1	1	
7. BOAVISTA-ATLÉTICO	82	1	0	11	1	1	
8. LEIXOES-BEIRA MAR	57	24	2	8	3	1	
9. FAFE-SALGUEIROS	32	37	14	5	5	2	
10. ESPINHO-LOUROSA	79	3	1	10	1	1	
11. JUVENTUDE-UNIAO SANTARÉM	67	14	2	9	2	1	
12. UNIAO LEIRIA-PENICHE	51	28	4	7	4	1	
13. MONTIJO-MARITIMO	40	31	12	6	4	2	

a) Nos termos do Artº. 10º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
212 XX1 11X 1111

Desporto

Escola de Educação Física, dessa cidade alemã, onze atletas portugueses, no período de 29 do corrente mês a 12 de Outubro próximo. Inicia-se, deste modo, um intercâmbio, que terá sequência no próximo ano com um estágio no nosso País pela Páscoa, de um número avultado de jovens atletas alemães.

O convite engloba os atletas Conceição Alves, Manuela Alves, Adriano Rodrigues e João Alves, do Sporting C.P.; Rui Vergamota e Miguel Almeida, do S.L. e Benfica; Conceição Moura e Joaquim Lobo, do C.F. Santa Clara; Rosa Mota, do F.C. da Foz; Glória Marques, do C.D. Estarreja; e Cristina Abreu, individual de Setúbal. Para acompanhar este grupo de atletas foi designado o técnico Fernando Marques. Salienta-se a particularidade de todas as despesas de deslocação, viagem e alojamento, correrem por conta das entidades alemãs, incluindo, as que, no próximo ano, forem realizadas no nosso País pela comitiva da Alemanha Federal.

LA FORA

O halterofilista bulgaro Valentin Kristov (pesados) bateu três «recordes» mundiais, na segunda-feira, nos Campeonatos do Mundo que decorreram em Moscovo. No «arrache» (arranque), fez 180 quilos, ultrapassando, assim, o seu anterior «record», que era de 178 quilos. No «epaule-jete» (lançamento), fez 237,5 quilos, ultrapassando o anterior «record» mundial (235 quilos) obtido, horas antes, nos mesmos campeonatos, pelo atleta soviético Yuri Zaitzev. Com estas marcas nos dois movimentos olímpicos, o búlgaro Kristov totalizou 417,5 quilos, marca que constitui novo «record» mundial e ultrapassa largamente o anterior, obtido também, horas antes, por Zaitzev (407,5 quilos).

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

Rua Joaquim António de Aguiar, 66, 3.º, Esq.
LISBOA

A Assembleia de Delegados Sindicais do Sindicato de Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, realizada em 23/9, aprovou, por maioria e aclamação, com um voto contra a seguinte Moção:

«Considerando que «soldados são trabalhadores fardados» e que a sua luta também é a nossa, os Delegados Sindicais da Indústria e Comércio Farmacêuticos reunidos em Plenário no dia 23 de Setembro repudiam prisões de militares revolucionários e exigem a sua imediata libertação. Ao mesmo tempo apoiam a manifestação da próxima quinta-feira, dia 25, dos S.U.V..

Reaccionários fora dos quartéis».

A Comissão Instaladora do Sindicato apoia a manifestação dos S.U.V. — Soldados Unidos Vencerão — e exorta os trabalhadores a participarem na manifestação que hoje se realiza em Lisboa, com concentração às 19.30 horas, no Terreiro do Paço.

Pel' A Comissão Instaladora
Fernando Santos Silva
Maria do Carmo G. Teixeira

MALTA NA TAÇA

LA VALLETA, 25 — Vir a Malta e não se conseguir (de todo) levantar a valeta, eis o Sporting no pontapé de saída da sua participação europeia da presente época. E tudo, porque o «team» de Juca ainda não se encontrou, rumo jogo a jogo em diversos quadrantes em busca da rota certa, não a tendo encontrado ainda. Este Sporting de início de época e devido à saída de alguns jogadores que sustentavam o seu padrão tradicional, está a exibir-se como se fosse diversas ilhas: a defesa perdida da linha média e esta divorciada do ataque.

Valeu ao Sporting-Setembro/1975 o sorteio de Zurique lhe ter designado um adversário (ou parceiro de espectáculo) de pouca valia técnica, igual a qualquer equipa de segundo plano da nossa segunda divisão; mas, ao pouco valor do Slinema, tiveram os «leoninos» que lutar contra um outro adversário bem mais duro e traçoeiro: o terreno de jogo, mau de mais para ser verdadeiro, igual (ou pior) do que muitos que existem aí em Portugal e nos quais se desenrolam os jogos dos campeonatos distritais.

Não foi pois com glória que o Sporting se estreou nestas andanças futebolísticas da Europa: é verdade que ganhou, é verdade que terá garantida a qualificação para a etapa seguinte, mas nem por isso teremos de «esquecer» a realidade desta equipa, desencontrada e desunida, imperfeita e a pedir rápida mexida. Porque este Sporting que ontem se exibiu em Malta, não pode constituir o candidato ao título que irá discutir com um Benfica, um Porto, um Boavista, um Belenenses a posse do primeiro lugar de um campeonato como o português.

O próprio resultado alcançado (2-1) não significa ganho de prestígio para a turma comandada (dos bastidores) por João Rocha: os números ficam à quem do que se espera-

va, tendo principalmente em linha de conta o valor do futebol praticado numa ilha onde não há um campo relvado e um país que já ficou num terceiro lugar num Campeonato do Mundo.

Que preocupou o Sporting nesta sua apresentação em Malta, onde era a «senhora visita», a turma-estrela de um espectáculo que (todavia) entusiasmasse apenas cerca de 4000 pessoas levando-as até ao redor desse campo impossível? A pergunta fica hoje sem resposta, já que não conseguimos encontrar uma resposta satisfatória que justifique esta quase desastrosa exibição leonina.

SPORTING: VÁRIAS ILHAS

Por
NEVES DE SOUSA
nosso enviado especial

Talvez intranquilidade, talvez falta de confiança, de certeza falta de ligação entre os diversos sectores da equipa.

Há quem não confie: não em si, mas nos outros; nos companheiros que igualmente não têm confiança, que procuram ajudar nos momentos afilivos: onze rapazes empenhados em fazer o melhor, mas que acabam por se atrapalhar, confundir, estragando um espectáculo todo ele feito de conjunto, de confiança, de passes certos e curtos.

Mesmo sendo a «estrela» da companhia, neste desafio em terras estranhas, o Sporting viu-se e desejou-se para arran-

car o triunfo: foi só a cinco minutos do fim que Manuel Fernandes (finalmente) se estreou como marcador com a camisola listada de verde e branco, constituindo esse tento um autêntico balde de água fria dos desejos dos locais, que sonhavam já com um resultado sensacional, bem fora das previsões gerais e mais optimistas.

Foi como que várias ilhas que o Sporting se apresentou no pelado de La Valleta: várias ilhas que balançam ao sabor da corrente, não se vislumbra uma vontade a oferecer-se como istmo para maior equilíbrio entre elas; está mal este Sporting-1975, mas espera-se por um nome que estabeleça a ligação entre três sectores independentes; espera-se por um padrão de cabeça fria, que consiga mexer os cordelinhos dentro das quatro linhas.

O Sporting de ontem, diante os amadores mais amadores que jogam futebol (eles estiveram nos seus empregos na manhã do próprio jogo, chegando

ao estádio apenas 15 minutos antes do seu início) não pode ser o Sporting sonhado e aspirado pelos seus sócios e simpatizantes: tem de ser o outro, aquele que outras épocas nos mostraram. É verdade que houve sangria: tanto na defesa como no ataque; mas isso não justifica tudo. E melhores dias virão.

Cai a tarde num cenário estranho: para trás ficou um espectáculo que não prestigia o seu protagonista. Mas que garante a ultrapassagem ditada por um sorteio de Zurique. O tal sorteio onde tudo o que é equipa de futebol tem guardida; e ainda bem: se assim não fosse, talvez que a esta hora o emblema leonino estivesse manchado por uma pesada e inevitável derrota.

Para que consta: neste jogo o Sporting alinhou da seguinte forma: Damas; Inácio, Zezinho, José Mendes e Da Costa; Tomé, Fragueto e Nelson; Chico, Manuel Fernandes e Márinho.

Golos de Márinho e de Manuel Fernandes.

SINDICATO DOS PROFESSORES (ZONA DA GRANDE LISBOA) PLENÁRIO GARANTIA DE TRABALHO

Tendo em conta:

Que algumas medidas preconizadas pelo Sindicato e aceites pelo MEC para assegurar a continuidade de trabalho a todos os professores não foram concretizadas.

que o processo das colocações no Ensino Secundário e CPES se encontra muito atrasado, o que contribui para a natural insegurança sentida pelos professores não do quadro que vêem o início do ano lectivo a aproximar-se sem garantia de colocação.

que o Dec.-Lei 409/75 relativo ao processo de colocações garante formalmente, no seu preâmbulo, o trabalho a todos os docentes que leccionaram em 74/75.

Tendo em conta também que:

os Executivos do Sindicato se comprometeram em Junho deste ano a mobilizar a classe no sentido de levar por diante os objectivos constantes da proposta da RNE e aceite pelo MEC em 17 de Junho, nomeadamente a defesa intransigente «da garantia de emprego para todos os professores em exercício através dos meios que de acordo com a classe foram considerados correctos».

Que esta questão se reveste de aspectos que devem merecer o empenhamento à partida dos professores de todos os graus e ramos de ensino e com maior urgência,

Que a partir do início desta semana se encontra em actividades escolares a maior parte dos professores que leccionaram em 74/75.

A CDP convoca um Plenário dos professores do ensino oficial Zona da Grande Lisboa, de todos os graus e ensino para Sexta-Feira, dia 26, pelas 21.30 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

Ponto único da Ordem de Trabalhos:

MEDIDAS A TOMAR PARA A GARANTIA DE TRABALHO DE TODOS OS PROFESSORES QUE LECCIONARAM EM 74/75.

Assina: A COMISSÃO DIRECTIVA

SINDICATO DOS PROFESSORES (ZONA DA GRANDE LISBOA)

IMPUNHAMOS UMA DISCUSSÃO DEMOCRÁTICA DOS ESTATUTOS!

Está a decorrer a aprovação na especialidade do Estatuto do Sindicato.

No Plenário do dia 24, um grupo de professores procurou impedir a possibilidade do debate em torno de questões fundamentais para a vida do Sindicato, como as funções de uma Direcção sindical e a composição das Delegações Distritais.

Com efeito, no Plenário do dia 22 foi aprovado o ponto 2 que diz respeito à enumeração dos órgãos sindicais, designando-os, desde logo, por executivos uns, deliberativos outros, sem que tivesse lugar a discussão das respectivas funções e composição, o que, pela metodologia que vem sendo utilizada (e decidida no primeiro Plenário da discussão na especialidade) só teria lugar em pontos seguintes. Este lance, reconhecido pela Mesa no Plenário do dia 24, levou a CDP a propor que:

«1. Que o ponto 2 seja considerado como aprovado com a redacção proposta pelos proponentes do Projecto C com as seguintes excepções:

1.1. que seja salvaguardada a possibilidade da Comissão de Redacção designar, no articulado final do Estatuto, a Direcção Sindical como órgão executivo ou directivo, dependendo isso do resultado da discussão de fundo a haver em relação ao ponto 6 do projecto inicial.

1.2. Que seja retirado da redacção do ponto 2 todo o parêntesis de B. 4. Do resultado da Discussão de fundo sobre as atribuições, composição, das Delegações Distritais (ponto 6), a Comissão de Redacção inserirá no articulado final a designação das D. D. no respectivo lugar».

Estranhamente, a aceitação para discussão da proposta da CDP encontrou uma tenaz resistência da parte de determinados grupos de professores da Assembleia que se concretizou pela fuga constante aos seus termos concretos, escamoteando por completo a questão de que se tratava; pela incapacidade claramente demonstrada em rebater o seu conteúdo; pela tentativa de fazer crer aos professores presentes que a CDP procurava com a sua proposta, naquele preciso momento, alterar as atribuições da Direcção Sindical, o que é desmentido por uma sua simples leitura; pela recusa constante de requerimentos para que se aceitasse iniciar a discussão da proposta, por parte daqueles elementos que depois viriam a acusar a CDP de boicote; pelos sucessivos pedidos de esclarecimento e intervenções sobre questões que rigorosamente nada tinham a ver com o assunto.

Tudo isto levou à impossibilidade de uma tomada de posição, numa sessão que durou mais de três horas, e anesar de a clara maioria ser a favor da discussão da proposta.

Prestando salvaguarda a possibilidade de uma discussão democrática do problema das funções dos órgãos sindicais sem que os termos ora aprovados a restringiam minimamente, e tendo sobretudo em conta que essa discussão ainda não foi feita, cabendo por inteiro em pontos seguintes dos Estatutos, a CDP entendeu apresentar a sua proposta, defendê-la no Plenário, e tomar a decisão de o abandonar face à concretização do boicote; manifesta para além disso a sua intenção de desmascarar esta situação face à classe, e de retor a questão no Plenário do dia 29.

A CDP apela desde já a classe para uma participação massiva nesse Plenário, de modo a ser defendida a liberdade de discussão dentro do Sindicato e a sua democraticidade interna.

Lisboa, 25 de Setembro de 1975

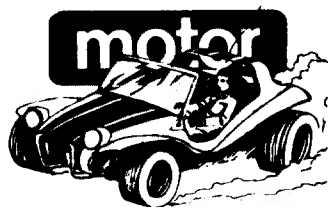
A COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

Geral

ASSEMBLEIA EM ALMADA

O núcleo dinamizador da assembleia popular do concelho de Almada distribuiu à população um comunicado em que define o poder popular como o poder exercido pelo povo, organizado de forma democrática, em todos os locais de trabalho e habitação: nas fábricas, nas empresas, nas herdades, nas oficinas, nas escolas, nos hospitais, nas associações culturais, desportivas, recreativas, nas cooperativas, nos bairros, nos quartéis, nos sindicatos, nas ligas de pequenos e médios agricultores.

A finalização, e depois de apelar para a aliança entre o povo trabalhador e o povo fardado, o comunicado exorta todos os trabalhadores, soldados e marinheiros a organizarem-se e a lutarem pelo socialismo, construindo o poder popular.



Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

e desoprimidos?

Se as grandes empresas ficarem nas mãos dos grandes patrões, desaparecerá a opressão?

Se os destinos de uma colectividade forem dirigidos pela grande finança, pelo monopólio, pela multinacional, o operário poderá desenvolver-se plena e livremente. Está mesmo à vista. Só mesmo um cego é que não quer ver. Cinquenta anos, só no nosso país, são a prova mais evidente de como o trabalhador se realiza numa sociedade de classes. Mesmo para um operário, um camponês, um intelectual se realizar plena e livremente não há como fazer um estagiário

no Tarrafal, numa mina de carvão no Rhur, numa cadeia infernal de montagem, ou como «representante» dos trabalhadores num qualquer Parlamento de qualquer A.N.P., mais ou menos sofisticada.

Guarde o seu «socialismo», doutor. Guarde-o bem. Escondá-o, se possível. Não nos obrigue constantemente a apertar o nariz. O seu socialismo com classes, não tem classe nenhuma. E quanto à liberdade da realização da pessoa humana, caramba, aconselhe primeiro os seus amiguinhos a não atacar e a não incendiar as sedes dos partidos progressistas. Senão, está você a falar e estão eles a desmascará-lo. São uns amigos da onça, doutor.

PARA UMA POLÍTICA DE AUSTERIDADE

Continuação da pág. 10

a possibilidade de crédito ao consumo. Por exemplo, onerando a mercadoria através dos impostos indirectos como sejam o imposto de transacção ou a sobretaxa sobre alguns produtos importados. Em relação às margens de comercialização, a intervenção poderá processar-se da seguinte forma: estreitar as margens de modo que dificilmente se possam cobrir os encargos directos na sua comercialização. Destas duas vias de acção, será a segunda aquela que melhor satisfaz uma justiça social, porquanto no primeiro caso ao agravarmos os preços através de impostos criamos uma dificuldade relativa no seu consumo, no entanto esta dificuldade só será absoluta para as classes menos favorecidas, enquanto que nas margens de comercialização o que acontece é que o produto não é lançado no mercado, isto é, já não se põe o problema das classes mais favorecidas decidirem ou não se vale a pena consumir esse produto ou não, e às classes menos favorecidas o reconhecerem que não têm meios para adquirir esses bens. O que na verdade sucede é que não existem em mercado, seja qual for o poder de compra desses consumidores.

Finalmente há uma terceira via, que é através de uma restrição de crédito ao consumo. De facto, se as pessoas tiverem que pagar a pronto os produtos, têm que ser necessária-

mente mais comidos nos seus consumos, distribuindo-os ao longo do tempo. Este aspecto é, aliás, importante, porquanto é típico de uma sociedade de consumo o estimularem-se as vendas a prestações. Necessariamente, as vendas a prestações estão ao serviço de uma euforia de consumos.

MENTALIZAÇÃO DE TODOS NÓS

Contudo, para além de todas estas medidas que o Governo possa adoptar e outras que eventualmente possam vir a ser consideradas, a orientação de consumos, pedra angular de uma política de austeridade, depende de uma mentalização de todos nós.

A sociedade do capitalismo bárbaro em que vivíamos, aspirando essencialmente a valores materiais e alimentando uma imagem de promoção social, carece já de base de sustentação. A sociedade que queremos construir, dentro do espírito revolucionário para a construção de um modelo de sociedade socialista, exige de nós uma crítica activa a esta concorrência material, batendo-nos como consumidores, por um padrão de consumos mais justo e mais igualitário.

A orientação de consumos levará a uma padronização dos mesmos, respondendo a uma aspiração social, mas, para além disso, traduz uma necessidade económica, porquanto vai constituir um alargamento de mercados, oferecendo uma oportunidade à produção.

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental a norte do Mondego o céu estava muito nublado ou encoberto e chovia no litoral onde o vento era fraco ou moderado a sul. A sul do Mondego: céu geralmente limpo e vento fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PENHAS D.	16°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	18°
FARO	23°
FARO	23°
FUNCHAL	20°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:

Régua 34°

Mínima:

Montalegre 6,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15°
Atmosfera 16°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.19 3,7 m	
18.36 3,6 m	12.06 1,1 m

Dia 26

6.51 3,5 m	0.22 1,2 m
19.15 3,4 m	12.46 1,3 m

Dia 27

7.35 3,4 m	1.06 1,4 m
20.10 3,2 m	13.39 1,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

A norte do Tejo: céu muito nublado por vezes encoberto; neblina ou nevoeiro durante a noite e manhã nas regiões do litoral; possibilidades de chuva fraca. A sul do Tejo: céu pouco nublado geralmente limpo no Baixo Alentejo e Algarve: vento fraco.

AMANHÃ

NAScer AS 7.27
OCASO AS 19.29



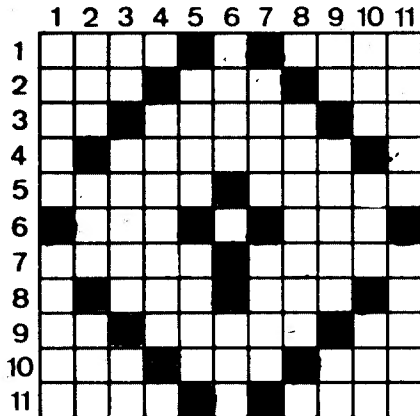
DIA-28 DIA 5 DIA 12 DIA 20

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11 193

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição. República da América meridional à beira do oceano Pacífico.
- 2 Capa sem mangas. Colocou. Senhor em inglês.
- 3 Bário (s.q.). Apelido. Muito digno.
- 4 Incessantes.
- 5 Incisão cirúrgica, feita com instrumento cortante. Verbais.
- 6 Falda. Caminhar para cá.
- 7 Capricho. Labutar.
- 8 Letra grega. Levanto.
- 9 Apelido. Banquete entre amigos custeado em comum. Artigo definido.
- 10 Letra grega. Princípio. Donzela de Orléans.
- 11 Metal precioso de cor amarela. Educa.



VERTICAIS:

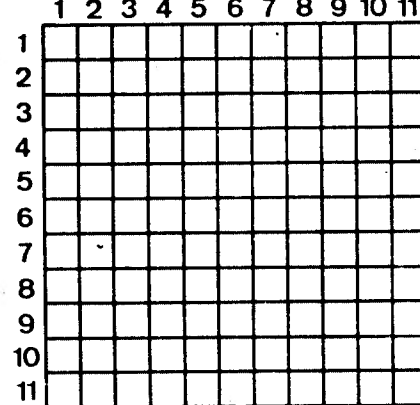
- 1 Indigente. Esturro na comida (fam).
- 2 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Tomba. Agarrei.
- 3 Batráquio. Mendigo. Distar. Divide.
- 5 Estaque. Ilha do Pequeno Belt.
- 6 Nome de homem. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 7 Inércia. Canto de dor para chorar a morte da vegetação, na antiga poesia grega.
- 8 Emprego.
- 9 Tempo do verbo ser. Saliente. Viração.
- 10 Viscera dupla. Colera. Apelido.
- 11 Preparas arduamente. Bebedeira (pop).

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7353

HORIZONTAIS:

- 1 Borrifar. Árvore do Congo.
- 2 Divisão de uma casa. Quadril.
- 3 Chiste. Ninho.
- 4 Artigo definido. O mesmo que ceifar. Abreviatura da palavra inglesa mister.
- 5 Quebrei. Nome de flor.
- 6 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Apogeu.
- 7 Aio de Afonso Henriques. Peixes ganóides, dos rios dos Estados Unidos.
- 8 Rio da Sibéria.
- 9 Nesse lugar. Nome de frutos. Apelido.
- 10 Mau cheiro. Cidade da Polónia.
- 11 Velha. Espécie de andorinha.



VERTICAIS:

- 1 Pequeno vaso de vidro sem asa pelo qual se bebe. Fome (pop).
- 2 Pertences. Rio de Portugal. Unidade monetária do Japão.
- 3 Fluido aeriforme. Guisado de carne com batatas e legumes, cozinhados em calda devidamente temperada. Compaixão.
- 4 Arrasa. Colocou.
- 5 Amofinei. Costumara.
- 6 Bromo (s.q.).
- 7 Vulgar (fig). Gemera.
- 8 Ligariam. Vai para fora.
- 9 Levanto. Mau. Doutor.
- 10 Nota musical. Espécie de buzio. Ecoa.
- 11 Ressoa. Gomo (prov).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 192

HORIZONTAIS

- 1 Acartaremos.
- 2 Armai. Anima.
- 3 Reima. Selim.
- 4 As. Ta.
- 5 Oco. Coa. Mês.
- 6 Elsa. Piam.
- 7 Aer. Amo.
- 8 Ir. Acero. Ur.
- 9 To. Re. El. Ra.
- 10 Aliar. Cairo.
- 11 Sasse. Erros.

VERTICAIS

- 1 Aarão. Fitas.
- 2 CRESCER. Rola.
- 3 Ami. Olá. Si.
- 4 Rama. Searas.
- 5 Tia. Cárcere.
- 6 Bo. E.
- 7 Rás. APARECE.
- 8 Enes. Imotar.
- 9 Mil. Mão.
- 10 Omitem. Urro.
- 11 Samas. Araós.

Provérbio: CRESCER E APARECE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7352

HORIZONTAIS

- 1 Marco. Casam.
- 2 Amial. Arara.
- 3 Maria. Idoso.
- 4 As. Arida. Em.
- 5 Ido.
- 6 Fubá. Sigo.
- 7 Arrá. Rapa.
- 8 Sal. Tal.
- 9 Idade. Abala.
- 10 Ge. Ad. Pá. Ag.
- 11 Assoa. Arosa.

VERTICAIS

- 1 Mamar. Amiga.
- 2 Amas. Fr. Dês.
- 3 Rir. Curta.
- 4 Caia. Ba. Dão.
- 5 Olaria. Seda.
- 6 Id. Ga.
- 7 Caidos. Lapa.
- 8 Arda. Jr. Bar.
- 9 São. Ágata.
- 10 Arse. Opalas.
- 11 Maomé. Alaga.



BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.



HIPOATAMÔ Conjunto Hipotatamô. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946

Programa em FM 2 — 397 m — 755 KHz

1.º Programa

- 17.00 Rádio estudantil
- 18.00 Música variada
- 19.00 Informação de trânsito
- 19.05 Música popular
- 19.25 Melodias
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Música variada
- 21.40 Fados
- 22.00 Música variada
- 00.00 Último jornal
- 00.30 Retrospectiva
- 01.00 Saida e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
- 02.00 Música na noite
- 03.05 Mini-teatro

2.º Programa

- 16.00 Que quer ouvir?
- 18.35 Orquestras de câmara
- 19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
- 22.00 Intercâmbio musical
- 22.15 «Israel no Egipto», oratória, de Haendel
- 00.00 A grande música negra, por José Duarte
- 01.00 Fecho

Programa em FM 2 — 397 m — 755 KHz

- 20.30 Música de câmara de Beethoven
- 21.10 Música de bailado
- 22.00 Música de piano
- 22.35 Intercâmbio musical
- 00.00 Junção com o Programa Estereofónico

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média 299,13 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — emissão contínua

Modulação de Frequência

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 O nosso programa
- 19.05 Em órbita-1
- 20.30 Boa noite em FM
- 22.02 Clube à gô-gô
- 00.05 Em órbita-2
- 01.05 Banda sonora Sonipol
- 02.05 Perspectiva
- 03.05 Madrugada
- 06.00 Diário rural
- 07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 12.00 às 14.30

Rádio Graça

Das 14.30 às 19.30

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS



Teatros e Cinemas

cinemas

LISBOA

TURNO Q-1
TODA A NOITE

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Tel. 637563)

ALVALADE
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (Tel. 765262); Celta, Rua Moura Girão, 23-B (Tel. 710621); João XXI, Avenida João XXI, 16-A (Tel. 726462)

ARROIOS
Oriental, Rua Alves Torgo, 2-B (em frente da igreja de Arroios) (Tel. 45079)

AREIRO
Avenidas (das), Avenida da República, 27-A (Tel. 533688)

BAIXA
Valadas, Rua da Madalena, 235 (Tel. 872060)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Tel. 684424)

CARNIDE
J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)

ESTRELA
Paivas e Raposo, Rua de Santo António, 96 (Tel. 665196)

OLIVAS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (Tel. 310581)

XABREGAS
Salter, Rua de Xabregas, 63 (Tel. 381185)

TURNO Q-2
ATE AS 22 HORAS

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256)

ALFAMA
Arnali, Rua Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (Tel. 717505)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216)

BENFICA
União, Estrada de Benfca, 592 (Tel. 700092)

CAMPO DE OURIQUE
Porfiro, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349)

ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44438)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533)

PICHELEIRA
Martuz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tels. 720703/128395)

REGO

G. Silva, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Tel. 771873)

SANTA CATARINA
Combro (do), Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (próximo do Hotel Sheraton) (Tels. 48966/553601)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Toda a noite

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central. Toda a noite

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Até às 24 horas

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Toda a noite

MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas

CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G. Guerra, 40 (T. 280170). Até às 22 horas; A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906); Serra e Pinto, R. D. António C. Sá, 50-E (T. 957619)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)

MEM MARTINS
Quimã, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marrazes, Estefânia (T. 2930058)

COLAREA
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)

ALMADA
Silva Júnior, Av. Eng. Frederico Ulrich, 9-2.º, piso E (T. 2768030)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302)

BARREIRO
Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTUJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471)

SETUBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (T. 22484); Nova, R. General Gomes Freire (T. 22052)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 29

ATE AS 22 HORAS

Alves da Silva, Avenida da Boavista, 1016; Azevedo, Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449; Nau Vitória, Rua Nau Vitória, 723; Ordem da Trindade, Rua Heróis e Mártires de Angola; Confiança, Rua de Santa Catarina, 960; Antas, Avenida Fernão de Magalhães, 1076; Antiga Porta do Olival, Campo Mártires da Pátria, 122; Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61; Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B; Lousada, Largo do Campo Lindo, 62

A PARTIR DAS 22 HORAS

Alves da Silva, Avenida da Boavista, 1016; Azevedo, Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449 e Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61

COIMBRA

Montes Claros, R. Dr. António José de Almeida, 69 (T. 25904); Viegas Coelho, R. da Sofia, 19 (T. 22089)

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS CALEIDOSCÓPIO
A CULPA FOI DO MACACO
POLITEAMA
ASSIM ATÉ DÁ GOSTO

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.21.15

Não acons. a menores de 13 anos

o filme de Norn an Jewison

JESUS CRISTO SUPERSTAR

39.ª Semana

O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BALBURDIA NO OESTE

em 6.ª Semana

Hoje às 24 h.

Grupo D M. 18 anos

O HOMEM DE AMANHÃ

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

10.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 89748 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

MELODY

Colorido

Venha ver como começamos a amar

2.ª Semana

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.21.30

Não acons. a menores de 18 anos

FILME DE AMOR E ANARQUIA

3.ª Semana

CARLOS MANUEL SINTRA

T. 2930394 21.15

Int. a men. de 18 anos

OS DIABOS

motor revista

motor revista

UNIVERSAL

T. 774402

HOMENAGEM EISENSTEIN

As 15 e 21 h — OUTUBRO — 13 anos

As 17 e 23 h — GREVE — 13 anos

As 19h — LINHA GERAL — Para todos

NOVAS CADEIRAS — AR CONDICIONADO (20º)

RESTELO

T. 610375 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

O HOMEM DO CLA

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Grupo C (M. 14 anos)

O INVENCÍVEL

Com Bruce Lee

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Um drama de impacto explosivo!

VEREDICTO

4.ª Semana

Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15

Grupo D (18 anos)

ARTIGO 22

15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O TRIGRE DO KARATE

15.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

ASSIM ATÉ DÁ GOSTO

15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

4.ª Semana

SATÉLITE

T. 562632 15., 17., 19., 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

4.ª Semana

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15

(Não acons. a menores de 18 anos)

AS NOVIÇAS

em 2.ª semana

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Para todos

A CULPA FOI DO MACACO

Hoje estreia c/ irmãos Marx

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JÁ EXPERIMENTOU NUMA MALA?

Mireille Darc, Michel Constantin

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interd. a menor. 18 anos.

5.ª mês — 18.ª semana

As enchentes não param

DECAMERON PROIBIDO

com Eva Maria Grubmüller e Pupo de Lucas

ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Uma família portuguesa e o fascismo

BRANDOS COSTUMES

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O último filme de Pasolini

4.ª Semana

AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

2 SAMURAI PARA 100 GUEIXAS

com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia 3.ª Semana

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

9.ª Semana

CINEARTE

T. 660446 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O PREÇO DO SILÊNCIO

15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

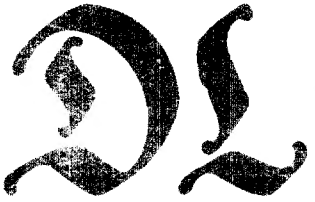
O PROSTITUTO

Colorido! 4.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a men. de 18 anos



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654631/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SONHADO, 44
Telef. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍBDA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Onze anos depois

Continuação da pág. 1

Frelimo, se evocará também o aniversário da proclamação da República da Guiné-Bissau e se condenará as manobras imperialistas em Angola e Timor, formulando-se exigências pela descolonização total. Por sua vez, na cantina universitária, e a partir também de hoje, a comissão Pró-U.N.E.P. promove uma exposição que constitui «uma oferta da Associação Académica de Moçambique e da Frelimo», «numa atitude de amizade e solidariedade entre estudantes moçambicanos e portugueses».

POSIÇÃO DA U.E.C.

Aderindo a esta iniciativa, a Direcção da Organização do Ensino Superior de Lisboa da U.E.C., distribuiu um panfleto em que se afirma: «A luta dos povos pela liber-

tação do jugo colonial, aliada ao combate dos trabalhadores portugueses, impuseram, depois do 25 de Abril, o desenvolvimento do processo de descolonização». E mais adiante: «Comemorar o 25 de Setembro é comemorar uma data histórica em que um povo pegou em armas pela sua libertação, pelo fim da exploração do homem pelo homem; é lembrar uma data que, pelas mais diversas formas, foi sempre comemorada pelo povo e os estudantes portugueses; é saudar o aparecimento de um grande país progressista em África — Moçambique — novo pilar da luta anti-imperialista; é apoiar uma das mais importantes conquistas populares alcançadas desde o 25 de Abril — a descolonização — e exigir que esta seja levada até ao fim».

MORRE A A.N.I. NASCE A A.N.O.P.

A partir de ontem, deixou de aparecer nos jornais a sigla ANI, surgindo em sua substituição uma outra — ANOP — que significa Agência Noticiosa Portuguesa. A substituição da ANI pela ANOP deve-se ao facto de ter entrado ontem em vigor, com a sua publicação no «Diário do Governo», o decreto de 1 de Julho passado que cria a nova agência noticiosa, dissolvendo ao mesmo tempo a ANI e transferindo todo o seu activo e passivo, bem como os seus direitos e obrigações para a ANOP.

Assim nos abandona a ANI, sigla durante anos e anos inteiramente identificada com o regime salazarista-caetanista,

porta-voz, mais que oficiosa, oficial, da propaganda fascista. Do 25 de Abril até agora, a ANI conseguiu, no entanto, apagar a mancha do seu pecado original. E de tal modo teve êxito que também ela, como outros meios de comunicação social, não escapou às críticas acerbas dos que confundem «independência» com a defesa de certas posições partidárias bem definidas, as suas.

Tudo isso pertence ao passado. A história da ANI está completa e pode começar desde já a ser feita. A partir de agora, novos tempos se aviznam. Estamos em tempos de ANOP.

LOGO À TARDE, EM LISBOA

SOLDADOS E POVO EM JORNADA DE LUTA

Lisboa vai viver hoje uma das jornadas de luta politicamente mais significativas dos últimos meses a esta parte. Trata-se da manifestação dos S.U.V., Soldados Unidos Vencerão, largamente anunciada, mas, por óbvias razões, envolta ainda de um certo segredo até à manhã do próprio dia para que está marcada: logo, ao fim da tarde, 19 e 30, princípio da noite, a começar com uma concentração no Terreiro do Paço. Pouco se sabe do que está a passar-se nas diversas unidades militares da capital, mas há notícia de que um número incalculável de soldados acorrem ao local de concentração para encorporar uma jornada de luta. Sabe-se que os mais deles virão fardados. Sabe-se ainda a crescente adesão que esta manifestação tem estado a merecer junto dos locais de trabalho, nos sindicatos, nas organizações populares e políticas progressistas. É a primeira demonstração pública que os S.U.V. fazem em Lisboa. Espera-se naturalmente que a jornada de hoje tenha proporções ainda vultosas do que a realizada há dias no Porto.

De resto, parece que foram criadas condições para que tal venha a verificar-se. Ele foi a animação da vida dentro dos quartéis. Ele foi a mais ou menos acentuada viragem política de que a generalidade dos observadores falam a propósito das mudanças que se concretizaram com a entrada em funções do VI Governo. E foi ainda, há esta semana, a prisão na E.P.I. de dois militares desta unidade, sob o pretexto de que detinham em seu poder precisamente panfletos da organização que promove a manifestação de hoje.

«Esta atitude por parte de um comando que já deu sobejas provas de reaccionarismo não nos surpreende — lê-se num comunicado S.U.V. ontem posto a circular, e referindo-se ao comando da E.P.I. em Mafra, responsável pela prisão do cabo Pinto e do furriel Figueiredo que se encontra detido na Trafaria. «Ela insere-se na ofensiva reaccionária que se verifica em vários quartéis, (EPSM, RALIS, RPM), o que está intimamente ligada ao avanço generalizado das forças fascistas, que neste momento usam a social-democracia como ponta de lança». Os SUV exigem a libertação imediata dos dois militares da E.P.I. Idêntica atitude assumiram outras unidades e bem assim co-

missões de moradores, trabalhadores, organizações políticas revolucionárias, como a L.C.I. e o M.E.S., por exemplo, que apoiam abertamente os S.U.V. e as suas formas de luta designadamente a manifestação marcada para hoje. Também a F.U.R. protesta contra as prisões verificadas e dá o seu apoio à manifestação. A FUR integra, como se sabe, o M.D.P., o M.E.S., a F.S.P., a L.C.I., a L.U.A.R. e o P.R.P.-B.R.

INÚMERAS ADESÕES

Tornou-se incontável o número de adesões à manifestação de hoje. Indiscriminadamente, registam-se posições de apoio assumidas e tornadas públicas por trabalhadores de seguros reunidos ontem no seu sindicato, trabalhadores da Empresa Nacional de Publicidade. Lista A candidata às eleições para os corpos gerentes dos Sindicatos dos Metalúrgicos, os trabalhadores da E.I.A., C.U.O.M., Comissão de Unidade Operária Metalúrgica (Lista B, para as eleições nos Metalúrgicos), Direcção da Academia de Santo Amaro, as comissões de moradores de Romeira, Pombal, Barrocas, Bairro e Cooperativa Pão-de-Áçúcar (num comunicado conjunto) trabalhadores da Companhia de Seguros Tagus, Comissões de Trabalhadores da COPAM, Sindicato dos Professores, Comissões Administrativas das juntas de freguesia do concelho de Loures, secretariado da assembleia popular da Amadora, trinta e sete comissões de poder popular de Setúbal (segundo «O Século» de hoje), Sindicato dos Têxteis, secretariado da Comissão de Moradores de Alcântara, os trabalhadores da H. Parry e Son-Estaleiros Navais. Os treze trabalhadores recentemente suspensos do Sindicato dos Escritórios, trabalhadores do Banco Português do Atlântico, trabalhadores da J. Pimenta, comitê de bairro dos Olivais Sul, comissões de moradores de Crina e Cruzeiro (Mem Martins), entre outras.

A.R.P.E.

Entretanto, foi criada no seio do Exército e no âmbito da classe de Praças, mais uma organização: a Acção Revolucionária de Praças do Exército, A.R.P.E. Isso pelo menos o que nos dá a saber um manifesto

de ontem para ontem posto a circular.

«A A.R.P.E. tem como objectivos centrais a união de todas as praças para a luta pelos seus direitos, contra a presença dos reaccionários nos quartéis, contra as estruturas e disciplina do Exército burguês, por uma disciplina revolucionária, por um Exército ao serviço dos trabalhadores e do progresso social» — lê-se, numa passagem do texto divulgado. «A A.R.P.E. procura dar o seu contributo para a construção do socialismo, para a construção duma sociedade justa e livre onde seja abolida a exploração do homem pelo homem. A A.R.P.E. tem consciência de que as posições revolucionárias não são exclusivas dos soldados. Sabe que entre os oficiais e sargentos, quer do quadro, quer milicianos, existem muitos revolucionários. Por isso a A.R.P.E. tudo fará para estreitar os laços com sargentos e oficiais progressistas.»

A A.R.P.E. inscreve no seu programa de acção a defesa dos interesses materiais, culturais e sociais dos soldados, nomeadamente: elevação do pré, transportes gratuitos, instalações condignas e boa alimentação, assistência à família, desenvolvimento da actividade cultural, fim do R.D.M. fascista (é assim que o texto classifica o Regulamento de Disciplina Militar, preconizando que este deve ser substituído por «um estatuto democrático e revolucionário para as F.A.»).

Trata-se, a julgar pelo texto de uma organização algo idêntica à S.U.V. Estarão a proliferar no seio das F.A. as organizações autónomas e de base? Uma leitura mais atenta do manifesto que a A.R.P.E. ontem divulgou dá-nos, em relação às posições expressas pela S.U.V., a impressão de que se trata de uma posição mais moderada. Não deixará certamente de parecer estranho que a A.R.P.E. não se refira, no seu manifesto, à S.U.V. Já pouco se faz referência à S.U.V. noutro panfleto logo a seguir divulgado. Este texto da A.R.P.E. contém, no entanto, uma saudação aos camaradas soldados da E.P.I. presos (a quem foi enviado um telegrama cujo texto se divulga), e uma moção referente aos deficientes das F.A. O texto desta moção, todavia termina com esta palavra de ordem: «Soldados Unidos Venceremos!».

CIDADE MARGINAL

Um murro na mesa do graduado

Dois funcionários da Marinha Mercante (Vaz e Cardoso) consideraram «um roubo» a conta que lhes foi apresentada num bar da Rua da Glória e, em resposta, estilhaçaram todas as cadeiras, copos e garrafas colocadas à sua volta. Para os dominar tornaram-se necessários os efectivos de três carros-patrulha da P.S.P. Depois na esquadra da Praça da Alegria proferiram frases consideradas ofensivas pelas autoridades e partiram a murro a mesa do graduado de serviço. Agora terão de pagar os prejuízos causados no bar (sete contos) e na esquadra (um conto), para além das penas em que poderão vir a ser condenados no Tribunal da Polícia.

FALSIFICADOR DE PARTE NENHUMA

O vendedor ambulante Agostinho Gomes, de 35 anos, ultrapassou uma barreira de «controle» montada pela Secção de Trânsito da P.S.P. à velocidade de 90 quilómetros/hora num ponto da Avenida da Índia onde o máximo permitido é de 60. Os agentes seguiram-lhe no encalço e Agostinho acabou por ser detido, vindo associar-se à primeira infracção o facto de conduzir com uma carta falsa, adquirida há dois anos, segundo confessou, por 4500 escudos a um desconhecido que costumava frequentar o Café Estrela Brilhante, em Campo de Ourique, mas que ele não conhecia «de parte nenhuma».

TRAFICANTES DE LIAMBA

Dois jovens estudantes de raça negra, provenientes de Luanda, foram detidos pela Guarda Fiscal, no Aeroporto da Portela, por transportarem no forro dos casacos grandes quantidades de ervas aromáticas e de liamba. Segundo as autoridades (João Marques Falcão, de 20 anos, e José Manuel de Jesus, de 22) já se dedicavam em Angola ao tráfico de drogas. Com eles vinha o médico suíço, Remi Russbach, que depois de revistado foi posto em liberdade.

OURIVES ASSASSINADO

Num local ermo da Estrada de Alcamê, nas proximidades de Vila Franca de Xira, desconhecidos assassinaram, por atropelamento, o ourives ambulante, Manuel Francisco Novo, de 50 anos, natural de Mira e residente em Coruche, roubando-lhe em seguida toda a mercadoria, cujo valor se calcula em mais de 300 contos.

GRANDIOSO FESTIVAL TAURINO

A FAVOR DO HOSPITAL DE S. JOÃO DE DEUS DE MONTEMOR-O-NOVO

CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA

EMÍDIO PINTO

CORREIA LOPES

MANUEL J. OLIVEIRA

(amador)

ESPADAS

MÁRIO COELHO

RICARDO CHIBANGA

JUANITO MARTINEZ

ANTÓNIO POEIRA

(novilheiro)

FORÇADOS

AMADORES DE ALCOCHETE

capitaneados por João Mimos

FORÇADOS

AMADORES DE MONTEMOR-O-NOVO

capitaneados por João Comendas

TOIROS

de Oliveiras & Irmão e Porto Alto



COIMBRA

Demitiu-se a C.A. da Câmara Municipal

Na sua sessão de ontem, a comissão administrativa da Câmara Municipal de Coimbra anunciou publicamente que decidira, em sessão privada demitir-se e pedir um inquérito à sua actividade.

A razão de ser desta atitude, justificada num ofício ontem enviado ao ministro da Administração Interna, foi explicada ao público numa declaração lida pelo professor dr. Carrington da Costa. De acordo com esta explicação, a comissão tomou a decisão de se demitir ao verificar que, decorridos 17 meses sobre o 25 de Abril, ainda não foram dadas às autarquias possibilidades de actuar em função dos problemas que a administração enfrenta. Sem

uma reforma fiscal e sem uma reforma que transforme o velho Código Administrativo num instrumento operacional de trabalho, todos os esforços das autarquias e da comissão de gestão de municípios estão necessariamente destinados a acabar num esbracejar descoordenado e inútil por falta de definição da política governamental sobre o assunto. A comissão, de acordo com as declarações ontem lidas, inteiramente os ministros da Administração Interna das dificuldades com que se debatia e da frustração que se estava a aporrear de populações dia a dia mais conscientes de que as câmaras não tinham a possibilidade de resolver os seus problemas. A

razão imediata que teria levado a comissão a demitir-se, porém, seria a sua discordância da forma como o Primeiro-Ministro pôs o problema das autarquias locais no discurso que proferiu ao dar posse ao VI Governo Provisório, nomeadamente quando afirmou que se iria proceder a uma revisão geral da sua situação e substituir, em prazos razoáveis, as comissões administrativas irregularesmente constituídas opostas à vontade democrática das populações ou de cuja actuação tenham resultado inconvenientes para a vida local, de forma a assegurar uma gestão eficiente e a fortalecer o apoio das populações aos órgãos da administração local.